



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológicas, Física e Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

SUSTENTA!
REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO,
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE EM UMA ESCOLA DE
ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL

Gabriela da Silva Azevedo

Brasília-DF

2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Instituto de Ciências Biológicas, Física e Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

SUSTENTA!
**REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO,
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE EM UMA ESCOLA DE
ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL**

Gabriela da Silva Azevedo

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de mestre.

Orientação: Prof^a. Dr^a Maria Rita Avanzi

Brasília-DF

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

GABRIELA DA SILVA AZEVEDO

SUSTENTA! REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE EM UMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de Ciências, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção de título de mestre.

Aprovada em 21 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^ª Dra. Maria Rita Avanzi
(Presidente)

Prof^ª Dra. Vera Margarida Lessa Catalão
(Membro externo não vinculado ao programa – FE/UNB)

Prof^ª Dra. Maria Luíza Gastal
(Membro interno vinculado ao programa – NECBIO/UNB)

Aos professores e às professoras do planeta Terra. Que a alegria habite os nossos corações. ALEGRIA!

Ao Beija-flor que me lembrou que é a flor que produz seu próprio néctar.

A GRATIDÃO QUE ME SUSTENTA

Às minhas famílias materna e paterna, uma só em meu coração Silva Azevedo.

A Lourinaldo e Rosângela por me darem o bem mais precioso, a vida.

Ao irmão Caio e ao primo-irmão Pedro.

Ao colo feminino que tanto me acolhe e nutre:

À minha mãe por todas as manifestações de carinho ao longo da minha vida e por ser um exemplo de coragem frente aos tantos desafios que já passamos.

À vó Biga, dinda Rosana e tia Nilda (*in memoriam*) matriarcas lindas do meu coração, ao cafuné que sempre organizou os pensamentos e emoções.

Às minhas afilhadas Juliana, Naomi e Kaila, verdadeiros presentes da vida. Que eu possa ajudar a deixar esse mundo um pouco melhor para vocês.

À todas as minhas amigas, bálsamo nessa vida. Que nossa ciranda sempre se fortaleça! Agradecimento especial à Lívia Rodrigues por me ceder sua casinha no paraíso e dias lindos de organização interna e externa e a tudo o mais que sempre somou em minha vida. À Lívia Maria (Tata), Mariana Vaz, Nádia Amor, Maria Rosa, Prabhavali e Sabrina, companheiras cuidadosas em cada momento dessa travessia. À Adriana (Drai) pelas boas risadas diante dos desafios e palavras certeiras nos momentos de dúvidas.

Aos meus amigos amados, homens admiráveis que enriquecem meu caminho e com quem tanto aprendo. Em especial aos amigos Marcus Rocha, Thiago da Mata e Flávio Bezerra por todo apoio, cuidado e carinho.

Aos docentes do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília pela disposição de compartilhar. Certamente o exemplo de vocês nos trazem as maiores lições sobre uma nova educação.

À profa. Maria Luiza Gastal pelo olhar que me acompanhou desde a graduação, a participação no PIBID, defesa do projeto e agora na banca.

À profa. Zara pelos chás com boas risadas e por aceitar fazer parte da minha banca.

À profa. Leila Chalub por compor a banca de qualificação de projeto e pelas importantes contribuições.

À profa. Vera Catalão por aceitar o convite para fazer parte da banca.

Aos companheiros e companheiras de estudos na jornada acadêmica do PPGEC. Que a inquietação e a alegria continuem a nos mover!

À Jesa, Carol e Luciene por todo o apoio e atenção.

À Secretaria de Educação do Distrito Federal pelo apoio na realização desse trabalho. À todas as pessoas da escola onde esse trabalho foi realizado, em especial, aos professores e gestores que colaboraram diretamente para que essa pesquisa se realizasse. Em especial ao coletivo Sustenta!

Por fim, à minha orientadora Maria Rita, pessoa que admiro a cada encontro um pouco mais. Uma dessas mulheres sábias que tive a honra de encontrar nessa vida. Sou imensamente grata pela orientação, pelo carinho, por valorizar e respeitar o meu trabalho e principalmente por me ajudar a ver a boniteza do que foi vivido.

À luz Divina que está em mim e em todos os seres.

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa-ação realizada junto a / e por um grupo docente de uma escola de ensino fundamental da cidade do Paranoá, Distrito Federal, Brasil. Os focos de reflexão estão no trabalho docente coletivo, nas dimensões da sustentabilidade, e na educação ambiental escolar. Foram registrados os caminhos da constituição de um grupo de trabalho e estudos e da inserção do debate acerca da educação ambiental e da sustentabilidade na unidade escolar. O histórico da instituição e das ações relacionadas à temática ambiental foi considerado como importante substrato para escolha dos passos e dos temas abordados no curso Sustenta! Resulta deste trabalho uma proposição de ação profissional na forma de uma proposta de curso com módulos compostos por oficinas temáticas que podem ser adaptadas para coordenações pedagógicas e diferentes contextos de formação docente continuada.

Palavras chaves: pesquisa-ação, grupo, formação docente.

ABSTRACT

This study is an action research conducted with / and a teacher group from a primary school of Paranoá city. The discussion focuses are in the collective teaching work, the dimensions of sustainability, and school environmental education. The establishment of the paths were recorded of a workgroup and studies and the insertion of the debate on environmental education and sustainability at schools. The history of the institution and the actions related to environmental issues was considered as an important substrate for choice of steps and the topics covered in the course Sustenta! Results of this work to professional action proposition in the form of a proposal for a course with modules composed of thematic workshops that can be adapted to the pedagogical coordination and the different contexts of teacher education.

Key words: action research, group, teacher education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE – Conselho Escolar
CEF – Centro de Ensino Fundamental
CNIJMA – Conferência Nacional Infanto-juvenil pelo Meio Ambiente
CNV - Comunicação não violenta
DCNEB - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica
IE – Instituição Escolar
ONG – Organização Não Governamental
PPGEC - Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências
PPP – Projeto Político Pedagógico
PDAF - Programa de Descentralização Administrativa e Financeira
SEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
UNB - Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Fotos apresentadas pela professora P1 como parte da Biografia Ecológica _____	46
Figura 2 Biografia Ecológica professora P4 _____	47
Figura 3 Biografia Ecológica Professor P5 _____	48
Figura 4 Desenho apresentado pelo professor P14 como Biografia Ecológica _____	53
Figura 5 Painéis pintados pelo professor P21 _____	81
Figura 6 Painel de sustentabilidade com as primeiras palavras e ilustrações em agosto de 2014. _____	90
Figura 7 Painel de sustentabilidade em setembro de 2014. _____	91
Figura 8 Painel de sustentabilidade em outubro de 2014. _____	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 – SOBRE AR, CORES E NUVENS: CONSTRUINDO UM REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	13
1.1. Grupos	13
1.2. Trabalho docente coletivo, Educação Ambiental e Sustentabilidade	15
1.3. Dimensões da Sustentabilidade e o trabalho coletivo com os docentes da escola	20
CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIAS DE VOOS: A METODOLOGIA DA PESQUISA	25
2.1 A instituição escolhida	26
2.2 O percurso da pesquisa	27
2.3. Para no ar: Curso Sustenta!	29
2.3.1 Pontos de forrageamento: a escolha dos materiais para alimentar o curso	30
2.3.2 Planos de aula do Curso Sustenta!	33
2.3.3 Onde Pousamos: descrição do processo vivenciado no Curso Sustenta!	37
CAPÍTULO 3 – SOB O MESMO CÉU, OS QUE VOARAM ANTES DE NÓS	39
3.1 Histórico da Instituição Escolar	39
3.2 Histórico de ações em EA contado pelos professores	42
3.2.1 Fragmentos da história da escola e de ações realizadas nos relatos ao longo do Curso Sustenta! / 2014 – contados pela professora P1.	44
3.3 Os sujeitos da pesquisa	45
3.3.1 Alinhavando biografias ecológicas dos sujeitos da pesquisa	59
CAPÍTULO 4 - VOANDO JUNTOS – A FORMAÇÃO DO GRUPO	61
4.1 A formação do grupo inicial: acompanhamento semanal nas coordenações coletivas e individuais	62
4.2 Constituição do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE) e formação da semente de Com-Vida	65
4.2.1 Participação na IV CNIJMA – Preparação, etapas e culminância	65
4.2.2 Reuniões periódicas da equipe de professores da escola	68
4.2.3 Encontros e ações do GTE - Reunião com o Conselho Escolar	69
4.3 GTE como autor de um programa coletivo de Educação Ambiental e sustentabilidade para a escola	75
4.3.1 As idas e vindas	76
4.3.2 Novos horizontes, novas rotas	82

CAPÍTULO 5 - NOSSOS VOOS	89
5.1. Dimensões da sustentabilidade	89
5.2 Diagnóstico	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CADA MOMENTO, UM CÉU.	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
APÊNDICES	107
I - TERMO DE CONSENTIMENTO	107
II - DESCRIÇÃO CURSO SUSTENTA!	109
III - SUSTENTA! PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DO PARANOÁ	133
IV - POESIAS ELABORADAS PELOS PROFESSORES PARA A ABERTURA DAS OFICINAS DO CURSO SUSTENTA!	141
V - PROPOSIÇÃO DE AÇÃO PROFISSIONAL	143
ANEXOS	
I - DINÂMICA: O CASO MIGUEL	154
II – TEXTOS E POESIAS PARA O CURSO SUSTENTA!	157

INTRODUÇÃO

A decisão de fazer mestrado chegou com a clareza de me tornar verdadeiramente professora, com isso me dei conta de que precisaria me nutrir e me preparar para esse passo de amadurecimento frente a profissão que eu escolhi. Digo verdadeiramente porque para mim essa clareza chegou aos poucos, como um florescimento depois de um tempo de atuação em sala de aula e de engajamento fora de sala.

Outro fator importante para a decisão de voltar a estudar foi encontrar uma escola que me acolheu e que me ajudou a sentir como parte de um coletivo docente, ainda que com desafios internos e externos. O CEF do Paranoá representa esse espaço escolhido para esse novo momento como professora. Acredito que pode ser interessante escolher uma escola para construir um caminho como professora, uma vez que eu pude perceber a importância da continuidade e dos vínculos formados com os componentes da instituição escolhida para trabalhar.

A escolha da licenciatura foi uma decisão ainda sem muita maturidade e sem a real noção do que significa trabalhar como professora. Ainda que com certa insegurança do caminho a seguir, o interesse pela educação me acompanhou durante toda a graduação. As disciplinas da licenciatura sempre traziam questões intrigantes para mim e moviam a vontade ainda não muito clara de trabalhar com pessoas. A educação ambiental e os temas ligados à sustentabilidade me inquietavam e me faziam questionar a atuação do biólogo nos desdobramentos do universo de conhecimentos produzidos pela ciência e suas implicações nas questões ambientais e sociais.

Durante a graduação participei de um projeto de extensão ligado ao Instituto de Psicologia da UnB, formado por uma equipe interdisciplinar que trabalhava com o lúdico, educação ambiental e saúde com crianças. Foi quando me dei conta que trabalhar com crianças não era um bicho de sete cabeças, e foi uma experiência muito bonita e alegre. Foi o meu primeiro contato com os estudos sobre desenvolvimento infantil, a importância da brincadeira na educação e também uma oportunidade de dar passos dentro da educação ambiental.

Outro marco importante na minha trajetória foi a participação no Projeto Rondon em 2008, projeto do Ministério da Defesa que envia universitários para apoiar municípios que apresentem demandas específicas. No município do Amapá (AP) vivi a oportunidade de montar um curso voltado para os professores do ensino fundamental I e os agentes de saúde. No curso trabalhamos questões na temática ambiental como destinação de resíduos, qualidade da água e saúde. A experiência no Rondon me ajudou a perceber a riqueza de trabalhar com um grupo interdisciplinar na elaboração das ações e a perceber o quão precioso é o contato com as pessoas, a troca, o crescimento, o espelhamento, os desafios da palavra e da ação.

Em 2008 trabalhei com Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Centro de Ensino Médio 01 São Sebastião no turno noturno. Trabalhar com adultos foi desafiador e prazeroso. Lecionei para duas turmas conteúdos de matemática, química e biologia. Por ficar muito tempo com minhas turmas, senti que ficamos próximos e foi um bom espaço para iniciar meu caminho como professora.

No ano de 2009 iniciei a minha atuação como professora efetiva no regime de 20 horas noturno no Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá e participei durante todo o ano do Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES/MEC. Com o PIBID recebi quatro alunos de graduação que trabalhavam de diferentes formas de acordo com a disponibilidade e demanda da escola com o uso de filmes, desenhos, histórias em quadrinhos e literatura. Montamos um curso realizado no turno contrário ao das aulas, com temas relacionados principalmente a evolução e genética.

As reuniões semanais do PIBID e a troca de experiência com os grupos das outras escolas envolvidas foram de grande importância e aprendizado para mim. O trabalho com o ensino regular e a parceria com o NECBio trouxeram um novo estímulo para a minha atuação como professora de biologia. O que me rendeu boas experiências de trocas, reflexões sobre a prática docente, uma pitada de arte e uma boa dose de coragem para propor projetos e levar ideias para as escolas que atuei.

No ano de 2010 decidi ampliar a minha carga horária na SEDF e passei a atuar no regime de 40 horas semanais. Com essa decisão comecei a dar aulas de Ciências Naturais no Centro de ensino fundamental Dra. Zilda Arns do Itapoã, onde permaneci por dois anos. A nova escola trouxe novos desafios. Era uma escola recém-inaugurada, precisando de diversos ajustes estruturais e logísticos. Lecionei para 5ª e 8ª séries.

Participei do último ano do programa Ciência em Foco e fiz as formações durante o ano de 2010. Outro curso que participei durante esse ano foi Profissionais de educação – Identidade, trabalho e ambiente. Que me apresentou à carreira de magistério e às questões educacionais que extrapolam o ambiente escolar, como questões políticas, legislação e o papel do professor nesse universo.

Os dois anos que trabalhei no CEF Dra. Zilda Arns do Itapoã me renderam muitos desafios no que tange a prática docente e as competências exigidas em um contexto complexo. Renderam também a certeza do meu interesse e comprometimento na formação de crianças e adolescentes e a certeza da importância do trabalho de um professor.

Em 2011, no momento em que buscava novas referências, fui apresentada à Escola da Natureza, onde fiz o curso Arte, Cultura e Meio Ambiente: Veredas da Interdisciplinaridade, com professor Estevão Monti e participei do VII Encontro de educadores ambientais do DF. O que abriu uma nova perspectiva e me ajudou a desenvolver projetos na escola como a horta pedagógica e o projeto com o filme “Lixo Extraordinário” do artista Vik Muniz.

Ainda com a necessidade de buscar novas referências, decidi mudar de escola e optei pelo Centro de Ensino Fundamental do Paranoá, conhecido pelo bom trabalho com inclusão de alunos com deficiência e por seu projeto de destinação de resíduos e coleta seletiva.

Em 2012 participei do II Circuito de Ciências das Escolas Públicas do Distrito Federal com o Painel dos Elementos da Natureza confeccionados pelas turmas nas quais lecionei. O projeto com foco na atmosfera e propriedades do ar, o fogo, propriedades e ciclo da água, estudo das rochas e formação dos solos. Foram usados episódios do desenho Avatar e o filme O Último Mestre do Ar, que tem como temática os “quatro elementos da natureza”. As discussões posteriores eram sobre a existência dos

elementos dentro e fora dos seres vivos. O produto final consistiu em 35 cartazes que formavam o painel dos elementos da natureza: Ar, água, terra, fogo e a união nos seres vivos.

A minha atuação em sala de aula no ensino regular, como professora de Ciências e Biologia no ensino fundamental e médio, foi acompanhada de muitas crises e inquietações. Embora gostasse muito do contato com as crianças e adolescentes, achava chato ficar presa à sala de aula e me sentia muitas vezes isolada e sem espaço dentro das escolas para compartilhar essas aflições. Anos depois, a ideia de transformar um espaço subutilizado da escola em uma alternativa à sala de aula foi o pontapé inicial para trabalhar coletivamente, uma vez que ações dessa natureza demandam um trabalho conjunto.

O interesse por temas comuns começou a agregar alguns professores no Centro de Ensino Fundamental do Paranoá, o que foi a semente da formação do grupo de trabalho e estudos sobre Sustentabilidade e Educação Ambiental. A ideia era fortalecer a temática ambiental na escola, trocar as informações sobre essa temática e criar estratégias dentro da realidade escolar. Uma tentativa de não caminhar sozinha, não me mover no isolamento, e de descobrir a alegria de conviver e de trocar. Dividir as dúvidas no caminho, dos próximos passos e das incertezas que cercam os/as professores (as).

A escolha de trabalhar com os professores (as) vem da vontade de trilhar um caminho de auto responsabilidade, empatia e acolhimento. A vontade de realmente estreitar os laços profissionais e pessoais com outros educadores. De cultivar a abertura para que o outro chegue com suas contribuições e seja escutado. Uma tentativa de diminuir cada vez mais os julgamentos sobre os meus pares, assumindo as minhas escolhas e pensando caminhos para a educação ambiental escolar na Secretaria de Educação do Distrito Federal.

A inserção da temática da sustentabilidade e educação ambiental nas escolas segue como um desafio. Ao pensar uma proposta coletiva, com a participação dos professores e de outros membros da comunidade escolar esse desafio cresce ainda mais.

A Lei 9597/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, afirma que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal” (BRASIL, 1999, Art. 2º). A mesma lei incumbe as instituições educativas a promover a educação ambiental de maneira integrada aos programas educacionais que desenvolvem.

O programa Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis (BRASIL, 2012) traz uma proposta para a construção de escolas sustentáveis e ressalta a importância de um projeto político pedagógico alinhado ao propósito de inserção da temática ambiental na instituição escolar. O Programa busca incentivar a cidadania ambiental, estimulando a responsabilidade e o engajamento individual e coletivo na transformação local e global.

O material de apoio para a IV Conferência Nacional Infância Juvenil para o Meio Ambiente considera as escolas como incubadoras de mudanças e os professores como

importantes agentes no processo de constituição de uma escola sustentável, uma vez que são os grandes articuladores junto aos componentes da comunidade escolar.

O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal (DISTRITO FEDERAL, 2013) argumenta que a sustentabilidade deve ser entendida como um princípio reorientador da educação. E não se trata de agregar mais um componente à matriz curricular ou mesmo de se restringir ao estudo e debate da educação ambiental, mas de reformular objetivos educacionais, de reorganizar o trabalho pedagógico e as metodologias.

Com base nesses documentos, o presente estudo se fundamenta em reflexões a respeito da importância do trabalho docente coletivo na estruturação de projetos de Educação Ambiental (EA) e sustentabilidade nas escolas de educação básica. Para o desenvolvimento deste estudo, a estruturação coletiva de ações educativas em torno da temática ambiental foi compreendida como uma oportunidade para ampliar as possibilidades de trabalhar a complexidade do tema no ambiente escolar. E, dessa forma, proporcionar a integração de diferentes áreas de conhecimento e atender a demanda da educação ambiental como tema transversal, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998).

Conforme registrado por Santos (2010), projetos coletivos se configuram como uma oportunidade de integração entre os docentes e entre a escola e a comunidade. GUIMARÃES *et al* (2009) indicam que as ações individualizadas dos professores geralmente produzem resultados pouco significativos e ampliam o sentimento de impotência desses educadores. Defendem, portanto, a realização de projetos coletivos em cada escola e também em uma rede de instituições escolares. Segundo os autores, a intenção desse movimento não é apenas a de criar uma soma de ações individualizadas, mas buscar “uma ação conjunta de um coletivo que interaja de alguma forma em suas práticas” (GUIMARÃES *et al*, 2009).

O planejamento de ações contínuas e integradas de EA no ambiente escolar está respaldado por essa abordagem coletiva e também por uma conexão com o projeto político pedagógico (PPP) da instituição. Desde 2005, o Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA (BRASIL, 2005) traz entre as linhas de atuação e estratégias: a formação de educadores e educadoras ambientais, a inserção da EA nas instituições de ensino com a inclusão nos projetos políticos pedagógicos e a reestruturação da educação em direção à sustentabilidade.

A instituição escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa é conhecida por seu histórico de projetos ligados à EA. Na história dessa escola estão ações ligadas à coleta seletiva de resíduos, à idealização de um pequeno parque com plantio de mudas arbóreas e propostas pedagógicas em educomunicação com a temática ambiental. Esse histórico me chamou a atenção e influenciou a minha escolha para fazer parte do corpo docente dessa instituição.

Embora a temática ambiental conste no histórico de projetos realizados na Instituição Escolar (IE), o registro no projeto político pedagógico (PPP) da escola sobre a temática EA e sustentabilidade era quase inexistente. No tempo em que estive em sala de aula, pude perceber a descontinuidade dos projetos em educação ambiental, a falta de motivação por parte de alguns docentes, dificuldade de articulação em grupo e entaves

na comunicação. Muitas dessas dificuldades derivam de um contexto que leva ao isolamento de alguns professores que atuam nessa temática, geralmente nas aulas de geografia e ciências naturais e da ausência de um projeto docente coletivo que represente as demandas da escola e facilite a integração das disciplinas. Um PPP que faça parte efetivamente da rotina da escola.

Por meio da participação, acompanhamento, e registro da estruturação de um Programa em Educação Ambiental e Sustentabilidade na escola, pretendo contribuir para outros projetos coletivos na educação formal ou não formal nesta e em outras instituições. Para tanto, o presente estudo se propõe a contribuir com reflexões a respeito da importância do trabalho docente coletivo na estruturação de projetos de EA e sustentabilidade nesta e em outras instituições escolares. Visa repensar as relações e a comunicação entre os docentes, para ampliar as possibilidades de trabalhar a complexidade do tema.

O grupo de professores envolvido com o trabalho buscou, dentro da experiência vivida, articular as iniciativas que já existiam, para sair de um aglomerado de projetos isolados para a construção de um programa comum, na tentativa de otimizar as ações futuras.

O PPP representa instrumento importante para a organização da escola, enquanto impulsionador de ações, e para o fortalecimento de atitudes democráticas. E o coletivo docente também tem um papel importante nesse processo. A escola escolhida não possuía um programa coletivo relacionado à sustentabilidade e EA, portanto, o PPP não abordava essas temáticas.

Com base no que foi apresentado, as questões de pesquisa a que me proponho neste estudo são:

Diante dos desafios e possibilidades levantados no acompanhamento da rotina escolar, como construir coletivamente uma proposta de EA e sustentabilidade para uma escola pública? Como a atuação de um coletivo docente pode ajudar na inserção dessas temáticas no cotidiano da escola?

Quais seriam as contribuições que a formação de um grupo docente de trabalho e estudos sobre EA e sua atuação na estruturação de um projeto coletivo de sustentabilidade podem trazer para a inserção dessas temáticas no PPP da escola e nas práticas pedagógicas?

Objetivos

Geral

Investigar a estruturação de um coletivo docente por meio do acompanhamento de um grupo de trabalho e estudos, que intenciona implementar um programa de EA e sustentabilidade para um Centro de Ensino Fundamental do Paranoá – DF.

Específicos

- Elaborar coletivamente projetos de educação ambiental e sustentabilidade que contribuam com o projeto político pedagógico de um Centro de Ensino Fundamental do Paranoá;
- Compreender possibilidades e limitações do processo de construção de um projeto de educação ambiental e sustentabilidade com um coletivo docente;
- Contribuir com reflexões a respeito de trabalho docente coletivo e educação ambiental escolar;
- Promover um curso de formação continuada de professores, pautado pelos princípios da educação e sustentabilidade ambiental, da comunicação não violenta e do trabalho docente coletivo e analisar suas potencialidades para uma proposição de ação profissional.

CAPÍTULO 1 – SOBRE AR, CORES E NUVENS: CONSTRUINDO UM REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE TRABALHO DOCENTE COLETIVO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O presente capítulo apresenta o aporte teórico que nos ajudou nos caminhos de reflexão sobre as temáticas relacionadas a esta dissertação. Apresento as referências sobre grupos, coletivos docentes e as nuances das escolhas para tratar sustentabilidade e educação ambiental (EA) na escola, com o intuito de mostrar cores vistas por outros que voaram antes de nós.

1.1. Grupos

Agir sozinho ou em grupo? Neste trabalho, defendo que nos permitirmos a entrar em contato com outras pessoas e universos pode nos ajudar a enriquecer nosso individual, apontar caminhos para a criatividade e nos ajudar a desenhar soluções. Em contrapartida, pode também nos levar a reorganizações internas constantes, demandar esforço de adaptações e desenhar novos desafios. Barros (2013, p.34) aponta os grupos como um convite a novas conexões “O que interessa em um grupo é como ele funciona, o que ele dispara e faz fazer”. Os desafios da escolha de estar em grupo se apresentam e geram crescimento, segundo Davini (1992, p.44) será um cruzamento de expectativas idealizadas e vínculos de amor e ódio, que vão compor o cenário grupal; ora ajudando a tarefa daquele grupo, ora atrapalhando-a.

No contexto escolar, as limitações das ações individuais ficam evidentes e nos levam para o coletivo, nos empurram a lidar com o/a outro/a, sobretudo se a intenção é extrapolar a atuação em sala de aula. O trabalho docente envolve esses dois modos de caminhar, o individual e o coletivo. O desafio dos professores se apresenta, possivelmente, nessa capacidade de achar o momento propício para a escolha do modo de caminhar, na busca de uma maneira de agir que disponibilize seu olhar e seus potenciais, com menor desgaste pessoal e institucional.

Procurei me alicerçar buscando a definição de grupo. O primeiro conceito que apresento é o de Pichón-Riviere (1998, p. 234) que define grupo como:

O conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade.

Pichon-Riviere (1998) em colaboração com Ana Quiroga caracterizam o que seriam os grupos dentro de psicologia social. Eles trazem o conceito de grupo operativo, considerando o grupo como uma estrutura básica de interação, o que converte de fato em unidade de trabalho e investigação. A palavra operativa, associada à definição de grupo, aparece nessa conceituação dos autores por ter como centro a tarefa. Privilegiam a tarefa grupal como caminho para a obtenção dos objetivos.

A técnica operativa de grupos, apresentada por Pichón-Riviere, tem como finalidade que seus integrantes aprendam a pensar em uma co-participação frente ao objeto de conhecimento, entendendo-se que pensamento e conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais.

Ainda dialogando com as ideias de Pichon-Riviere (1988, p. 56), “estar em um grupo, em um coletivo é uma oportunidade de reconhecer a si e o outro, em diálogo e intercâmbio permanente, que seguem uma trajetória em espiral”, o que move os integrantes de um grupo de lugar, os faz interagir e caminhar na realização de tarefas.

Madalena Freire (1997, p.23) fala sobre avanços e recuos na formação dos grupos:

Um grupo se constrói através da constância da presença de seus elementos, na constância da rotina e de suas atividades. (...) na organização sistematizada de encaminhamentos. (...) no espaço heterogêneo das diferenças entre cada participante. Enfrentando o medo que o diferente, o novo provoca, educando o risco de ousar. (...) A vida de um grupo tem vários sabores.

E ainda:

Quando o grupo existe – as pessoas se reúnem, fazem coisas juntas, criam projetos que querem realizar etc. O grupo existe, e trabalhar com ele pode levar à construção de outras histórias, outras conquistas. O grupo assim concebido é passível de conduzir, pelo confronto de identidades e dificuldades, a caminhos de solidariedade e cidadania. (BARROS, 2009 p. 312)

Barros (2009) problematiza/discute se a escolha de estar em grupo ajudaria a superar individualidades.

Como produzir um modo de subjetivação conectado ao devir e à multiplicidade, onde o grupo se pusesse como dispositivo para novos processos de constituição de subjetividade. (p.236)

No processo que resultou nesta dissertação privilegiamos o grupo, a organização do coletivo a partir da equipe de professores, pensando nos trabalhos com os estudantes e nos desdobramentos pedagógicos e organizacionais da escola. O coletivo docente que ali começou a se reconhecer se organizava ao redor de uma tarefa, ou tarefas que foram mudando ao longo da caminhada, inicialmente centrada em intervenções no espaço físico e, posteriormente, na inserção da sustentabilidade na escola e na reflexão sobre a EA.

Um grupo que se envolve em torno de uma tarefa comum dialoga com o Grupo Operativo apresentado por Pichón-Riviere. Não usamos a metodologia proposta pelo autor, mas reconhecemos que haviam tarefas em comum no coletivo que se uniu e assim nos aproximamos de seu conceito de grupo. Este grupo, foco das reflexões desta

dissertação, se diferenciou dentro da equipe de professores e de gestão da escola, chegamos assim na questão do trabalho docente coletivo.

1.2. Trabalho docente coletivo, Educação Ambiental e Sustentabilidade

Como bem registrado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB) (BRASIL, 2013) em seu marco conceitual, a EA é um processo em construção, não havendo consenso conceitual a seu respeito. Assim como esse importante documento, concebo neste trabalho a EA na perspectiva socioambiental, visando avançar na construção de uma cidadania responsável voltada para cultura de sustentabilidade socioambiental, responsável, crítica e participativa.

As DCNEB apontam que os sistemas de ensino devem promover as condições para que as instituições educacionais se constituam em espaços educadores sustentáveis com a intencionalidade de educar para a sustentabilidade socioambiental de suas comunidades, tornando-se referência para o seu território. Devem também divulgar e fomentar estudos e experiências realizados na área de EA.

Santos (2010) ressalta que a sustentabilidade de um trabalho no ambiente escolar “depende da arte da persistência, do fortalecimento do grupo sujeito da mudança, de formação permanente e do apoio institucional” (p. 164). Com base no trabalho desenvolvido por essa autora, esta pesquisa se fundamenta na importância do trabalho docente coletivo para o desenvolvimento de EA em ambientes escolares. A escolha desse caminho nos traz a perspectiva política da educação ambiental, que é uma perspectiva das relações entre sujeitos. Como um grupo de professores pode possibilitar o uso sustentável do espaço da escola, considerando as relações que perpassam esse modo de uso do espaço como a equipe de professores, em diálogo com a equipe de gestão, com funcionários da escola e com os pais, pode trazer a discussão sobre sustentabilidade e EA para o espaço escolar?

A referência ao trabalho coletivo nesta pesquisa como suporte para um projeto de EA na escola vem como um contraponto ao isolamento do docente em seu trabalho cotidiano. Perrenoud (2001) fala da “ilusão de que cada professor é um combatente solitário” (p. 186) e considera que a organização da escola reforça esse pensamento.

Bossle (2008) se baseia na obra de Bauman (1990) para a interpretação das concepções e das perspectivas da construção do trabalho coletivo:

[...] o entendimento de que a atual estrutura econômica, política e social que tem configurado a contemporaneidade ou a “modernidade líquida” tem, entre outras de suas muitas ações e efeitos, criado meios para desestruturar o agir coletivo. Entendendo que estamos inseridos em um ambiente fluido, onde as estruturas e as relações constituídas na modernidade sólida não conseguem garantir segurança às pessoas, sobram as

incertezas e os medos de estar sozinho por não acompanhar a velocidade das mudanças. (p. 225)

Com base nisso, esse autor apresenta as dificuldades advindas das divergências entre o grupo docente e a gestão de uma das escolas analisadas em sua pesquisa, bem como as divergências dentro do grupo docente. O autor evidencia também as dificuldades de comunicação em meio à dinâmica do cotidiano escolar analisado, os momentos de desânimo e descrença no trabalho coletivo, dele e do grupo.

Dentre os fatores que influenciariam o trabalho docente coletivo, Tardif e Lessard (2005) apontam o tamanho da escola, o número de professores, a estabilidade profissional dos docentes nas instituições de ensino e a existência de um projeto coletivo. Advogam que os envolvimento dos professores com seus pares, com os estudantes e com a equipe diretiva, assim como a distribuição dos espaços físicos, podem favorecer ou limitar a construção de práticas coletivas.

No cotidiano escolar e na construção de projetos comuns entre seus atores, trabalho coletivo e projeto político pedagógico se retroalimentam. E como citado por Bossle (2008) “Torna-se complexo pensar se não há trabalho docente coletivo porque não há projeto pedagógico ou se não há projeto pedagógico porque não há coletivo docente de trabalho” (p. 257). Esse autor discute se é possível pensar a existência de um trabalho docente coletivo sem o referencial de um projeto pedagógico.

O desafio é buscar caminhos para que a dinâmica e o cotidiano escolar não direcionem o professor à escolha por resolver os problemas de maneira isolada.

No que diz respeito às ações de EA no espaço escolar, o trabalho coletivo docente constitui-se em um elemento muito importante para o desenvolvimento de projetos que superem as ações pontuais.

Santos (2010) descreve a dificuldade de continuidade de um projeto de EA devido ao não envolvimento dos professores e da coordenação da escola. Lima (2012) aponta alguns dos aspectos que dificultam o engajamento docente em projetos de EA nas escolas públicas do Distrito Federal: a não prioridade da temática ambiental, a descontinuidade dos projetos de EA, superficialidade das abordagens, desarticulação entre as disciplinas, relações de poder, dificuldade de comunicação, entre outros fatores. Feitosa e Figueiredo (2013) investigaram como os integrantes de um grupo de pesquisa/estudo em EA concebiam as experiências formativas no grupo e registraram que os membros consideraram como uma possibilidade de formação humana colaborativa, estimulando a criatividade, a diversidade de pontos de vista e os laços de companheirismo.

Podemos dizer que, dentro do grande leque e nuances que a EA apresenta, escolhemos neste trabalho a que inclui os sujeitos em grupos sociais. O grupo situado entre o indivíduo e a sociedade.

Sauvé (2005) apresenta quinze correntes de EA, das quais ela cita que são de longa tradição: a naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sistêmica, científica, humanista, moral/ética. A autora considera como mais recentes as correntes:

holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, ecoeducação e da sustentabilidade. São categorizadas em função de quatro parâmetros: a concepção do meio ambiente, a intenção central da EA, os enfoques privilegiados e os exemplos das estratégias ou de modelos que ilustram as correntes.

Dentre as perspectivas apresentadas pela autora, este trabalho se aproxima das vertentes:

- Humanista – que, segundo a autora, convoca o sensorial, a sensibilidade afetiva e a criatividade, considerando o saber do grupo. Tem como objetivo desenvolver um sentimento de pertencimento.
- Holística – por considerar a globalidade e a complexidade de um ser-no-mundo, referindo-se à totalidade de cada ser, de cada realidade, e à rede de relações que une os seres entre si em conjuntos em que eles adquirem sentido.
- Crítica social – que propõe valores de coletividade e de cooperação, possui característica interdisciplinar, considerando teoria e ação estreitamente ligadas, pauta-se pelo diálogo de saberes e por uma perspectiva de emancipação e de libertação de alienações quanto às relações de poder.
- Etnográfica – considerando que um de seus objetivos está relacionado à valorização da dimensão cultural.
- Prática – por ter como objetivo aprender em, para e pela ação.

No presente trabalho, a EA é compreendida a partir da escolha de trabalhar no coletivo, superando o foco da mudança de comportamento para a formação de atitudes que considerem um sujeito que tem uma inserção política, focando, portanto, as relações que se estabelecem no ambiente escolar e na sociedade. Parte, da compreensão do contexto socioeconômico e cultural como um dos aspectos da problemática ambiental, portanto trata-se de uma concepção de EA que busca a não separação entre natureza e cultura, ou seja, que compreende o ambiente para além da ideia de uma natureza intocada. Trata-se de um ambiente que se configura a partir das relações entre natureza, sociedade e cultura.

O caminho escolhido de atuação coletiva, considerando a escola como um espaço de construção e inspiração para as demais esferas da sociedade, nos faz encontrar com o que apresenta Sauvé (2005, p.13):

A EA visa a induzir dinâmicas sociais, de início na comunidade local e, posteriormente, em redes mais amplas de solidariedade, promovendo a abordagem colaborativa e crítica das realidades socioambientais e uma compreensão autônoma e criativa dos problemas que se apresentam e das soluções possíveis para eles.

Outro aspecto aqui considerado é a educação escolar como condição indispensável para a sustentabilidade. A educação formal compreendida como um dos pontos de partida junto à educação familiar e comunitária rumo à construção de uma sociedade sustentável. Essa educação formal encontra desafios que não se restringem ao

tratamento da questão ambiental, mas se mostram em sentido mais amplo e que, muitas vezes, dificultam a prática da EA como almejamos.

Dentre esses desafios, podemos citar a formação docente (LIMA, 2013) e suas limitações para tratar uma visão complexa de ambiente (MORIN, 2011), restringindo-se a abordagens ainda compartimentalizadas, o que reflete nas práticas escolares. Segundo Morin (2011), a complexidade:

[é] como um tecido de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas, que se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza.

A dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito das inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição. (MORIN, 2011 p.13 e 14)

Leff (2001, p. 243) diz que a EA está longe de ter penetrado e trazido uma nova compreensão do mundo no sistema educacional formal e aponta como necessária uma visão de multicausalidade e das inter-relações dos diferentes processos que integram o mundo para a compreensão da complexidade, gerando um pensamento crítico e criativo.

Certa vez, escutei a expressão “trocar o pneu com o carro andando”, penso que isso se aplica ao momento que vivemos. Em muitos contextos reconhecemos os desafios que temos como professores, apontados por estudos, por práticas que não deram certo, pelo desestímulo e por resultados insatisfatórios nas nossas escolas. Mas temos algumas ferramentas para buscar as mudanças necessárias e *trocar as peças*. O carro está andando, experiências exitosas também se apresentam, precisamos seguir.

Só conseguimos mudar o que conseguimos identificar, reconhecer como algo que precisa de *ajustes* ou *trocas*. Algumas mudanças são individuais, outras necessariamente coletivas, em muitos casos esses movimentos de transformação acontecem ao mesmo tempo e trazem a perspectiva de busca por uma nova racionalidade (LEFF, 2001).

Mas o que precisaríamos mudar/(re)construir para alcançar a almejada sustentabilidade nas escolas? O que queremos com essa tal sustentabilidade?

Escolho começar com a conceituação de sustentabilidade apresentada por Leonardo Boff (2012, p.1):

Sustentabilidade é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais, físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando a sua continuidade e ainda a atender as necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução.

Embora muito ampla, essa definição aponta para o fim da destruição, da falta de zelo e dá preferência à vida. Coloca todas as manifestações de vida como o foco principal. Entendo que a atitude do cuidado se destaca nesse conceito proposto pelo autor e nos aponta indicativos para as mudanças necessárias. Em outro texto, Boff (2011, p. 2) destaca a importância da dimensão do cuidado ao tratar o conceito de sustentabilidade. Afirma que:

(...) se a sustentabilidade representa o lado mais objetivo, ambiental, econômico e social da gestão dos bens naturais e de sua distribuição, o cuidado denota mais seu lado subjetivo: as atitudes, os valores éticos e espirituais que acompanham todo esse processo sem os quais a própria sustentabilidade não acontece ou não se garante a médio e longo prazo. (...) Sustentabilidade e cuidado, juntos, nos mostram um caminho a seguir.

Concordando com Boff, nesta dissertação foi compreendido que o cuidado é uma das bases da sustentabilidade. Os termos sustentabilidade e sustentável sofreram grande desgaste e apropriações a diversos contextos. Boff (2004) alerta para as contradições contida no termo desenvolvimento sustentável que, em muitos casos, serviu apenas para dar nova roupagem ao sistema econômico vigente e manter desigualdades sociais e exploração de pessoas e recursos. Além de ser uma expressão antropocêntrica, desconsiderando os outros seres vivos ou submetendo-os aos humanos.

Assim é possível ver parte da pluralidade de pensamentos sobre sustentabilidade e sobre os caminhos para o enfrentamento da crise que vivemos, e ficamos atentos ao uso dos termos e aos interesses a que eles atendem. Leff (2001, p.236) nos lembra que a crise ambiental marca os limites para a mudança da racionalidade social, orientada por novos valores e saberes. Apresenta três pontos de fratura e renovação que caracterizam essa crise: a) os limites do crescimento e a construção de um novo paradigma de produção sustentável; b) a fragmentação do conhecimento e a emergência da teoria de sistemas e do pensamento da complexidade; c) o questionamento da concentração do poder do Estado e do mercado e a reivindicação por democracia, equidade, justiça, participação, autonomia e cidadania.

Leff (2001) fala sobre a impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e reverter suas causas sem que ocorra uma mudança radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos gerados pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento.

A questão ambiental precisa ser vista em sua complexidade. Nas palavras de Pedro Jacobi (2003):

Refletir sobre a complexidade ambiental abre uma estimulante oportunidade para compreender a gestação de novos atores sociais que se mobilizam para a apropriação da natureza, para um processo educativo articulado e compromissado com a sustentabilidade e a participação, apoiado numa lógica que privilegia o diálogo e a interdependência de diferentes áreas de

saber. Mas também questiona valores e premissas que norteiam as práticas sociais prevalecentes, implicando mudança na forma de pensar e transformação no conhecimento e nas práticas educativas.

Há uma demanda atual para que a sociedade esteja mais motivada e mobilizada para assumir um papel mais propositivo frente às questões ambientais. A problemática ambiental representa também a possibilidade de abertura de estimulantes espaços para implementar alternativas diversificadas de democracia participativa, notadamente a garantia do acesso à informação e a consolidação de canais abertos para uma participação plural.

A Carta da Terra apresenta três princípios que dialogam diretamente com esta dissertação:

Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas;

Integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável

Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

O desafio é, pois, o de formular uma EA que seja crítica e inovadora, em dois níveis: formal e não formal. Assim a EA é, acima de tudo, um ato político voltado para a transformação social. Para Sorrentino (1998 *apud* Jacobi), os grandes desafios para os educadores ambientais são, de um lado, o resgate e o desenvolvimento de valores e comportamentos (confiança, respeito mútuo, responsabilidade, compromisso, solidariedade e iniciativa) e de outro, o estímulo a uma visão global e crítica das questões ambientais e a promoção de um enfoque interdisciplinar que resgate e construa saberes.

O principal eixo de atuação da EA deve buscar, acima de tudo, a solidariedade, a igualdade e o respeito à diferença por meio de formas democráticas de atuação baseadas em práticas interativas e dialógicas (JACOBI, 2003).

1.3. Dimensões da Sustentabilidade e o trabalho coletivo com os docentes da escola

Neste trabalho foram consideradas as seguintes dimensões do conceito de sustentabilidade: ecológica, cultural, intersubjetiva, sócio-econômica e política.

A proposição dessas dimensões para este trabalho foi inspirada em autores de referência na área (LEFF, 2001; BOFF, 2011, 2012; JACOBI, 2003; SACHS, 2000). Foram consideradas, em especial, as dimensões da sustentabilidade propostas por Inacy Sachs (2000), a saber: social, econômica, ecológica, cultural, política, espacial, ambiental.

As dimensões social e econômica, propostas pelo autor, foram aqui tratadas conjuntamente, compreendendo a melhoria da qualidade de vida da população, a equidade na distribuição de renda e diminuição das diferenças sociais, aliadas à compatibilidade entre padrões de produção e consumo, e ao acesso à ciência e tecnologia.

Segundo Sachs (2000, p.86) a dimensão ecológica da sustentabilidade compreende “o uso de recursos naturais por meio da minimização de danos aos sistemas de sustentação da vida”. Neste trabalho, não consideramos a natureza como recurso, mas como bem comum, portanto aqui a dimensão ecológica compreende as relações biofísicas do ambiente, envolvendo interação entre sistemas sociais e ecossistemas.

As dimensões cultural e espacial propostas por Sachs (2000) foram tratadas conjuntamente aqui como dimensão cultural, que compreende a rede de significados atribuídos ao ambiente pelos sujeitos que com ele interagem, sendo esses sujeitos compreendidos em seus contextos histórico-culturais. Envolve o respeito à diversidade de saberes e valores que compõem esses contextos.

A dimensão intersubjetiva aqui tratada não dialoga diretamente com as proposições de Sachs. Foi pensada para demarcar a presença da subjetividade nas relações que os sujeitos estabelecem entre si, desde relações pessoais a negociações políticas. Envolve a autocompreensão do indivíduo, sua subjetividade e seu pertencimento a um grupo, bem como a interação do indivíduo com o outro na composição de um trabalho coletivo. Para esta dimensão é importante o trabalho com a autoestima dos sujeitos envolvidos no processo. A autoestima saudável é um atributo fundamental para o desenvolvimento da resiliência, pois cria um terreno fértil ao aprendizado pessoal, abertura para novas visões e capacidade de interagir saudavelmente com o outro e com a vida (CAMAROTTI, 2013).

Não será real o sentimento de boa autoestima se não estiver acompanhado da capacidade de escutar o outro, sentir suas necessidades e valorizar a sua contribuição no processo. Entender as relações humanas e sociais como um processo sistêmico e autotransformador é condição básica para o desenvolvimento da autoestima (CAMAROTTI, 2013, p.42).

Além disso, são contempladas as relações que se estabelecem entre os sujeitos envolvidos em projetos de sustentabilidade. A busca por relações horizontalizadas e democráticas, entendendo o crescimento como possibilidade coletiva e interativa. São considerados os modos próprios de pensar o mundo e, principalmente, de pensar a si mesmo e as relações com os outros neste mundo (CARVALHO, 2004). Neste sentido, aproxima-se da noção de comunidades interpretativas quando considera a “importância do outro em nosso movimento de produzir sentidos e significados ao procurarmos compreensão acerca do mundo” (AVANZI; MALAGODI, 2005, p. 96). E, à medida que amplia a capacidade de articulação entre indivíduos, grupos e movimentos, essa dimensão intersubjetiva desdobra-se na perspectiva política da EA pelo caminho do coletivo da escola e da formação de um grupo que se prepara para interagir com outros grupos.

A dimensão política da sustentabilidade, por sua vez, estende-se para as relações e negociações entre grupos, desde a organização em foco (no caso a escola),

ampliando para as organizações com as quais interage no contexto local (Secretaria de Educação, Região administrativa em que a escola se localiza), regional (no caso, o Distrito Federal e entorno), nacional (esfera federal), global (planeta).

O princípio nº 4 do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis diz que “a educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político, baseado em valores para a transformação social”. Tal perspectiva é reforçada por Gadotti quando afirma que “o ato educativo é essencialmente político. (...) não acredito numa educação neutra: ou fazemos uma pedagogia do oprimido ou fazemos uma pedagogia contra ele” (GADOTTI 2008, p. 57).

Para Carvalho (2004) “contribuir para a constituição de uma atitude ecológica caracteriza a principal aspiração da EA” (p. 69). Os educadores que passam a cultivar as ideias e sensibilidades ecológicas em sua prática educativa estão sendo portadores dos ideais do sujeito ecológico. Essa perspectiva dialoga com a dimensão ecológica da sustentabilidade ao projetar que esses sujeitos “vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados” (p. 65).

Os caminhos trilhados nesta dissertação para a constituição de um trabalho docente na escola configuraram-se no formato de um curso, conforme será detalhado no capítulo seguinte. A escolha de muitos dos temas abordados no curso Sustenta! visava um alinhamento desses propósitos acima apresentados com o que era demandado pelo próprio grupo de professores da escola. O conceito de cuidado foi a base da escolha dos temas do curso. Para cuidar da escola era preciso cuidar do coletivo que sustenta esse trabalho na escola. Boff (2011) diz que cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro.

Neste sentido, o curso encontra respaldo também na política pública de Escolas Sustentáveis, proposta pelo Ministério de Educação. De acordo com Sato e Trajber (2010), o princípio fundamental da política para Escolas Sustentáveis é a compreensão das escolas de educação básica como “incubadoras de mudanças”. A proposta busca, a partir de espaços educadores sustentáveis, incentivar a investigação, pesquisa, descoberta, autonomia, sonhos e possibilidades, assim como o pensamento crítico e inovador. A proposta se fundamenta na educação para a sustentabilidade, integrando currículo, comunidade e práticas.

Ao contrário de uma EA comportamentalista, escolhemos um caminho de pensar um projeto coletivo que envolvesse a constituição de um grupo inserido no território escola, no espaço escolar e no diálogo entre os diferentes segmentos da escola.

A busca pelo outro, pelo diálogo, foi a base do trabalho, como o dito por Boff (2011, p.139):

O rosto do outro torna impossível a indiferença. O rosto do outro me obriga a tomar a posição porque fala, provoca, e-voca e con-voca.
(...)

Cuidar do outro é zelar para que esta dialogação, esta ação de dialética eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e de amortização.

Lidar com as pessoas demanda esse cuidado, que nos permite sair de nós mesmos e ir em direção ao outro. O cuidado nas diferentes instâncias é que nos permite essa aproximação, iniciando-se pelo autocuidado, pelo acolher a si mesmo, para então acolher o outro com empatia.

É uma aventura o ato de confiar. A confiança no grupo que dialoga como base para se mostrar e criar exige essa entrega ao desconhecido. A proposta desenvolvida nesta dissertação alia o fazer ao diálogo e ao criar juntos. A experiência vivida pelo grupo, seus registros e produtos, são momentos para viver esse nível de confiança.

CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIAS DE VOOS: A METODOLOGIA DA PESQUISA

"Escuta, meu irmão, escuta este silêncio. O erro da pessoa é pensar que os silêncios são todos iguais. Enquanto não: há distintas qualidades de silêncios."

(COUTO, Mia. Estórias abensonhadas. In: **O cego Estrelinho**).

A fundamentação metodológica deste trabalho se inicia com a leitura de Bogdan e Biklen (1994) que me apresentaram o universo da pesquisa qualitativa e suas peculiaridades. Segundo esses autores, a inserção do investigador no ambiente e situação investigados, o caráter descritivo dos dados obtidos, a preocupação maior com o processo da pesquisa do que com o resultado, a análise dos dados de forma indutiva e a busca por capturar a perspectiva dos participantes são algumas características da pesquisa qualitativa.

Trata-se de uma investigação qualitativa com elementos da pesquisa-ação (BARBIER, 2007). Costa (1991) destaca a importância da pesquisa-ação na instituição escolar como uma proposta de ação coletiva e colaborativa que visa estimular estudantes ou docentes a se aprofundarem na compreensão de sua própria prática com vistas à sua emancipação.

Os elementos da pesquisa-ação presentes neste trabalho são: a não separação entre pesquisadora e pesquisados, a implicação e a escuta sensível. Sobre o primeiro elemento, os professores participantes desta investigação são também considerados sujeitos da produção do conhecimento, ainda que sejam admitidas diferenças quanto à atuação da pesquisadora e dos sujeitos da pesquisa. O pesquisador se vê como incluído no campo que investiga, e sua ação modifica o objeto estudado (BARROS, 2013).

Embora o coletivo de professores da escola não tenha assumido um papel ativo nos procedimentos de pesquisa empregados, considero que a presente pesquisa se enquadra como Pesquisa-Ação na perspectiva de Barbier. Foi informado ao grupo que todo o processo que estávamos vivendo seria observado e estudado, o canal de comunicação se manteve aberto no decorrer de toda a nossa caminhada. O coletivo possuía autonomia e participação decisória na condução das ações. Com relação à implicação, conceituada por Barbier (2007, p. 101) como:

[...] o engajamento pessoal e coletivo do pesquisador, em e por suas práxis científicas, em função de sua história familiar e libidinal, de suas posições passada e atual nas relações de produção e de classes, e de seu projeto sociopolítico em ato, de tal sorte que o investimento, que é necessariamente resultante disso, é parte integrante e dinâmica de toda atividade de conhecimento.

Esclareço que como pesquisadora optei por colocar minhas emoções, meu imaginário e minha presença no relato acerca do trabalho desenvolvido na escola, escolhendo usar a primeira pessoa do singular na maior parte do meu texto.

Ao longo dos dois anos de desenvolvimento do trabalho, dentro das minhas limitações, fiz uso da escuta sensível, procurando, com empatia, me manter receptiva ao que chegava dos sujeitos envolvidos e buscando captar os universos que se apresentavam. O vínculo afetivo com a escola, a proximidade com alguns professores que faziam, e ainda fazem, parte do grupo e o engajamento pessoal com relação ao tema evidenciam a minha implicação com a pesquisa desenvolvida (BARBIER, 2007).

O processo foi acompanhado por meio de observação participante (BOGDAN; BIKLEN, 1994; ANDRÉ, 2008) com minha presença periódica na escola, como pesquisadora e componente do grupo de professores, com o acompanhamento da rotina escolar e participação nos espaços de decisão, tais como as reuniões de coordenação pedagógica e algumas do conselho escolar (CE).

Os registros foram feitos por meio de notas de campo (MEYER, 2008; BOGDAN; BIKLEN, 1994), registros em fotos e gravação em áudio nas diversas etapas da pesquisa que descrevo no próximo item (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Meyers (2008) argumenta sobre a importância de registros por meio de Notas de Campos e indica a riqueza dos escritos pessoais para a compreensão do momento singular que se registra.

No início da pesquisa, considero que minhas formas de escuta e observação eram não codificadas ou estruturadas. Barbier (2007) denomina esse tipo de registro como Técnicas do Banal e do Cotidiano, dentro do instrumento de pesquisa Observação Participante Existencial.

O aprendizado relacionado aos registros se fortaleceu com a leitura de Barbosa e Hess (2010, p. 15) que apresentam o Diário de Pesquisa como:

[...] recurso processual capaz de auxiliá-lo em sua autoformação, entendida aqui a partir de tríplice perspectiva: Formação para a pesquisa; para a escrita e, principalmente, formação de si como autor de sua atuação no social da vida cotidiana.

A experiência do registro foi bastante desafiadora para mim, sobretudo até perceber que os momentos e situações dos registros trazem qualidades de informações diferenciadas. Reconheço que em muitos momentos posso ter deixado de registrar nuances que seriam possíveis captar com um registro mais preciso, feito no calor do acontecimento e a posterior elaboração das informações coletadas.

2.1 A instituição escolhida

O Centro de Ensino Fundamental (CEF) está localizado na cidade do Paranoá, recebe alunos do sexto ao nono ano do ensino fundamental, provenientes principalmente das cidades do Paranoá e Itapoã, regiões administrativas do Distrito Federal. A escola conta com uma sala de Educação de Jovens e Adultos Interventiva, que atende jovens com necessidades especiais e com uma sala de recursos. Ao todo a

escola possui 1294 estudantes no ensino regular nos três turnos, 523 estudantes da Educação de Jovens e Adultos, 30 estudantes de ensino especial e 97 professores.

O espaço da escola é composto por 19 salas de aula, dois laboratórios, biblioteca, cantina, duas quadras poliesportivas, uma sala de múltiplas funções usada como auditório, secretaria, direção, serviço de orientação pedagógica, sala dos professores, sala de coordenação pedagógica. É importante registrar outros espaços como a sala rádio escola, salas da educação integral, laboratório de informática, jardins, horta pedagógica, espaço de coleta seletiva, sala de estudos dos professores e uma área verde localizada ao lado das quadras. A escola possui rampas de acessibilidade nas principais entradas da escola e um elevador no bloco de salas de aula, que necessita de constantes manutenções, o que restringe o uso. O acesso às quadras poliesportivas também é limitado devido às condições precárias das rampas de acesso. É importante registrar o amplo pátio externo, onde acontecem os encontros, reuniões e celebrações que envolvem a comunidade escolar.

2.2 O percurso da pesquisa

O trabalho se desenvolveu nas etapas:

1. encontros periódicos com os professores em reuniões de coordenação e acompanhamento da rotina escolar, com formação do grupo de trabalho e estudos sobre sustentabilidade (GTE/ Com-Vida);
2. levantamento do histórico das ações de sustentabilidade desenvolvidas na escola;
3. realização de um curso, denominado Sustenta, no formato de oficinas, visando como produto final a elaboração de um programa de Educação Ambiental (EA) e sustentabilidade para a escola;
4. transcrição e análise dos registros dos encontros
5. devolutiva das reflexões desenvolvidas nesta pesquisa ao grupo de professores participantes

Etapa 1 - Encontros periódicos com os professores em reuniões de coordenação – esta primeira etapa compreendeu o acompanhamento da rotina escolar por meio do registro dos encontros e reuniões, o que contribuiu para o desenho do projeto de pesquisa. Dessas reuniões periódicas, resultou um grupo de trabalho e estudos (GTE) sobre sustentabilidade na escola. As atividades desta etapa foram registradas em notas de campo e algumas também em áudio e fotografias.

Etapa 2 - Levantamento do histórico das ações de sustentabilidade desenvolvidas na escola, bem como de projetos e ações considerados dentro da temática de educação ambiental e sustentabilidade. Esse levantamento foi feito por meio de entrevistas exploratórias (BOGDAN; BIKLEN, 1994) com dois professores que idealizaram ações e projetos na escola anteriormente à formação do grupo de trabalho e estudos, registradas em áudio. Segundo esses autores, a entrevista exploratória tem por objetivo

a compreensão geral das perspectivas sobre um tópico, que no caso desta investigação foi o histórico supracitado.

Etapa 3 - envolveu a realização de um curso no formato de oficinas, para tratar EA e sustentabilidade na escola, que se constituiu em subsídio para a elaboração da proposta de ação profissional desta dissertação. O curso foi realizado para duas turmas de professores, no total de 22 participantes, da própria escola, nos horários de coordenação coletiva, todas as terças-feiras nos turnos matutino e vespertino, durante dois meses, totalizando oito encontros de duas horas. O formato do curso permitiu o compartilhamento de ideias, referências e materiais didáticos sobre o tema em estudo. Todos os encontros foram registrados em áudio e alguns em fotos.

Etapa 4 - consistiu na transcrição dos registros em áudio e análise de todo o material com base no referencial teórico. Na análise, os dados produzidos foram abordados em dois grandes temas de interesse para esta dissertação: a) trabalho coletivo; b) dimensões da sustentabilidade. Para o primeiro tema, foram considerados: a trajetória da formação do grupo, os sentidos atribuídos pelos sujeitos da pesquisa ao trabalho coletivo, as dificuldades e os caminhos trilhados pelo grupo para sua realização na escola. Para a análise do segundo tema, sustentabilidade, foram utilizadas categorias para agrupar os momentos do curso e trechos das transcrições. As categorias foram elaboradas *a priori* a partir dos estudos teóricos e orientaram também os eixos temáticos do curso.

Etapa 5 - De posse dos resultados sobre a formação do grupo, foi agendada uma devolutiva aos professores que participaram do GTE e do curso, visando uma reflexão coletiva e possíveis ajustes, o que mantém a coerência com a opção metodológica que orienta esta pesquisa. Os professores tiveram contato com fragmentos das suas histórias, contadas por meio de trechos retirados das biografias ecológicas. No encontro foram entregues os certificados do Curso Sustenta!

Ainda que sem uma clareza, no primeiro momento, quanto ao meu recorte de pesquisa, comecei a acolher a situação que se apresentava. Passei a me ver como parte de um corpo docente com dificuldades quanto à implementação de projetos e possíveis ações com a temática ambiental. Reconheci a importância de conhecer o histórico de projetos e ações da escola, assim como as iniciativas naquele momento. Segundo Barbier (2007, p.119):

A dimensão espaço tempo é essencial. Toda pesquisa-ação é singular e define-se por uma situação precisa concernente a um lugar, a pessoas, a um tempo, a práticas, a valores sociais e à esperança de uma mudança possível. [...] Proceda-se a análise da demanda, ficando à escuta do que se diz, sem procurar desde o início interpretar e menos ainda julgar. Mas o pesquisador não se esquece de entreter-se com categorias minoritárias ou marginalizadas, fontes de informações frequentemente esclarecedoras sobre as dificuldades em curso.

Procurei não julgar a situação e tentei captar o contexto que se apresentava. Nesse momento, fiz uso de um dos instrumentos de pesquisa ação apresentadas e discutidas por René Barbier (2007), a observação participante. Não havia distância entre nós. Eu realmente me sentia parte do grupo, mas desde o início assumi que estava presente com o olhar observador para o que vivíamos. Surgiriam de minhas observações propostas de atuação e mesmo que o canal estivesse aberto para as propostas dos outros integrantes do grupo, assumi que existiam diferenças entre nós.

Desde o início, avisei que estava no mestrado e, mesmo sem a definição do foco da minha pesquisa, explicitiei minha certeza de que seria naquela escola, junto aos professores e dentro da temática de sustentabilidade. Com a minha vontade de compreender melhor a dinâmica escolar e os percalços no caminho dos projetos, pesquisa e ação se misturaram. Eu estava implicada com a configuração que se apresentava desde o início. O projeto de pesquisa foi desenhado ao longo do processo de observação e investigação. Os meus registros foram essenciais para a compreensão de toda a complexidade apresentada no cotidiano da escola.

No momento da proposta do curso, que foi elaborada após um ano de acompanhamento das atividades na escola e a partir de ideias iniciais apresentadas por docentes do próprio GTE, preocupei-me em consultar o grupo constituído até aquele momento. Uma vez que a ideia foi acolhida por todos, preparei uma apresentação convite para a equipe de professores da escola. O Curso Sustenta! nos permitiu ter contato e organizar muito da produção dos membros do grupo, considerando os materiais que eram trazidos para o banco de referenciais, assim como algumas atividades traziam elementos que ajudaram a ter contato com os referenciais individuais, as redes e até mesmo a visão acerca de EA e sustentabilidade dos membros grupo.

2.3. Para no ar: Curso Sustenta!

O curso simbolizou para mim a materialização do que eu almejava, e com a fala de alguns professores do grupo pude perceber que muitos deles também almejavam um espaço de partilha das nossas inquietações, sentimentos, propostas e ideias, que nos permitisse acessar novos referenciais e pensar a escola em diferentes dimensões, a começar por nossa dimensão pessoal.

Para o melhor entendimento do desenvolvimento do curso Sustenta!, registro junto aos planos de aula a descrição dos encontros e uma breve apresentação dos referenciais e materiais utilizados. O curso foi composto por quatro módulos que abordaram temas relacionados à EA e sustentabilidade e os possíveis caminhos para a inserção da temática ambiental no ambiente escolar. O convite para a participação do curso foi feito a todos os docentes e gestores da escola na coordenação coletiva. Foram formadas duas turmas, uma no matutino e outra no vespertino com 11 e 11 professores, respectivamente.

2.3.1 Pontos de forrageamento: a escolha dos materiais para alimentar o curso

A escolha dos materiais para o curso foi feita com base no que vivemos anteriormente, com os referenciais e vivências trazidos pelo grupo e do meu olhar reflexivo diante das demandas que eu conseguia perceber do grupo e da escola. Eu escolhi os materiais de apoio com a base no que vivenciávamos na escola e com o intuito de trazer referências que nos fizessem pensar o nosso contexto escolar. Materiais que fossem atuais e de fácil acesso e que nos ajudassem a estruturar um trabalho na escola, uma contribuição para o PPP, facilitando as ações individuais e do grupo. Parte dos materiais do curso é apresentada como apêndices e anexos desta dissertação.

Comunicação Não-Violenta (CNV), Dominic Barter

Para o curso fiz uso dos vídeos com falas de Dominic Barter apresentando os princípios e aplicações da CNV em diferentes contextos. Dominic Barter é coordenador de projetos em Justiça Restaurativa para países de Língua Portuguesa, no Centro internacional de Comunicação Não-Violenta, e fundador da rede CNV-Brasil. Pesquisador na área de relações humanas, na qual ensina e desenvolve aplicações de Comunicação Não Violenta e Práticas Restaurativas, Barter presta consultoria para governos, comunidades, escolas, sistemas de justiça, empresas e movimentos sociais em diversos países.

A CNV é um processo conhecido por sua capacidade de inspirar ação compassiva e solidária. Ensinada há mais de 40 anos por uma rede mundial de mediadores, facilitadores e agentes voluntários, fundada pelo psicólogo Dr. Marshall Rosenberg, a CNV tem sido utilizada em cada nível da sociedade por um crescente número de pessoas que desejam intervir e agir em favor da paz.

No ano de 2013, participei de um curso sobre CNV, certificado pela Secretaria de Saúde do Distrito Federal, no qual pude, por meio de exercícios vivenciais compreender um pouco mais a proposta da comunicação compassiva. Um desses exercícios foi realizado no curso Sustenta!, com a intenção de destrinchar e compreender um conflito e, por meio dessa vivência, ter contato com os princípios da CNV trazidos por Marshall Rosenberg (2003). A atividade é apresentada na descrição do curso.

Para tratar de empatia fiz uso da Dinâmica do Miguel, atividade usada em escolas e empresas para tratar de comunicação e julgamentos, apresentada no Anexo I.

Permacultura

A permacultura se apresentou como um referencial por vários integrantes do GTE. Apontada como uma inspiração e um objeto de estudo, sobretudo para planejamento das intervenções no espaço físico. Para mim, a permacultura se apresenta como um grande referencial de vida e fiquei muito satisfeita em poder compartilhar com um grupo, um pouco do que já estudei sobre o assunto.

Apresento a seguir algumas conceituações do termo permacultura:

É o planejamento e execução de ocupações humanas sustentáveis, unindo práticas ancestrais aos modernos conhecimentos das áreas, principalmente, de ciências agrárias, engenharias, arquitetura e ciências sociais, todas abordadas sob a ótica da ecologia. “Em outras palavras é a elaboração, a implantação e a manutenção de ecossistemas produtivos que mantenham a diversidade, a resistência e a estabilidade dos ecossistemas naturais, promovendo energia, moradia e alimentação humana de forma harmoniosa com o ambiente. (MOLLISSON, 1999, *apud* JACINTHO, 2002.)

No prefácio de um de seus livros, Holmgren (2013) afirma que a permacultura diz respeito ao que queremos e podemos fazer, e não àquilo a que nos opomos e queremos que os outros mudem. Certamente esse foi um princípio que inspirou os nossos voos no decorrer do curso, quando fiz questão de salientar que focaríamos nas nossas responsabilidades e possibilidades de ação, desfocando do externo no decorrer do nosso planejamento.

A obra de Lúcia Legan (2004) também nos inspirou, uma vez que a autora se propõe a trazer os princípios da permacultura para a construção de uma escola sustentável.

Cooperação

Na apresentação inicial dos participantes do curso me inspirei em uma das ideias da pedagogia da cooperação que diz que é interessante verificar o que está na nossa “mochila” quando encontramos o outro: experiências, expectativas, crenças, sentimentos, projetos, tramas, traumas, cicatrizes etc. Ou seja, é uma bagagem completa, reunindo o passado e o futuro, para assegurar o presente. E o presente é o momento do encontro.

Para tratar da Pedagogia da Cooperação fiz uso de uma publicação da Unesco, tendo em vista que ainda são raras as publicações sobre o assunto. Embora voltada para a área de esportes e dos jogos cooperativos, a publicação traz os princípios dessa proposta pedagógica. Esses princípios conduziram grande parte do planejamento do curso, apresentados principalmente nas seis práticas da Pedagogia da Cooperação.

Em 2013, conheci a proposta do Fábio Brotto sobre Jogos Cooperativos, por meio do livro de sua autoria chamado Jogos Cooperativos: o Jogo e o Esporte Como Um Exercício de Convivência lançado no mesmo ano.

Serven Suzuki

Escolhi os vídeos com as falas da Serven Suzuki na Eco 92 e na Rio+20, dois grandes eventos internacionais que discutiram a sustentabilidade ambiental entre chefes de Estado e sociedade civil. São vídeos curtos, que registram dois momentos diferentes de uma mesma pessoa, com 20 anos de intervalo entre um e outro. A escolha foi também para que pudéssemos comparar esses dois momentos, e abrir espaço no grupo

para a discussão sobre sustentabilidade e as motivações para tratar a temática ambiental na escola.

Serven Suzuki é uma jovem canadense que ficou conhecida aos 12 anos por seu discurso sobre as escolhas da humanidade e os desdobramentos ambientais e sociais. No primeiro vídeo, em 1992, ela aponta suas inquietações naquele momento histórico ao se dar conta dos desequilíbrios ambientais e sociais. No intuito de criar um espaço para compartilhar nossas inquietações e a partir delas pensar em possíveis soluções e propostas de ações. Ela, Serven Suzuki, representa para mim o engajamento jovem.

O segundo vídeo é sua fala 20 anos depois, na Rio+20. A fala de uma mulher de 32 anos, mãe de dois filhos. Ela questiona o que motiva as pessoas a pensar na sustentabilidade. Usa o termo amor entre gerações e questiona o que nos motiva a cuidar, que não seja o medo. Porque o medo é apenas um dos caminhos. O medo da escassez. “Tem que cuidar porque eu vou morrer, porque vai faltar”. O medo é um dos caminhos e outros caminhos também podem nos fazer cuidar. Traz o cuidado como dimensão central da sustentabilidade.

Materiais de apoio para a IV CNIJMA

Os materiais de apoio para a IV CNIJMA foram um importante referencial para o curso Sustenta! Os cadernos Água, Terra, Ar e Fogo trazem elementos para pensar a sustentabilidade em resposta às mudanças ambientais e globais, visando o pensar e o agir na escola e na comunidade. Apresentam reflexões contextualizadas que ressaltam a CNIJMA como um bom pretexto para tratar a temática ambiental na escola e trazem subsídios para os debates nas instituições escolares. Esses materiais são de grande valia para a compreensão da ideia da ComVida e da Agenda 21 na escola, estratégias para facilitar as práticas da sustentabilidade no espaço escolar, muitas vezes pouco compreendidas.

Textos – Espaços Educadores Sustentáveis

O material da TV Escola – Salto para o Futuro apresenta três textos sobre os Espaços Educadores Sustentáveis. Os textos tratam as escolas como os espaços onde a cultura da sustentabilidade pode ser delineada e ser a peça chave nesse momento de reorientação paradigmática.

Texto 1 - O que são espaços educadores sustentáveis, de autoria de Carla Borges.

Texto 2: Escola sustentável: currículo, gestão e edificação, de autoria de Tereza Moreira.

Texto 3: Vida sustentável: ações individuais e coletivas, escrito por Rachel Trajber.

Texto Eugênio Giovenardi e a poesia de Luiz Gonzaga

Esses dois textos são apresentados como Anexo II desta dissertação. Foram escolhidos ao longo do curso por sugestão dos professores do GTE/ComVida e utilizados na abertura dos encontros. A professora P1 e o professor 21 trouxeram também poesias autorais para a abertura dos encontros, apresentadas como Apêndice III.

2.3.2 Planos de aula do Curso Sustenta!

Módulo I – Abrir os olhos (dois encontros)

Objetivos:

- Formar e consolidar um grupo de trabalho e estudos sobre sustentabilidade formado por professores da CEF Paranoá.
- Fortalecer a temática sustentabilidade e educação ambiental na escola.
- Apresentar a cooperação, comunicação e cuidado como possíveis bases para a sustentabilidade.

Primeiro encontro

Momentos:

1. Roda de apresentação

Formar duplas

Olhar para o outro, o que te conecta a ele (a)? Cada um chegou aqui hoje com suas necessidades, anseios, cada um com sua história e contexto que nós nem sempre conhecemos, conectar com esse outro ser humano, terráqueo que está na sua frente.

Pedir para que as pessoas se apresentem falando do que gostam de brincar/fazer e a história de uma ou mais cicatrizes.

As duplas se apresentam. Um apresenta o outro com elementos das histórias que compartilharam.

2. Abertura do tema do curso

Montar um painel coletivo sobre o que compreendemos por sustentabilidade e educação ambiental. Palavras e desenhos.

Por que discutir o tema sustentabilidade na escola?

Apresentação dos vídeos da Severn Suzuki

Eco 92 e Rio+20

Diálogo sobre a temática da educação ambiental e sustentabilidade na escola:

Apresentação dos documentos e legislação relacionados à Educação Ambiental e sustentabilidade: Lei de Diretrizes e Bases, Programa Nacional de Educação Ambiental, Currículo em movimento.

Produtos esperados:

Painel coletivo sobre sustentabilidade

Ilustrações sobre o que seria uma escola sustentável.

Segundo encontro

Montar o centro da mesa. Flores e algo para o lanche.

Aviso sobre o registro das atividades (gravação e fotos) e entrega do termo de consentimento aos novos participantes.

Momentos:

1. Oficina: Comunicação com cuidado

Comunicação Não Violenta (CNV). Qual o nosso cuidado com a comunicação?

Dinâmica do Miguel

Lista de julgamentos sobre o Miguel.

Comunicação não violenta – observação, identificação dos julgamentos, sentimentos, necessidades e pedido.

Comunicação alienante.

Em duplas - escuta profunda e presente. Cada integrante deve contar uma situação de conflito. O ouvinte deve depois dizer o que entendeu e confirmar se aquilo representa o que foi dito.

A dupla deve organizar o conflito em:

Observação, julgamento, sentimentos, necessidades e elaboração de um pedido para que as necessidades não atendidas geradoras de conflito sejam vistas.

Roda de partilha.

2. Exibição de Vídeo

Vídeo de Dominic Barter sobre CNV e criação de espaços na escola para que as divergências sejam vistas como um processo de crescimento. Local onde o conflito possa acontecer livremente.

Produtos esperados:

Biografia Ecológica individual. Motivação interna e motivação individual.

Qual a motivação interna individual de cada um para participar do curso?

Por que nos reunimos? O que nos conecta?

Módulo II – Respirar (2 encontros)

Objetivos:

- Consolidar o grupo de trabalho e estudos e construir identidade grupal.

- Mapear as áreas de afinidade individual para inserção da temática da sustentabilidade na escola.

Terceiro encontro

Momentos:

1. Roda da fala.

2. Biografia Ecológica

Cada pessoa irá mostrar sua biografia ecológica e apresentar para o grupo

3. Apresentação Sustentabilidade e Escolas Sustentáveis

Entrega dos textos que trazem referenciais: Gestão, Currículo, Espaço Físico – material da CNIJMA para trabalho em grupos como subsídio para o momento seguinte.

4. Onde estamos? — reconhecer potencial do grupo para planejamento.

Metodologia FOFA, que consiste na identificação das fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças ao trabalho do grupo

Produtos esperados:

Mapeamento das fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças

Mapa de áreas de afinidades no grupo.

Quarto encontro

Momentos:

1. Abertura com a leitura de um texto

Texto de Eugênio Giovenardi - *Plantar e colher* – sugerido por um dos professores que compõem o grupo.

2. Salto para o Futuro: Espaços educadores sustentáveis -

Dividir em trios e/ou duplas para leitura de três textos sobre o tema.

Discussão e elaboração de uma apresentação de 5 minutos.

3. Atividade de diagnóstico coletivo da escola nas dimensões:

- Currículo

- Gestão

- Espaço Físico

Módulo III – Nutrir (2 encontros)

Objetivo:

- Elaborar, a partir dos novos referenciais e do diagnóstico da escola, propostas de ação.
- Mapear a possível rede de colaboradores internos e externos para as ações em sustentabilidade na escola.

Quinto encontro:

Momentos:

1. Abertura com a leitura das poesias do P21 e P1 (professor e professora da escola).

2. Diagnóstico coletivo da escola

Os professores serão divididos em grupos de 2/3 pessoas, cada grupo ficará responsável por uma das dimensões: a) Currículo; b) Gestão; c) Espaço Físico e usaremos como base os materiais *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis* (BRASIL, 2012), que abordam as diferentes dimensões.

Outros aspectos que serão tratados neste trabalho: Histórico da escola; seu Projeto Político Pedagógico (PPP); a formação da Com Vida e o Programa de Sustentabilidade do CEF do Paranoá.

3. Redes

Reflexão sobre o trabalho coletivo, a necessidade de criar uma rede para conseguir realizar a partir de uma dinâmica a ser desenvolvida com o grupo. Em seguida, montar o painel da rede interna e da rede externa de colaboradores: Comunidade escolar e possíveis parcerias.

4. Vídeo sobre a ComVida.

Sexto encontro

Momentos:

1. Listar e priorizar ações

Inicialmente será feita a leitura coletiva das informações colhidas no diagnóstico, seguido da montagem de um painel de ações ligadas às áreas:

- Currículo e trabalho nas disciplinas
- Comunidade escolar e Gestão
- Espaço Físico
- Programa Mais Educação

Após a listagem de ações será feita a escolha das ações prioritárias e a escolha das ações por afinidade de cada componente do grupo.

2. Plano de Trabalho

Em seguida, cada indivíduo ou dupla irá elaborar um Plano de Trabalho respondendo às seguintes questões: O que? Como? Quando? Com quem?
Espera-se que essas questões direcionem à concretização das ações escolhidas.

Módulo IV – Preparação para voar (2 encontros)

Objetivo:

- Estruturar coletivamente as propostas de ação.

Sétimo Encontro

Espaço para discussão e elaboração das propostas de ação.
Estruturação dos produtos – leitura coletiva e discussão.

Oitavo Encontro

Momentos:

- 1. Abertura**
- 2. Entrega das parciais dos produtos do curso e exposição das propostas.**
- 3. Fechamento com fotos do processo e roda de avaliação final.**

Avaliação com palavra que represente o grupo, palavra que represente o trabalho realizado.

Avaliação escrita e Fechamento do curso

Entrega das plantas e agradecimentos.

2.3.3 Onde Pousamos: descrição do processo vivenciado no Curso Sustenta!

O curso Sustenta! foi uma conquista coletiva, uma vez que simboliza o passo de consolidação e expansão do grupo. Para o melhor entendimento do desenvolvimento do curso, a descrição dos encontros está detalhada no Apêndice II, na qual escolhi dar enfoque no que estudamos e compartilhamos no grupo, dialogando com os planos de aula apresentados.

CAPÍTULO 3 – SOB O MESMO CÉU, OS QUE VOARAM ANTES DE NÓS

Los científicos dicen que estamos hechos de átomos pero a mí
um pajarito me contó que estamos hechos de histórias.

Eduardo Galeano

Toda escola possui uma história, ou melhor, um somatório de histórias contadas pelos personagens que estavam presentes nos diversos momentos. Apresento neste capítulo fragmentos de histórias e de ações em educação ambiental desenvolvidas no Centro de Ensino Fundamental do Paranoá. São trechos de memórias contadas nas entrevistas, gravações dos encontros e anotados por mim em muitas prosas.

Optei por trazer o texto do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, construído nas coordenações coletivas junto à comunidade escolar no ano de 2014, fruto de momentos ricos de participação coletiva. Por ser considerado um produto que contou com importante contribuição do grupo de professores participantes desta dissertação, optei por manter o texto na íntegra. O capítulo segue com a apresentação de trechos de histórias de vida dos sujeitos da pesquisa, compartilhadas durante o curso Sustenta!

3.1 Histórico da Instituição Escolar

Trecho do histórico da escola tirado do PPP, ainda em construção coletiva, do CEF do Paranoá:

O Centro de Ensino Fundamental foi a primeira e, durante muitos anos, única escola do Paranoá. Ela estava localizada no lugar conhecido então como Paranoá Velho, quando houve a remarcação espacial do Paranoá ela foi transferida para o local onde se encontra atualmente. A escola também contava com outro nome no início, era o Centro Educacional do Paranoá. A cidade já era reconhecida como região administrativa desde 1964, no entanto, sua área só foi delimitada e definida em 25 de outubro de 1989. Assim, no espaço que conhecemos como o atual Paranoá só havia algumas casas espalhadas ao largo da Avenida.

A escola estava inserida nesse contexto social precário e continuou assim durante muitos anos. Seu espaço alocava turmas de Ensino Fundamental e Médio, num total de 4 mil alunos. A estrutura da escola era dividida em três alas sem muro. A primeira ala, que abrigava alunos de 5ª e 6ª séries era feita de Madeirit e não possuía janelas. A segunda abrigava alunos de 7ª e 8ª séries e a terceira, o Ensino Médio. A escola também funcionava no noturno com turmas de 6ª, 7ª, 8ª e Ensino Médio.

No interior da escola, a rotina era exercida com inúmeros problemas. Na sala dos professores, por exemplo, o banco era feito de tijolo ferrado e, dentro desse tijolo, corriam à livre

vontade muitos ratos. Os pisos das salas eram de terra batida, cada sala abrigava, no mínimo, 50 alunos, desse modo, eles tinham que dividir as cadeiras. Os cadernos eram apoiados nos joelhos, pois a escola não contava com mesas. Os alunos só dispunham de um banheiro sem rede de esgoto, que era dividido por um Madeirit para meninas e meninos. Os alunos furavam à caneta esse Madeirit para espiar as alunas e os professores acabavam remediando colocando folhas de papel para cobrir os buracos.

Todos trabalharam muito para que se conquistasse alguma dignidade naquele espaço. As aulas de PIL eram aproveitadas para desenvolver atividades que beneficiavam os próprios alunos, tais como a criação de uma horta e de um pomar, de onde provinham os alimentos necessários para o lanche da escola. Doce de mamão, doce de coco ralado, pizza e bolo faziam parte do cardápio graças a essa iniciativa.

Embora o espaço fosse precário, a escola sempre celebrava as datas comemorativas com a ajuda dos pais e professores. Em especial, se realizava a formatura. Era preparado um local com lona preta onde todos compareciam vestidos a caráter para prestigiar essa importante etapa na vida dos alunos.

Durante todo esse período de precariedade sempre se lutou para que a escola fosse reconstruída.

Houve nesse período uma turma de 8ª série, a 8ª B, que se destacou por um feito impressionante. Essa turma ficou sem sala durante o período letivo, pois a sala que seria destinada a eles não podia ser ocupada devido ao mau cheiro de mofo e cal advindos depois de ela ter sido por muito tempo um depósito. Desse modo, as aulas a esses alunos foram dadas embaixo de uma árvore, com um Madeirit servindo de quadro-negro. Por essa época, houve um concurso de redação promovido pelo Fórum do Paranoá no qual os alunos dessa turma se inscreveram e lograram o feito de ganhar os três primeiros lugares. Esses alunos mostraram que apesar das adversidades é possível escrever um belo destino. Muitos deles fizeram o Ensino Médio e se formaram no Ensino Superior.

No final de 1998 o Ensino Médio mudou de lugar e o Centro Educacional manteve apenas o Ensino Fundamental.

Em 1999 a estrutura da escola ainda era de Madeirit e havia muitos buracos nas divisões da maioria das salas, a comunicação era feita, muitas vezes, por meio desses buracos. A escola ficou defasada com a mudança do Ensino Médio, pois muito do que compunha sua estrutura foi levado para lá.

Por essa época também foi criada a aceleração. O Centro Educacional foi um dos redutos de recepção desse novo projeto que acolhia 3000 alunos de 5ª a 8ª séries.

Nesse mesmo ano foi construído o muro da escola, entretanto era um muro de apenas 1 metro de altura, o que viabilizava o

trânsito de pessoas estranhas e drogas no ambiente escolar. O mato também tomava conta dos arredores da escola, o que facilitava a ocorrência de crimes na região. Era uma época de muita insegurança e temor. A escola não estava inserida na comunidade e a indisciplina se tornou um problema fora de controle.

No entanto, nesse período, a escola contava com uma equipe de professores muito corajosa e dedicada. Todos davam o seu máximo e não se abalavam diante das adversidades estruturais e emocionais oferecidas. Foi com esse espírito de luta que a equipe da escola, pais e alunos programaram uma manifestação pública, com a participação da imprensa e do SINPRO, para registrar sua indignação com a situação precária da escola.

O resultado dessa manifestação foi a interdição do prédio pela Defesa Civil e a interrupção das atividades escolares para a reconstrução da escola. A partir de então, a Secretaria de Educação de Brasília realocou os alunos no Centro de Ensino Fundamental 07, que fica na 912 norte.

Essa fase também foi muito complicada, pois os alunos eram transportados diariamente em 11 ônibus que saíam do Itapoã, então uma invasão que crescia desordenadamente. Os alunos ficaram nesta escola durante o primeiro semestre de 2002. No segundo semestre, eles foram transferidos para a Escola Normal de Brasília.

Como havia muito preconceito com relação aos alunos, os professores se reuniram e decidiram que se não voltassem ao prédio do Paranoá até o dia 1º de abril de 2003, eles não dariam mais aula. Dessa forma, a estrutura atual da escola foi inaugurada em junho de 2003.

História do Paranoá no diagnóstico da realidade escolar

A cidade do Paranoá se caracteriza por um histórico de luta social para sua legitimação como região administrativa do Distrito Federal. A Vila Paranoá foi um dos acampamentos remanescentes da época da construção de Brasília. Foi fundada em 1957, quando da implementação dos canteiros de obras para a construção da Barragem do Lago Paranoá, daí a origem do seu nome, que é uma variante de Paranaguá, enseada do mar, baía fluvial. Após a inauguração de Brasília, em 1960, os trabalhadores, cerca de 3 mil, permaneceram no local, devido à necessidade de conclusão das obras da usina hidrelétrica. Ao longo dos anos, foram agregando-se à estrutura do antigo acampamento vilas de moradia. Em 1964, a Vila Paranoá tornou-se região administrativa, através da Lei 4. 545, porém seu limite territorial só seria definido muitos anos depois.

Na década de 80 a Vila Paranoá já era considerada umas das maiores invasões do Distrito Federal. Assim, depois da longa

trajetória de resistência e luta dos moradores, a cidade conhecida hoje como Paranoá, foi fixada mediante Decreto do Governo do Distrito Federal, em uma área que não corresponde à área original ocupada pela Vila.

Após a fixação da Vila Paranoá, a área do antigo acampamento tornou-se um parque ecológico. O objetivo de criação desse parque é preservar a vegetação da antiga Vila, árvores frutíferas plantadas pelas famílias e as edificações remanescentes como memória do antigo espaço. Dessa forma, o Parque Vivencial do Paranoá tornou-se um marco histórico para a memória daquele núcleo pioneiro. Sua preservação e valorização, como testemunho da construção de Brasília, foi uma reivindicação da própria comunidade que reside no local. Além do Parque, foram preservadas estruturas como a antiga caixa d'água e a escadaria da Igreja São Geraldo, que havia sido construída em 1957 e acabou desabando em 2003, devido ao seu avançado estado de degradação.

3.2 Histórico de ações em EA contado pelos professores

Este histórico foi construído a partir de relato da professora P1¹, em outubro de 2014. O início do primeiro projeto que ela participou na escola foi em 2006, quando o professor P2 foi diretor da escola. Sua narrativa evidencia o engajamento do diretor à época e a importância da formação de uma equipe com a professora de ciências P3. O primeiro projeto era chamado de Socioambiental. Segundo ela, as ações desse projeto foram expostas em eventos.

O grupo decidiu plantar árvores, limpar e arrumar o espaço próximo à quadra. As árvores, a terra e o adubo foram doados pelo Jardim Botânico de Brasília. As espécies citadas que foram plantadas na área: Paineira, Ipê Roxo, Ipê Amarelo, Cagaita entre outras. Todo esse processo foi registrado em fotos.

A professora de ciências P3 fez uma horta em forma de Mandala na área e foram produzidos: cebolinha, cheiro verde, alface, com o intuito de melhorar a qualidade da alimentação dos alunos.

Com a saída do professor P2 e da professora P3, a professora P1 diz que ficou sozinha e deu continuidade aos cuidados e manutenção das plantas com os alunos. Nos anos seguintes, disse que o projeto relacionado à coleta seletiva cresceu e começou a subsidiar a manutenção da área do projeto socioambiental, como projetos integrados. Os recicláveis eram vendidos e com essa verba eram compradas ferramentas, veneno para formiga e adubo.

¹ Ainda que os professores da escola sejam considerados coautores do trabalho, foram resguardadas suas identidades nesta dissertação, em respeito ao acordo estabelecido na ocasião da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I).

Sobre a participação dos alunos, ela relatou:

Os alunos faziam o aceiro ao redor das árvores. A poda das árvores e as folhas da Mangueira que caíam no chão a gente recolhia. A poda da grama e as folhas das árvores, a gente recolhia e deixava dentro de um saco plástico abafado e quando ela já estava quase que apodrecendo a gente misturava com terra e fazia aquele composto orgânico, a gente adubava naturalmente as árvores.

No relato, P1 descreve uma grande chuva que alagou a área da escola e derrubou o muro, o que deixou a escola exposta, aberta por dois anos: “*Muita gente começou a passar por ali, cortar caminho. E por mais plaquinhas que a gente colocava as mudas eram pisoteadas*”. Isso demandou um cuidado maior com as árvores. Ela conta que na reconstrução do muro, foram perdidas quase todas as mudas de árvores plantadas.

A horta só ficou ativa no ano em que professora P3 estava presente, pois sozinha ela não deu conta de dar continuidade. P1 citou como dificuldade conseguir a parceria dos pais.

Por isso a Com-Vida é tão importante para a escola. Porque a Com-Vida pode fazer com que os pais e mães se interessem mais pela escola.

Ela fez questão de contar uma história:

Hoje lá no Itapoã tem uma senhora que recolhe papelão, o negócio dela é só papelão. Ela aprendeu aqui. Ela ficou desempregada e o marido dela trabalhava como varredor de rua para a administração do Lago Norte e só o salário dele não dava. E ela aprendeu aqui como classificar os materiais principalmente os papéis. Hoje ela tem um depósito no comércio do Itapoã e a fonte de renda dela.

P1 menciona que na época contou com a ajuda de um técnico do Jardim Botânico para ensinar os alunos a plantar. Esse momento foi registrado em uma reportagem do Correio Brasiliense.

Como complemento a este histórico, trago o relato do professor P2. Segundo o professor, tudo começou com a ideia da professora P3 de utilizar um espaço “*meio perdido*” da escola. Eles fizeram uma visita no espaço da escola, uma triagem e acharam muito lixo e entulho. Os materiais encontrados foram usados nas aulas de ciências e geografia para falar sobre degradação de materiais.

Eles começaram a limpar a área e idealizaram um espaço verde para a comunidade, principalmente as professoras P1 e P3. Começaram a plantar e montaram

uma rotina de cuidado da horta e das mudas com a ajuda dos alunos. Enquanto esse grupo estava junto existia uma rotina de cuidados da área.

Segundo ele, a professora P3 se preocupava muito com o aspecto pedagógico. Estudou as mudas que seriam plantadas, quais seriam as espécies, e suas aulas eram voltadas para a área onde foi idealizado o parque. Segundo o professor P2, a P1 fez um trabalho belíssimo com os alunos envolvendo o tema da coleta seletiva e do espaço verde. Os alunos dela fizeram revistinhas que envolviam esses dois projetos, os alunos podiam escolher falar desses temas. Ele elogiou muito o trabalho feito pela professora P1.

Relatou ainda que no período mais ativo do projeto, outros professores também aderiram e colaboraram, mas que era sempre preciso alguém tomar a iniciativa, geralmente vinha da P1. Disse ter sido coadjuvante no projeto da criação do parque e que estava à frente do projeto de coleta seletiva, idealizado por ele, mas cuja continuidade foi dada pela P1. P2 conta que quando saiu, sentiu muito por deixar P1 sozinha, mas que acompanhou muito pouco a continuidade das ações dos projetos.

3.2.1 Fragmentos da história da escola e de ações realizadas nos relatos ao longo do Curso Sustenta! / 2014 – contados pela professora P1.

Ali atrás da quadra de educação física na época, eu, o P2 e a P3 pensamos em fazer um parque socioambiental e naquele parque teriam passarelas feitas com material reciclável e a colocação de bancos, que seria uma área de lazer também. Mas enfim, o P2 saiu e a P3 saiu. E eu não iria abraçar um projeto sozinha. (Transcrição de depoimento da Profa. P1, em 26 de agosto de 2014).

Eu estava comentando com a vice-diretora ontem, primeiro, em 2001 quando eu cheguei aqui fiz um trabalho, um projeto com água, no final nós fizemos a pesagem da sobra dos alimentos. E verificamos quantas crianças a gente poderia alimentar. Ou seja, quantos gramas uma criança pode comer para se satisfazer e um adulto. Então a sobra daquele lanche daria para alimentar quantas crianças e quantos adultos. Nós fizemos todos esses cálculos, a gente tinha uma balancinha, a gente pesava os alimentos. Foi um projeto maravilhoso, ótimo. (Transcrição de depoimento da Profa. P1, em 16 de setembro de 2014).

A nossa escola foi a primeira a ter esse projeto de educação ambiental, chamava projeto socioambiental no CEF do

Paranoá. Foi da época do P2, antigo diretor e da P3. (...) E nós tínhamos a participação dos alunos especiais. (Transcrição de depoimento da Profa. P1, em 23 de setembro de 2014)

Sobre o espaço de coleta seletiva na escola:

[...] a gente precisa tomar uma ação rápida e imediata. Há oito anos que eu peço para gente mudar o local para gente... fazer uma votação com os alunos, ensinar o aluno a votarem. (Transcrição de depoimento da Profa. P1, em 23 de setembro de 2014)

3.3 Os sujeitos da pesquisa

O grupo de professores participantes desta pesquisa atua nas séries finais do ensino fundamental. É constituído por profissionais de diferentes áreas de formação e que atuam nas disciplinas: ciências naturais, geografia, artes, língua portuguesa, educação física e duas pedagogas atuantes no SOE². Optei por trazer os sujeitos do grupo por meio de trechos de suas apresentações e das biografias ecológicas³, individuais, recolhidas durante o curso Sustenta! Tendo em vista o apontado por Nóvoa (1992), sobre a importância de se considerar o lado pessoal e profissional na formação docente.

Professora P1

Nasci numa cidade do interior de São Paulo, sou de Penápolis.

E eu fui criada sempre em fazenda. No início da infância, na fazenda do meu avô. Meu avô fazia aquela roda familiar e passava as histórias dele, desde a Itália para cá, a fome e a miséria que eles passaram. Então ele era contra o desperdício, meu avô já pensava nisso. Nós fomos criadas nesse sistema bastante tradicional, onde durante a colheita do café, se colocava o café em cima da mesa e você não poderia derramar nenhum grão.

²Serviço de orientação Educacional

³Trajber e Sato (2010) propõem, em seu artigo Escolas sustentáveis: Incubadoras de transformações nas comunidades, que os projetos se iniciem com a biografia ecológica de cada pessoa envolvida, fazendo com que cada participante do projeto pense em sua própria vida e perceba quando começou seu interesse pela dimensão ambiental. A anotação desta memória poderá ser feita em qualquer linguagem, desde que registrada em cartaz, fotografia, redação, carta, *blog* ou afins. Trata-se de uma biografia que espelhará a memória de nossa própria existência, no mergulhar de si mesmo à construção de uma ecoidentidade.

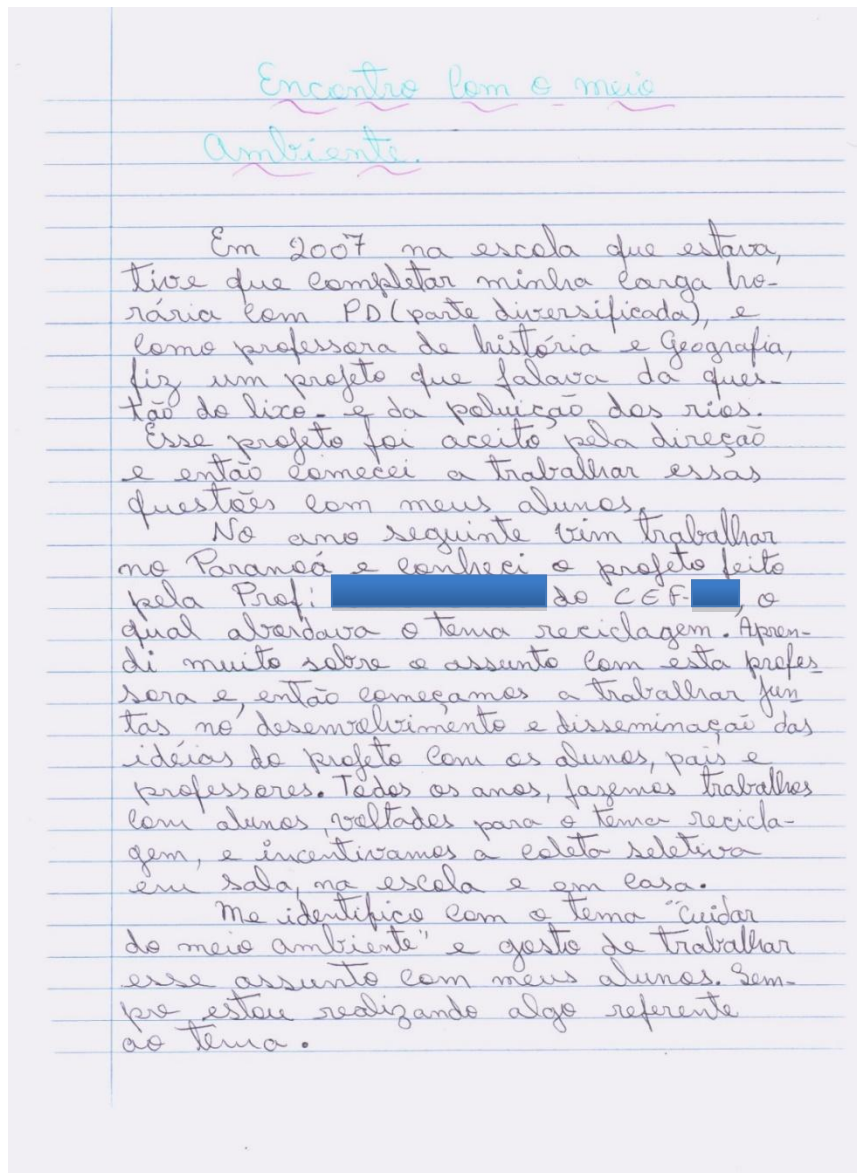


Figura 2 Biografia Ecológica professora P4

Professor P5

A minha experiência com essa parte ambiental começou na parte da universidade. O meu orientador, que é o Marcelo, ele fez doutorado em educação ambiental e ele sempre teve essa preocupação tanto nas aulas, mostrar a parte da relação.

Eu trabalhei muito na parte de ecologia então estava sempre relacionado com essa parte da educação ambiental, porque, de certa forma a gente consegue ver afundo na ecologia, as relações entre as diversas coisas. Então tem muita relação aquilo que você faz aqui gera um impacto lá. A minha visão ambiental não é conservar porque eu acho bonitinho, é uma ideia funcional.

No mestrado foi na exploração sustentável de pequi. Como é que a gente pode extrair da natureza e da mesma forma preservar, manter o equilíbrio.

BIOGRAFIA ECOLÓGICA INDIVIDUAL

A MINHA RELAÇÃO COM A ECOLOGIA COMEÇOU DE FORMA ACADÊMICA NA FACULDADE, EU FIQUEI ENCANTADO COM AS REAÇÕES ECOLÓGICAS. MOSTREI GRANDE INTERESSE NA DISCIPLINA ECOLOGIA. O PROFESSOR DA DISCIPLINA PERCEBEU MEU INTERESSE E DE OUTROS COLÉGAS NESTA ESFERA AMBIENTAL, E PROPÔS PARA NÓS UM GRUPO DE ESTUDOS VOLTADO PARA O APROVEITAMENTO AMBIENTAL E RECURSOS: IMPACTOS. O PRÓPRIO PROFESSOR TRABALHOU EM SEU DOMÍNIO COM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, ENTÃO DE CERTA FORMA, ELE INFLUENCIOU A MIM E OS COLEGAS A TEREM UMA VISÃO AMBIENTAL. ENTÃO A PARTIR DESSE GRUPO DE ESTUDOS, COMECEI A ENXERGAR MAIS E VIVENCIAR MAIS A RELAÇÃO QUESTÃO AMBIENTAL. PRINCIPALMENTE COM A RELAÇÃO HA QUESTÃO DE CAUSA E EFEITO, OU SEJA, DEVEMOS CUIDAR DO AMBIENTE POR OS IMPACTOS AMBIENTAIS. A MÁ GESTÃO AMBIENTAL PODE GERAR EFEITOS CATASTRÓFICOS E ATÉ IRREVERSÍVEIS. POR ESSE MOTIVO, DURANTE O MESTRADO, EU ME PREOCUPEI EM FAZER ESTUDOS SOBRE A MINHA DISSERTAÇÃO VOLTADA PARA QUESTÕES AMBIENTAIS, COMO O MANEJO ECOLÓGICO.

Figura 3 Biografia Ecológica Professor P5

Professor P6

Eu desde moleque, na frente de casa, que eu morava na QSF em Taguatinga, minha mãe botava a gente para cavar buraco, pra plantar planta e tal. Meus avós vêm da roça, eu sou um caipira descendente de mineiros caipiras. E eu acho legal porque hoje eu vou lá visitar a minha mãe e tão lá os pés de amora, pé de manga que a gente plantou, sabe?

Ambientalizar em relação à natureza porque eu tive uma experiência extra (exterior) e o tive uma experiência intra em relação ao meio ambiente.

Agora eu tô morando em chácara, gosto de plantar, gosto de ir para Chapada, gosto de congregar. A natureza me proporcionar olhar não só para o meio ambiente de fora, mas para olhar para o meu meio ambiente também.

Professor P7

Tudo que eu faço, eu faço porque eu gosto. Sou professor porque eu amo, gosto demais. Tanto que eu nunca quis sair de sala de aula. Tanto que meu doutorado eu quero fazer ligado a sala de aula.

Sempre gostei muito de brincadeiras de subir em árvore, de ir para o rio com os meus primos. Sempre foi muito assim na minha infância, na minha adolescência.

(...)

E falando da minha biografia ecológica eu pensei, que meu refúgio foram os livros.

Eu não consigo, por exemplo, dar aula sem falar em literatura com eles porque eu acho que toca na sustentabilidade humana de uma maneira muito profunda. A literatura deixa de certa forma, em alguns momentos, essa consciência para pegar o inconsciente e trazer para consciência. O medo, as questões de raiva do outro, quer dizer e aí entra justamente nesse tema. E eu tive professores que me influenciaram absurdamente. Especialmente um professor, pai de um amigo meu, montou um projeto lá em Araguari, que chama Emcantar (eu trouxe alguns cds para fazer propaganda, risos) e todo reciclado, todo um trabalho de sustentabilidade.

P7 nos trouxe alguns títulos de livros e temas soltos para compor a biografia ecológica e fez a leitura do poema Obrar de Manoel de Barros.

Mitologia grega

Universo, Deuses e os Homens de Jean-Pierre Vernant

Manoel de Barros. Ele trabalha muito tanto a palavra e sua raiz quanto a natureza, entre aspas, ou o contato do homem com a natureza e sua raiz, etc.

Os gregos, a cosmogênese e a caixa de pandora.

Obrar (Manoel de Barros)

Naquele outono, de tarde, ao pé da roseira de minha avó, eu obrei.

Minha avó não ralhou nem.

*Obrar não era construir casa ou fazer obra de arte.
Esse verbo tinha um dom diferente.
Obrar seria o mesmo que cacarar.
Sei que o verbo cacarar se aplica mais a passarinhos
Os passarinhos cacaram nas folhas nos postes nas pedras do rio
nas casas.
Eu só obrei no pé da roseira da minha avó.
Mas ela não ralhou nem.
Ela disse que as roseiras estavam carecendo de esterco orgânico.
E que as obras trazem força e beleza às flores.
Por isso, para ajudar, andei a fazer obra nos canteiros da horta.
Eu só queria dar força às beterrabas e aos tomates.
A vó então quis aproveitar o feito para ensinar que o cago não é uma
coisa desprezível.
Eu tinha vontade de rir porque a vó contrariava os
ensinos do pai.
Minha avó, ela era transgressora.
No propósito ela me disse que até as mariposas gostavam
de roçar nas obras verdes.
Entendi que obras verdes seriam aquelas feitas no dia.
Daí que também a vó me ensinou a não desprezar as coisas
desprezíveis
E nem os seres desprezados.*

Professora P8

Na verdade, eu nunca parei para refletir sobre essa questão do mundo do que tá acontecendo enfim, eu tenho brigas que eu compro e outras que eu deixo os outros comprarem.

Aí surgiu a oportunidade de fazer o curso, aí eu ‘ah não, sustentabilidade... não...’ aí decidi: ‘vou fazer pra ver, né? Vamos lá de coração aberto e ver o que que vai dar, tentar mudar minha opinião’. Sou aqui de Brasília.

Professor P9

Eu nasci e fui criado numa cidade do interior chamada Papagaios que hoje tem no máximo 12 mil habitantes, onde a principal atividade econômica é a extração de ardósia, que é uma pedra. Fui criado vendo o meio ambiente lá ser destruído. E tive a sorte de cair em uma turminha muito boa, um pessoal que quis estudar, que desde pequeno foi criado tendo essa consciência ecológica. E a gente viu vários rios serem

destruídos. Então essa foi a minha realidade e que às vezes até me motivou a fazer o curso de biologia mais tarde.

Professor P10

Quando eu comecei a pensar nessa biografia, eco biografia, realmente começa a lembrar de infância e o tanto que as brincadeiras, os ambientes naturais eram muito mais prazerosos. Eu adorava subir em árvores, vivia em cima das árvores lá na frente casa, jogar bola no gramado tinha que ser descalço. Chegar em casa o pezão de barro. Ia para fazenda às vezes com a família, adorava explorar o que pudesse.

(...)

Eu sonhei com um negócio assim, foi um sonho meio pesado mas que no final da história era meio que uma mensagem da natureza, um apelo falando assim, pra cada um cuidar, pra gente cuidar da natureza pra a natureza cuidar da gente também.

(...)

O que me mobiliza é agir a favor do bem. É isso!

Professor P11

Até 4 anos de idade eu fui criado em uma casa feita de barro, argila, telhas de palmeira, sem energia elétrica, sem gás de cozinha. Local totalmente natural para mim. Desse local para cidade são cerca de 20 km e carro não ia até o local, porque praticamente não tinham estradas e até hoje não tem.

Essa cidade, chamada de Babaçulândia, é uma cidade com história onde várias comunidades viviam principalmente da quebra do coco do babaçu, da extração de óleo.

Fica no Tocantins. E nas margens da cidade, na beira da cidade, o rio Tocantins bonito, maravilhoso. Sempre no meio do ano eu gostava de viajar pra lá, o rio baixava e tinham aquelas praias, que chamam de praia de água doce, maravilhoso! Então, alguns anos atrás começaram a construir uma barragem no Maranhão, na cidade Estreita do Maranhão. Essa barragem foi concluída, bloquearam o rio naquele local, vários moradores tiveram que deixar suas casas, suas moradias, alguns nem receberam indenizações.

E hoje o rio está morto, parece um lago. Essa praia do mês de julho praticamente acabou, as quebradeiras de coco de babaçu desapareceram. Eu estive agora numa ilha que foi inundada e o que eu vejo são árvores mortas dentro do rio, peixe que não tem mais e alguns animais que até hoje chegam na cidade e isso é verdade, a coisa tá horrível, até o cheiro do local não é agradável.

Professora P12

A minha infância eu vivi com os meus avós até os 7 anos. Era na Bahia, próximo a Barreiras, e o meu avô também contava muitas histórias pra gente sobre a época dele também.

E desde criança, aquelas histórias já causavam em mim uma inquietação tanto que eu fui uma criança, uma adolescente muito precoce, de sempre pensar antes de fazer alguma coisa, muitas coisas de errado que eu não fiz era porque eu pensava muito nas consequências

E assim, na minha vida eu fui tentando fazer o possível para evitar isso, em cada situação onde tivesse uma discussão sobre conservação.

E isso me angustia muito quando eu paro para pensar seja numa situação em relação à falta de água que está tão evidente ou até mesmo a questão do aquecimento global, quando eu paro para pensar como pode ser isso, nossa! Me causa uma angústia tremenda. Anos depois eu voltei nesse lugar onde a gente morava com meu avô e ele não deixava que ninguém, nem meus tios, cortassem as árvores na beira do rio ele dizia que aquilo ia destruir o rio. E voltando lá gente viu o local todo destruído, o rio secou. As pessoas que foram para lá depois que ele faleceu não conservaram, o rio secou. Ou seja, eu vi que o que ele falava era verdade.

Professora P13

Eu também sempre gostei de brincar ao ar livre, subir em árvore, esse tipo de brincadeira e eu fui escoteira também. Eu gostava muito de acampar, de montar barraca, de mexer com a natureza.

Professor P14

Eu nasci aqui em Brasília e desde criança eu tenho essa questão ambiental que foi abordada para mim como heranças culturais, tanto pela questão da ecologia da década de 80, a visão de ecologia que foi sendo transformada, evoluindo pra essa questão sustentável, ambiental, tanto pra questão também das relações, questão da eco espiritualidade, termo que foi sempre muito recorrente.

Quando eu era criança, feriado, alguma coisa, o meu pai, por exemplo, a gente sempre viajava para ir para cachoeira ou pro mato, sempre isso, nunca era uma coisa diferente, sempre vinculado muito ao eco turismo essas coisas. Essa questão de sustentabilidade, essa coisa mais abrangente que começou a ser abordado agora no curso e como sempre foi um tema recorrente, o grupo de meditação que eu faço parte já tem uns anos também tem muito a ver com isso, com a questão de você estar vinculado e entender a vida planetária como uma teia, respeitando sempre a diversidade humana.

(...)

Eu tô aqui porque é uma consequência não teria outro lugar pra eu estar. Tendo uma oportunidade dessa, assim dentro da escola, porque não né?! É isso, terminei.

Eu nasci em Sobradinho.



Figura 4 *Desenho apresentado pelo professor P14 como Biografia Ecológica*

Professor P15

Desde criancinha eu já tenho essa noção de ação e reação, daquela coisa: você não pode destruir aquilo porque senão vai ter uma reação. Isso foi só crescendo com tempo.

E eu sempre gostei da natureza!

Não sei se falo que é amor, ah porque é bonitinho, não. É porque realmente uma coisa que é de se respeitar.

E nós temos que aprender a viver em comunhão com a natureza.

Sou de Goiânia e vim pra Brasília só para estudar e acabei ficando. Em 2005 eu vim pra cá.

Professora P16

Eu não tive muita consciência nessa relação com a natureza desde pequena. Para mim veio muito assim, com a chegada dele (o filho), uma responsabilidade muito grande de passar pra ele a importância da questão ambiental e aí eu comecei a repensar várias coisas no sentido diário, cotidiano. O que eu posso mostrar para ele, que seja uma prática boa, que ele possa aprender e garantir um futuro melhor nesse sentido.

Professor P17

Nasci em Brasília mas só que morei muito, desde criança, em Formosa. Meus pais são de lá.

Eu fazia brinquedos mas isso sem me tocar em relação a: 'estamos utilizando esse tipo de lixo, o lixo até mesmo para brincar'.

Isso foi depois mais adulto que eu fui ver... tem que reciclar, tem que proteger o meio ambiente mas nada assim tão (estala os dedos). É isso.

Professora P18

Eu quando era pequena morei em chácara, sempre tive um contato muito grande com a natureza. Tomar banho de rio, de cachoeira, de brincar ao ar livre, eu sempre gostei. Depois que eu cresci que eu fiquei urbana mas o meu pai plantava frutas, verduras, tudo muito da chácara então eu ia tendo esse contato. E ele organizava tudo, era tudo organizado.

Então eu sempre tive contato com a natureza e quando eu comecei a fazer esse curso o meu interesse maior foi que no próprio currículo da secretaria de educação, hoje é uma coisa que bate muito forte, é aquela questão sobre a sustentabilidade.

Professora P19

Tudo muda

(...)

Nós não somos as mesmas pessoas ao longo da vida.

Somos um com 20, um com 30, um com 40.

Uma esposa com 20, uma com 30, uma com 40.

Um professor com 20, um com 30 e um com 40.

(...)

Hoje eu ouço algumas críticas e eu sou muito ferrenha nisso às vezes, sou muito cri cri, mas eu gosto muito de me reavaliar.

Eu estive na coordenação e fui muito crítica enquanto coordenadora. Quem conviveu comigo como coordenadora sabe quem eu fui. Acho muito importante a gente estar em muitos lugares na escola. Em sala, na coordenação, na direção, na orientação. Porque a gente vai mudando, são visões diferentes, convivências diferentes, que não é melhor e nem pior, apenas diferentes.

Você é aquilo que você vive naquele momento, eu como coordenadora eu tinha uma determinada personalidade, que a coordenação me exigia ter. Tanto que os alunos me viam na coordenação, me viam de um jeito e hoje em sala de aula me veem de outro. Às vezes eu ouço uma crítica a um professor que está em uma secretaria, ele passa vinte anos e olha para trás e cansou. Quem sou eu para criticar esse professor?

A vivência das pessoas, as experiências delas e como elas estão é um processo. Então a gente dizer que uma pessoa que está ali, com cinquenta anos de idade trabalhando com meninos de quinta série, ela larga mesmo. A gente trabalha no sistema.

(...)

O que me alegrou foi a pós-graduação. Eu fiz a pós-graduação em 2009. A UnB fez um convênio para professores. Foi quando mudou para quatro vertentes: ciências da natureza, ciências sociais, matemática suas tecnologias e linguagens. Antes nós não tínhamos as disciplinas como vertentes. O curso foi exatamente para que nós pudéssemos nos encaixar nessas vertentes. Foi aberto.

(...)

O que me move é isso. Eu gosto muito de lidar com o aluno. A gente poder ver o trabalho da gente. O aluno ele te dá uma resposta imediata. É isso. Minha alegria foi a pós-graduação. Trabalhei com o projeto que eu gostava, que eu já trabalhava em Sobradinho. Que eu acredito.

Professora P20

Eu trabalhei no meu término de curso da graduação de artes, a gente fez uma escultura na mesma linguagem do Frans Krajcberg.

A reutilização das madeiras, foi no Paranoá que eu fiz e lá tem muita madeira, nós trabalhamos por meio das esculturas no tronco de árvores, então a gente foi para as matas.

Foi bem legal, e a gente fez um convênio com a prefeitura da cidade de Canoinhas em Santa Catarina, e a gente fez um monumento em homenagem aos 95 anos da cidade que

era trabalhado em cima das obras do artista que eu não lembro o nome agora. O nome do trabalho era O voo da gaivota, e foi bem interessante. Isso marcou a minha vida e eu vou lembrar para sempre. E daí tem a parte negativa, fazem seis anos que eu me formei e agora em janeiro eu passei lá para ver o monumento, e ele está destruído. Não cuidaram, nós fizemos em duas pessoas né, minha colega mora lá perto. Aí eu liguei para ela e ela disse que mudou a parte de política e o monumento tá lá todo detonado, foi avaliado e tudo. Não pelo valor, mas para a gente que via ali o primeiro filho, a gente trabalhou com quatro toneladas de madeira, foi bem marcante. Tá lá na frente da prefeitura mas bem largado. A parte negativa foi essa.

(...)

Lá eu era bem envolvida com essa parte, e de trabalhar com projetos.

Aí quando eu vim para Brasília, não sei se foi tanto a falta de interesse, mas eu meio que me acomodei sabe, como eu vinha de um projeto e tinha outros projetos que eu deixei para trás, acho que isso me bloqueou um pouco.

Professor P21

Biografia Ecológica enviada por e-mail.

Passei a infância (a partir dos seis) em Jacarepaguá, até os anos 70 um bairro mais afastado e rural do Estado da Guanabara, hoje Rio de Janeiro. Morava numa casa com quintal grande e muitas árvores frutíferas: carambola, jabuticaba, figo, mangas diversas, bananeiras, laranja lima, caju, amora, caqui, lima, goiaba branca e vermelha, mexerica, horta... ali tive contato com belíssimas árvores, florestas de grande diversidade e muitos passarinhos que habitavam aquela região onde chove o ano inteiro, perto de algumas reservas biológicas – sanhaçu, sabiá, tiê sangue, maria preta, bico de lacre, canário da terra, trinca ferro, curió, coleirinho, cardeal, bicudo, azulão... Meus tios que moravam ao norte do estado do Rio, eram entendidos no assunto e gostavam de colecionar pássaros de canto melodioso, com eles aprendi alguns segredos dessa arte de observar, conhecer e cuidar de passarinhos. Um amigo de meu pai no bairro trabalhava no Museu Nacional e certa vez em sua casa fiquei fascinado com uma corujinha que ele cuidava pra que se recuperasse de um acidente. Vivia solta pela casa como um bicho de estimação. Fomos um dia visita-lo no trabalho na Quinta da Boa Vista, antigo palácio imperial que se tornou museu histórico e num grande salão ele abriu gavetas e mais gavetas para nos mostrar a imensa coleção de pássaros catalogados pelos biólogos da área de ciências naturais da instituição. Nessa ocasião fiquei muito impressionado também com imensa variedade das borboletas, cada uma mais colorida e linda do que a outra e também com a coleção das mariposas cuidadosamente conservadas espetadas em alfinetes, junto com o nome da espécie a que pertencia.

Anos depois perto da adolescência fui morar com meu pai e estudar em São Paulo, cidade grande com seus tantos atrativos urbanos – cinema, teatro, moda jovem, festivais de música, museus e galerias de arte... me distanciei desse mundo de tantos encantos da saudosa e encantadora Mata Atlântica. Sim, porque com o tempo e a distância dos anos pude reavaliar todo esse meu tempo de menino junto a uma região de tanta beleza, exuberância e riqueza de recursos naturais, ameaçada pela ambição destruidora, pela visão curta e equivocada dos homens do poder. Hoje posso agradecer o merecimento, a sorte abençoada de ter conhecido e vivido coisas atualmente tão raras no mundo moderno, dentro desse importante e tão impactado bioma brasileiro. Uma infância que me ensinou a olhar com carinho pras árvores nativas, respeitar os animais e os seus habitats muito antes da palavra Ecologia ser usada e reconhecida, com toda urgência que teve a partir das mudanças climáticas, mais evidentes a partir dos anos 90.

Aos vinte anos em meados dos anos 70 me mudei pra Brasília, jovem cansado da vida complicada e estressante das grandes metrópoles. Estava em busca de outros horizontes. Tinha um sonho e alguma notícia do planalto central por primos que viviam aqui desde o início e sempre que os encontrava nas férias falavam muito mal da cidade. Brasília era um tédio, não tinha nada... nada. Por volta desse tempo, acompanhava e curtia um jornal periódico chamado Ordem do Universo e logo ao chegar fui recebido por amigos antenados e ligados ao mundo alternativo que o editavam.

Eram pessoas ousadas de pensamento, críticas em relação aos descaminhos e problemas da sociedade capitalista, ligadas a uma prática de alimentação saudável, a proposta de um retorno aos valores filosóficos da natureza primordial. Foram eles que me apresentaram às muitas belezas do cerrado. As inúmeras e deslumbrantes cachoeiras no DF e no entorno, os rios lindos de água clara e a beleza do céu único, do seu planisfério constelado libertador, de suas árvores triunfantes, suas flores lindas e tão estranhas pra mim que vinha do litoral.

Desde então aos poucos deitei raízes nessa terra rubro alaranjada, me dedico a estudar, viajar pra conhecer melhor e documentar essa vasta região central do Brasil. Nos anos 80 e início da década seguinte me engajei no Movimento dos artistas pela Natureza, bravo contingente de ativistas - quando nos mobilizamos em algumas importantes campanhas nacionais de educação ambiental, reunindo pessoas que lutaram pela criação de parques nacionais, pelos direitos indígenas e a defesa e valorização do bioma Cerrado – o Berço das águas. Tema de um poema/cartaz criado e editado por mim em 94 que lançou no imaginário nacional essa ideia força, essa mensagem que se tornou recorrente em relação a região origem de tantos rios. Fiz inúmeras exposições de pintura e desenho, participei de ações de tomada de consciência transformadoras e me tornei com o tempo um membro dessa geração de pessoas que é segundo alguns historiadores, os primeiros amantes do Cerrado, como nos chamava carinhosamente Paulo Bertran, autor de A história da Terra e do homem no Planalto Central, e do livro de poemas Cerratenses, um escritor e poeta que com sua

vasta obra literária cunhou o conceito de ecohistória e contribuiu definitivamente com dados para o reconhecimento e a valorização dessa região core (coração) do Brasil.

É tempo de escolher os dirigentes, trinta anos depois sem direito a voto direto, espera-se que a população brasileira tenha aprendido a lição. Quem será merecedor desse voto de confiança? Eu já fiz a minha escolha. O Brasil está num momento propício pra nada menos que uma revolução. É tempo do gigante despertar. Fazer acontecer a reforma política reivindicada com as manifestações de julho de 2013. Na educação, na cultura, no turismo ecológico - a chamada economia criativa que pode ser uma alternativa viável ao crescimento equilibrado e isso poderá se estender a todas as demais áreas. Não dá mais pra ser subserviente ao jogo do grande capital, destruindo seu precioso patrimônio natural pra servir aos interesses estrangeiros. Eu que voto no Lula desde 89 querendo mudanças, pensei que o PT chegando ao poder fosse encarar esse grande desafio. Lamentavelmente quem tem memória há de reconhecer que perderam a chance, consumidos em brigas internas, divisões e contradições tantas... mas é inegável que tivemos sim alguns avanços. A distribuição de recursos melhorou e o poder de consumo aumentou significativamente. Falta um projeto de educação que oriente a população pra lidar com sabedoria com as riquezas desse país tão lindo e raro. Queremos propostas, que vença quem tiver a melhor.

Trechos da minha biografia ecológica

Minha família é do interior do Goiás, minha avó morou lá muito tempo e eu ia muito, as minhas férias pelo menos metade eu passava lá, geralmente os 30 dias, não queria desgrudar da vó, essas coisas. Eu lembro que eu criei refúgios com a natureza, eu criava histórias. Eu lembro que tinha uma árvore de seriguela, que é uma árvore que dá para construir casa e era minha casinha, sabe? E eu tinha uma conexão com aquela árvore!

Minha mãe sempre me levou para muitos lugares e eu tenho muitas memórias do Jardim Botânico, de cachoeira, de ir pra lugares com natureza. Além dessa conexão com meus avós que são bem da terra mesmo, meu pai é produtor rural, tem uma terrinha pequenininha mas ele é, até hoje, muito vinculado à terra.

(...)

Lembro da angústia que senti as primeiras vezes que eu vi que as coisas podiam desandar, o impacto que isso tinha na vida das pessoas, o quanto é desastroso tudo isso, as nossas escolhas... miséria, desigualdade e destruição.

O meu interesse maior agora por essa temática de sustentabilidade vem mesmo de uma responsabilidade que tenho com a minha atuação no mundo.

3.3.1 Alinhando biografias ecológicas dos sujeitos da pesquisa

Arrisco-me aqui a fazer algumas observações a partir da leitura das biografias ecológicas dos participantes. As histórias são permeadas de lembranças da infância e adolescência, memórias emocionais relacionadas às pessoas e lugares com quem conviveram e onde viveram experiências junto a ambientes naturais. O famoso “contato com a natureza” se apresenta como importante fator de vínculo com a temática ambiental e o interesse pela sustentabilidade, presente na maior parte dos relatos.

Alguns fazem referência às suas experiências acadêmicas e profissionais, espaços de formação docente e movimentos sociais. Jogos e brincadeiras se apresentam como memórias importantes, assim como livros, textos, poemas e canções que marcaram as trajetórias. Outros mostraram registros fotográficos ou fizeram desenhos para ilustrar a ligação com os temas tratados pelo grupo.

Esteve mais evidente a afeição aos ambientes naturais e o que os compõe do que um possível medo do futuro ou projeções catastróficas. Assim como, a responsabilidade frente à situação atual e o apontamento de caminhos se mostraram mais evidentes que a acusação de agentes externos. Foram essas as trajetórias compartilhadas pelo grupo de professores participantes desta pesquisa.

CAPÍTULO 4 - VOANDO JUNTOS – A FORMAÇÃO DO GRUPO

Era um ambiente conhecido, eu havia trabalhado na escola no último ano e meio, conhecia a maior parte dos professores e gestores, além de boa parte dos estudantes. Em meio às minhas reflexões como educadora e a definição dos rumos profissionais, a ideia de estruturar uma sala de aula ao ar livre e uma proposta pedagógica para o acompanhamento do processo de transformação de um espaço foram pano de fundo para que eu enxergasse que os projetos relacionados à sustentabilidade e educação ambiental esbarram em muitos obstáculos no ambiente escolar. Com o acompanhamento da rotina escolar, sobretudo das coordenações com os professores, vivi encontros que desenharam os caminhos deste trabalho. Sem me dar conta, em um primeiro momento, comecei a registrar os encontros e o movimento de formação de um grupo, uma rede de apoio, que me ajudou a perceber que a minha proposta era uma entre tantas que encontravam barreiras comuns. O anseio comum dos que vieram compor este grupo era mais que apenas dar vida aos nossos projetos, queríamos buscar caminhos.

O presente capítulo procura compreender o processo de formação desse grupo e suas mudanças ao longo do tempo, levando em consideração eventos que julgo importantes no processo de estruturação do nosso trabalho coletivo nos anos de 2013 e 2014.

Considero assim três principais momentos do grupo:

- Grupo Inicial - grupo dentro da equipe de professores da escola.
- Constituição do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE) e formação da semente de Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida⁴ (Com-Vida).
- GTE como autor de um programa coletivo de EA e sustentabilidade para a escola

Para descrever a formação do grupo citado, faço uso do conceito de grupo de Pichon-Riviere (1998, pág. 11):

[...] um conjunto de pessoas movidas por necessidades semelhantes se reúnem em torno de uma tarefa específica. No cumprimento de desenvolvimento das tarefas, deixam de ser um amontoado de indivíduos, para cada um assumir-se enquanto participante de um grupo com um objetivo mútuo.

⁴ Com-Vida é a Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida é uma sugestão dos delegados da I Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA), que propuseram a criação de espaços de participação em defesa do meio ambiente nas escolas (MEC 2012). Trata-se de uma forma de organização na escola que se baseia na participação de estudantes, professores, funcionários, diretores e comunidade. O principal papel da Com-Vida é contribuir para um dia a dia participativo, democrático, animado e saudável na escola. A formação da Com-Vida é uma das primeiras etapas de preparação para a CNIJMA, uma iniciativa do MEC como atividade do órgão gestor da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), com o intuito, de maneira colaborativa, de que sejam discutidos caminhos para que as escolas se tornem espaços educadores sustentáveis.

O que chamo de *Grupo Inicial/Grupo dentro da equipe de professores da escola* é aquele que, de alguma maneira, se reconhece por desenvolver atividades relacionadas à temática ambiental e sustentabilidade na escola. A tarefa específica com a qual o grupo se envolveu nesse primeiro momento foi a de planejar ações para o espaço físico da escola. São os primeiros componentes do que viria a se tornar o Grupo de Trabalho e Estudos (GTE) sobre sustentabilidade na escola: P1, P4, P5, P6, P19 e P14.

O grupo que chamo de *GTE* é aquele que se formou no segundo momento do processo a partir de junho de 2013, quando a escola começou a se envolver na preparação para a IV Conferência Nacional Infantojuvenil do Meio Ambiente (CNIJMA), e prosseguiu em expansão até o primeiro semestre de 2014, com os constantes convites e informes à equipe de professores da escola. O segundo momento é denominado *Constituição do GTE e formação da semente de Com-Vida*, quando o grupo se amplia dos sete integrantes iniciais para onze, na ocasião da preparação da CNIJMA.

O terceiro momento se sobrepõe ao segundo, portanto não considero um registro cronológico dos acontecimentos. Está relacionado a um novo posicionamento do grupo, quando os integrantes reivindicam e atuam na autoria de um programa coletivo de EA e sustentabilidade para a escola.

4.1 A formação do grupo inicial: acompanhamento semanal nas coordenações coletivas e individuais

No ano de 2013, regressei à escola com a meta de materializar uma ideia surgida no ano anterior: a estruturação de uma sala de aula ao ar livre como um espaço de uso múltiplo, ou seja, a preparação de um local para o desenvolvimento de aulas que extrapolasse a sala.

Comecei compartilhando algumas ideias com os professores que já eram mais próximos e demonstravam afinidade com o tema. Alguns já conheciam, ainda que superficialmente, as ideias iniciais que inspiraram meu primeiro desenho de um projeto para o mestrado: a estruturação de uma sala de aula ao ar livre, transformando um espaço subutilizado da escola.

O espaço a que me refiro é um dos poucos locais da escola que não possuem sua superfície coberta por concreto. É um terreno íngreme, localizado ao lado das quadras de esporte. Possui algumas árvores que estavam presentes na área desde a construção da escola, como é o caso de dois ipês roxos, além de árvores plantadas por intervenções de outros projetos no decorrer dos anos, como é o caso das frutíferas e algumas espécies do Cerrado. O pouco uso e cuidado resultou no abandono da área, tornando-se um depósito de entulho de obras e outros resíduos sólidos da escola, além de apresentar problemas estruturais, como valas de escoamento de águas sem proteção e buracos, configurando-se em um local perigoso para os estudantes.

Neste tópico, desenvolvo uma reflexão a respeito do processo inicial de formação de um grupo de professores que, no interior da equipe de professores da escola, se reconhece como parceiro em torno dessa ideia. Esse momento se estendeu por cerca de cinco semanas, em reuniões de coordenação e conversas em diversos espaços de troca entre docentes, coordenação e direção da escola.

No mês de maio de 2013, a partir de minha participação ativa nas reuniões de coordenação, iniciei os diálogos com os professores e gestores rumo à concretização dessa meta. O compartilhamento de minhas inquietações e ideias para um projeto me fizeram entrar em contato com outros projetos já existentes na escola e com os desafios encontrados para a concretização e continuidade desses trabalhos.

Nos contatos iniciais com a equipe de gestão, o diretor me pareceu aberto para o diálogo. Havíamos conversado em outras ocasiões sobre minhas ideias e ele disse ter recebido outras propostas para uso do espaço, esclarecendo que daria prioridade a alguma ação escolhida pelo conjunto de professores. A vice-diretora apontou a possibilidade de uso de parte da verba do Programa de Descentralização Administrativa e Financeira (PDAF) para projetos pedagógicos, dizendo que seria importante conversar com o CE quanto às verbas para projetos e organização as demandas.

Na semana seguinte, realizei uma pequena explanação na coordenação coletiva sobre minhas ideias iniciais para o espaço. No momento da minha fala, o professor P5 e a professora P19 se colocaram à disposição para ajudar e falaram do interesse por ações em educação ambiental. Visitei a área com os professores dos dois turnos e falei livremente sobre a ideia de estruturar uma sala de aula ao ar livre. Ao convidar a equipe de professores para conhecer o espaço, notei que alguns permaneceram na sala de coordenação, o que sugeria que a abertura não era de todos.

Notei que o abandono da área permanecia, foi possível ver buracos, rachaduras nos muros, postes derrubados com lâmpadas quebradas entre outros problemas. Durante a visita, alguns professores manifestaram suas opiniões sobre o espaço. Alguns deram exemplos de locais que são referências de um espaço agradável e bonito, por exemplo, o Jardim Botânico. O professor P14 ressaltou o quanto esse espaço poderia se tornar um recanto de beleza na escola, um espaço agradável para ser usado nas aulas e nos intervalos. P6 me disse que a ideia de usar espaços diferenciados para as aulas, de pensar em estruturas que saiam da “geometria quadrada”, como a geodésica de bambu, deixava-o muito motivado a participar do projeto.

As professoras P4 e P1 me contaram episódios históricos da escola que estavam relacionados a intervenções e uso da área, o que iniciou o diálogo e o compartilhamento sobre projetos do passado e do presente na escola. Com isso, desafios e dificuldades começaram a ser expostos: falta de apoio dos professores e das gestões anteriores, falta de recursos materiais e financeiros, falta de continuidade nas parcerias externas e com os professores temporários. Elas fizeram questão de me alertar para as fraquezas encontradas, mas se mostraram claramente dispostas a participar dos próximos passos, que nem mesmo eu sabia quais seriam.

Ao voltarmos para a sala de coordenação, conversei com o presidente do CE e uma professora que também o compõe. Pedi para ser avisada sobre as próximas reuniões, visando compreender os caminhos para viabilizar a sustentabilidade financeira dos projetos, considerando o CE como mais um espaço de participação.

Desde as primeiras conversas, percebi a aproximação de alguns professores com minha fala na coordenação e me coloquei ainda mais à disposição para a aproximação de interessados na temática apresentada. P1, P4, P5, P6, P19 e P14 começavam a dar sinais de aproximação e de um agrupamento inicial.

Na terceira semana, as coordenações estavam cheias de demandas e decisões, o que dificultou a interação com os professores. Aproveitei o tempo na escola para tirar fotos e sistematizar o que vislumbrava para o espaço. Conversei brevemente com os professores P6 e P14, que trouxeram ideias relacionadas à Permacultura⁵ e à eficiência energética para pensar os espaços e as funções exercidas. Os dois falaram também de experiências que viveram com construções e intervenções nos espaços. Considerei esse diálogo um sinal de aproximação.

Na quarta semana, recebemos representantes do Coletivo 7 Saberes⁶ na escola. Eu havia convidado o coletivo para uma possível parceria por conhecer o trabalho realizado no Parque Olhos D'água, localizado na Asa Norte, onde o grupo transformou uma área abandonada em um espaço educativo e de lazer. Eles visitaram a área e deram sugestões sobre o que poderia ser feito no espaço da escola. Disponibilizaram-se a ajudar na construção de um espaço de múltiplo uso e na estruturação da agrofloresta/pomar. A equipe foi recebida pela vice-diretora que fez questão de apresentar-lhes toda a área interna da escola.

Na quinta semana, ao chegar à sala de coordenação, sem que partisse de minha iniciativa, alguns professores fizeram considerações e sugestões para a possível sala de aula ao ar livre. Uma das professoras de matemática do vespertino trouxe a ideia da construção de um relógio solar (Gnomon) e de uma rosa dos ventos, disse que é possível trabalhar ângulos com os alunos, os pontos cardeais, o movimento dos astros. Conversei sobre a possibilidade de construir uma biruta com a professora de geografia para trabalhar o movimento das massas de ar e atmosfera. Surgiu a ideia de acompanhar o volume de chuvas com a professora de ciências. O professor P6 também se aproximou para uma conversa e comentou sobre um educador e antropólogo que ministra aulas ao ar livre e retomou a ideia da geodésica de bambu.

Reconheço que esse primeiro momento do grupo pode ser caracterizado como uma aproximação entre projetos e pessoas que se reconheciam na ideia, inicialmente lançada por mim, de transformação do espaço físico da escola. Esse mote inicial facilitou o encontro de ideias, que passaram a se fortalecer, e o apontamento de possíveis caminhos para um fazer coletivo.

⁵ O termo Permacultura é explicado no capítulo 3, com um dos temas tratados no Curso Sustenta!

⁶ O Coletivo 7 Saberes utiliza os jogos cooperativos como principal ferramenta para o desenvolvimento das abordagens práticas da educação holística transdisciplinar. O coletivo atuou na transformação de um espaço no Parque Olhos D'água, localizado na Asa Norte – DF, e construiu o Eco Parque.

4.2 Constituição do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE) e formação da semente de Com-Vida

Este segundo momento de constituição do grupo é marcado por uma ampliação da compreensão do que seria sua possibilidade de atuação na escola, extrapolando o foco da modificação do espaço físico. Compreendo o início desse momento a partir da preparação para participação na IV CNIJMA, o que teve continuidade nas reuniões de coordenação para então se configurar como um coletivo que passamos a considerar como Grupo de Trabalho e Estudos (GTE), em reuniões e ações de iniciativa própria deste grupo. Este momento, compreendido como demarcação do GTE como lócus que, ainda que de modo difuso e inconstante, aos poucos vai sendo forjado como possibilidade de construção de um projeto coletivo na escola, será tratado nos três subtópicos a seguir.

4.2.1 Participação na IV CNIJMA – Preparação, etapas e culminância

A sexta semana de minhas observações na escola marca o início deste que considero o segundo momento do grupo. Na ocasião, fui avisada pela coordenadora da Educação Integral da escola, sobre a reunião a respeito da IV CNIJMA com todas as escolas do Paranoá e representantes da Gerência de Educação Básica e do Núcleo de Educação Ambiental (NEA) da Secretaria de Educação do DF, da qual participei com a professora P1, representando nossa escola.

Na semana seguinte, conversei com os professores que haviam manifestado interesse e oferecido apoio anteriormente, eram eles(as): P4, P1, P19, P5, P14 e P6. Compartilhei sobre a importância da nossa participação no evento para trazer a temática da sustentabilidade para a escola. Decidimos formar uma força tarefa para que a escola pudesse participar do processo de preparação. Nesse momento me dei conta de que um grupo já existia.

A convocação na equipe de professores reforçou a percepção da existência de um grupo, ainda que com uma configuração flutuante. Eu havia feito a convocatória para nos unirmos, mas já estávamos próximos por afinidades e interesses comuns. Compreendemos esse evento como uma oportunidade para a discussão de assuntos relacionados ao meio ambiente e à sustentabilidade. Uma das bases da preparação para o evento é o fortalecimento ou a formação da Com-Vida como instância de planejamento e participação coletiva de toda a comunidade escolar. Os caminhos já apontavam que, na nossa escola, a semente de Com-Vida era um grupo docente. Na ocasião, a professora P4 expressou que precisávamos de outros representantes da comunidade escolar para a Com-Vida, pois os professores estavam bem representados.

Descrevo brevemente as fases da CNIJMA para facilitar a compreensão dos próximos eventos descritos. A proposta para a IV CNIJMA estava estruturada da seguinte maneira:

a) Conferência na escola - Etapa obrigatória

Nesse momento, cada escola constrói ou fortalece a Com-Vida, que deverá organizar o processo, envolvendo a comunidade com o tema *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis*; elabora um projeto de ação, de acordo com os conhecimentos adquiridos no cotidiano escolar e com os materiais encaminhados para o processo da IV CNIJMA, a ser colocado em prática após o evento; cria um material de educomunicação⁷ para divulgar o projeto; elege um delegado(a) (e suplente); compartilha o resultado do trabalho coletivo com outras escolas e com a comunidade. Também é o momento de planejar de que forma a Com-Vida continuará atuando após a conferência, colaborando com o dia a dia da escola. Momento em que são definidos os coordenadores e líderes dessa comissão, a forma que a liderança será compartilhada e, principalmente, como se dará a mudança na coordenação ao longo dos anos, tendo em vista que a Com-Vida é uma comissão permanente.

b) Conferência Municipal/Regional – Etapa opcional

Os projetos de ação apresentados na Conferência na Escola e transformados em produtos de educomunicação serão debatidos pelos delegados durante a Conferência Municipal/Regional, nas Unidades Federativas que optarem por realizá-la.

c) Conferência Estadual – Etapa obrigatória

Os projetos de ação escolhidos nas etapas anteriores são apresentados e debatidos na Conferência Estadual. Os delegados presentes escolhem quatro projetos que consideram mais relevantes, transformadores e exequíveis. Os delegados das escolas, cujos projetos de ação foram eleitos, devem acompanhá-los na etapa nacional, quando serão apresentados. A Conferência Estadual poderá também elaborar uma proposta de ação que aponte políticas públicas estaduais que favoreçam a criação de escolas sustentáveis. Essa proposta deve ser enviada às autoridades locais.

d) Conferência Nacional

A IV Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente foi realizada em Brasília, de 10 a 14 de outubro de 2013. A CNIJMA foi o encontro de aproximadamente 700 delegados, entre 11 e 14 anos, que já debateram o tema em suas escolas, nas Conferências Municipais/Regionais e nas Conferências Estaduais. Durante a Conferência Nacional, esses jovens aprofundaram a

⁷Educomunicação: Processo de comunicação com intencionalidade educacional expressa e que envolve a democratização da produção e de gestão da informação nos meios de comunicação em seus diversos formatos, ou na comunicação presencial. Pode ser definida, também, nas práticas educativas que visam levar à apropriação democrática e autônoma de produtos de comunicação, por meio dos quais os participantes passam a exercer seu direito de produzir informação e comunicação (TASSARA, 2008).

temática, socializaram os projetos, participaram de oficinas e construíram produtos de educomunicação.

O conhecimento acerca dessas etapas ajudará na compreensão dos passos vividos por nossa escola e dos fatos que corroboram a formação do GTE. A professora P1 nos contou sobre a experiência que viveu na edição anterior da conferência e se dispôs a participar ativamente na inserção das temáticas em sala de aula. Disse não saber se poderia ajudar na aplicação das oficinas, por questões pessoais, mas apoiaria o grupo no que fosse necessário.

Os professores P5, P6 e P14, se comprometeram a participar tratando o tema em suas aulas e como apoio na Conferência da Escola. Prontamente P4 e a P19 se envolveram no planejamento das ações e na preparação para esta primeira fase do processo. Planejamos conjuntamente como seriam as ações em sala de aula para a preparação para a IV CNIJMA. Pensamos na maneira de formar a Com-Vida visando trazer representações da comunidade escolar, levantar a problemática da escola e buscar as respostas na própria escola.

Marcamos a data da Conferência na Escola e formamos uma equipe de professores que aplicaria a Oficina do Futuro⁸, com levantamento de ideias dos próprios estudantes. Na prática, apenas a P19 e a P4 realizaram as atividades propostas para esta etapa. Os outros integrantes do grupo auxiliaram na culminância.

Outro momento que considero importante nesse processo foi quando dois pais aderiram à Com-Vida, após uma fala rápida em uma reunião em que convidei pais e mães para nos auxiliar na estruturação do espaço. Após a reunião, dois pais ofereceram o trabalho de jardineiro e pedreiro para quando fosse necessário, destaque também a disponibilidade de uma mãe para trazer mudas de plantas ornamentais. O momento da reunião, no formato como foi realizada, não favorecia o diálogo mais aproximado com pais e mães. Era uma pauta extensa e as falas estavam organizadas em curtos espaços de tempo.

No mês de julho, entramos em um período de recesso escolar. Com o retorno das aulas em agosto, reiniciamos os preparativos para participação na IV CNIJMA. Paralelamente à minha participação nas coordenações, realizamos Oficinas do Futuro com as turmas da P19 e da P4, seguindo as orientações da organização IV CNIJMA.

Realizamos a Conferência na Escola em setembro. Considero-a exitosa, uma vez que trouxe a percepção dos alunos e das pesquisas realizadas no período de preparação. No total 17 turmas foram envolvidas no processo, dez do matutino e sete do vespertino. Infelizmente não conseguimos envolver toda a escola, por conta do curto tempo e da pequena participação dos professores.

⁸A Oficina do Futuro é uma metodologia criada pela ONG *Instituto ECOAR para a Cidadania*. <www.ecoar.org.br>, que consiste em uma série de passos para a construção de projetos coletivos, com duração que pode variar de acordo com o ritmo e o aprofundamento que o grupo deseje (BRASIL, 2012). É parte integrante da proposta do MEC para a formação da Com-Vida e elaboração da Agenda 21 da escola.

A equipe escolhida pelos estudantes apresentou o Plano de Ação denominado *Áreas não utilizadas - Eu Ocupo!* Os estudantes dessa equipe, instigados ao longo da preparação para a CNIJMA, também traziam demandas de ocupação de espaços não utilizados na escola com a construção de áreas de lazer, horta, viveiro de mudas, jardins, gibiteca e outros espaços para as aulas.

Vale destacar a participação da turma de Educação de Jovens e Adultos Interventivo, composta por estudantes com necessidades especiais. Embora a professora responsável por essa turma não tenha se colocado como parte do grupo, ela trabalhou em parceria com a professora P4 e seus estudantes participaram da conferência na escola e acompanharam as atividades de preparação, com tarefas adaptadas às necessidades especiais. Contamos também com a ajuda do coordenador da escola, que fez a cobertura fotográfica do evento.

Vale reforçar que a percepção de um grupo em constituição dentro da equipe de professores foi evidenciada durante a participação da escola na IV CNIJMA, tanto na atuação direta com os alunos e a comunidade escolar, quanto no apoio às diversas atividades necessárias para a realização das etapas.

4.2.2 Reuniões periódicas da equipe de professores da escola

Semestralmente, as escolas realizam uma reunião pedagógica geral com a participação de todos os docentes com o intuito de planejar os bimestres letivos seguintes. Além desse momento de encontro, semanalmente há reuniões de coordenação coletiva que agrupam os professores por turno e coordenações por área em que o professor possui um tempo de planejamento junto aos outros professores da mesma disciplina que leciona e das disciplinas afins.

As coordenações pedagógicas coletivas são instâncias também de resolução de questões gerais do funcionamento da escola e, frequentemente, são muito cansativas. É difícil abordar assuntos específicos, por se considerar importante ir direto ao assunto a ser tratado, pois há uma pressão com relação ao tempo. Geralmente os projetos são deixados para os momentos finais, em que a dispersão já é grande o suficiente para diminuir a disposição para o diálogo. Com base nesse fato, decidi manter as visitas a escola também nas coordenações individuais, quando tinha possibilidade de falar com os professores em pequenos grupos e individualmente.

Fiz uma explanação para os professores na reunião pedagógica geral do segundo semestre de 2013 sobre a oportunidade do contexto da IV CNIJMA para pensar intervenções socioambientais na escola, como a proposta para o espaço físico, e convoquei novamente a equipe de professores para formar a Com-Vida. Como relatado acima, já havia um grupo empenhado em participar.

Surgiu a proposta de montar um material informativo para os pais sobre a ideia inicial do projeto para que pudessem se aproximar e ajudar. Montaríamos uma lista de professores, pais, funcionários e alunos interessados, e organizaríamos um material de

notícias para comunicação, com o intuito de fortalecer a rede e consolidar a Com-Vida da escola.

Alguns professores se manifestaram sobre a importância de tratar alguns temas relacionados à sustentabilidade. O P14 falou sobre a questão da água no Distrito Federal. O P6 falou sobre as desigualdades sociais presentes nas questões ambientais. A coordenadora pedagógica demonstrou seu apoio ao projeto e o quanto achava relevante a temática.

Senti o grupo atencioso quanto aos temas levantados, projeto da sala de aula ao ar livre e CNIJMA, mas os únicos a se aproximarem foram os mesmos professores das reuniões anteriores. Apenas uma professora declarou explicitamente que não tinha interesse em participar de nenhuma das ações.

Uma das coordenadoras, após a reunião, falou sobre o posicionamento de um antigo diretor que dizia: “coisas boas devem ser verbalizadas. O reconhecimento é uma necessidade humana”. Disse que considerava importante reconhecer o que já estava em andamento na escola sobre educação ambiental nos últimos anos. Entendi que ela estava preocupada em relembrar e reconhecer o histórico dos trabalhos anteriormente desenvolvidos.

4.2.3 Encontros e ações do GTE - Reunião com o Conselho Escolar

Os professores P5 e P4 são membros do CE e sugeriram minha participação em uma de suas reuniões para discutir a proposta da construção de uma sala de aula ao ar livre com os outros membros. Após um encontro com o diretor e a vice-diretora sobre a situação de abandono do espaço, no começo do ano, conversamos sobre a necessidade de expor ao CE a situação da área.

Conseguimos participar de uma reunião extraordinária, convocada excepcionalmente para tratar da destinação do PDAF 2013 e a requisição do PDAF 2014. A pauta longa não nos permitiu estender a fala sobre o projeto da sala de aula ao ar livre. Além dos membros do conselho que faziam parte do GTE, estavam presentes também a professora P1 e os professores P6 e o P14, o que me fez sentir mais segura e apoiada. Sentia que as ideias compartilhadas eram do coletivo e não somente minhas. Nossas falas me fizeram perceber a necessidade de maior integração entre os projetos relacionados à temática ambiental e sustentabilidade, pois na votação, os conselheiros apoiaram a compra de materiais para uso no projeto da sala de aula ao ar livre, mas era preciso sistematizar o que queríamos, estruturar os projetos e explicitar nossas necessidades. Essa diretriz valia para todos os outros projetos.

A reunião com o CE foi um marco na história do GTE, não pela relevância do que foi tratado e discutido, mas pelo fato de ser a primeira vez que nos mostrávamos como um grupo diante à comunidade escolar, não apenas vinculados à participação em um evento, mas como uma representação na escola.

Ao término da reunião, o grupo se reuniu espontaneamente para conversar sobre as percepções e definições para os caminhos de atuação na escola. Na reunião, a professora P19 falou sobre o contexto atual da escola, dizendo que era difícil uma articulação, por ser um momento de mudanças. Para ela, a mudança da direção anunciada para o próximo ano deixava os professores inseguros e, no seu entendimento, eles precisam de segurança para acolher novas propostas. *“É preciso trazer exemplos que deram certo e quais benefícios para a escola um projeto como esse pode trazer (...) Há um medo do novo, medo da mudança da dinâmica da escola (Professora P19, depoimento em 26/09/2013)”*. Citou uma mudança recente que havia acontecido com o fim da sala ambiente e a desestabilização do grupo diante desse acontecimento, lembrou ainda que o Projeto Político Pedagógico (PPP) independe da equipe gestora da escola e que a estruturação da sala de aula ao ar livre poderia acontecer, desde que fosse parte de um projeto inserido no PPP. O professor P6 sugeriu aos professores uma imersão na sustentabilidade por meio de uma visita à Chácara Asa Branca ou a outra estação permacultural. Disse achar importante uma vivência para que os professores compreendessem as propostas de intervenções no espaço físico da escola. A professora P1 expôs a necessidade de fortalecer o projeto de Coleta Seletiva e propôs considerar outras ações realizadas em sala de aula.

Nesse breve encontro, decidimos unir os projetos já existentes com as novas ideias, integrando as iniciativas relacionadas à educação ambiental e sustentabilidade em uma proposta que pudesse ser costurada ao PPP da escola, o que, posteriormente, foi estruturado como o Programa de sustentabilidade e educação Ambiental do CEF do Paranoá.

Após a participação da escola na IV CNIJMA, o GTE/Com-Vida conseguiu se reunir poucas vezes. Relato a seguir as poucas reuniões que tivemos, destacando os pontos considerados mais relevantes de cada encontro. Nesses momentos de encontro, fiz convite para um encontro com todo o grupo. Novamente era possível perceber a existência de um grupo e aproximação dos componentes. No início do mês de outubro decidimos marcar um encontro do grupo e falamos sobre a proposta do professor P6 de visitar uma estação permacultural, como a Chácara Asa Branca.

Os encontros individuais foram também oportunidades de conversar com os professores que estavam mais próximos. P19 e a P4 estavam em sala de aula e aproveitei o momento de troca de turma para conversar com cada uma delas. As duas foram bastante receptivas. P19 sugeriu um horário na semana seguinte para a reunião do grupo, seria depois do conselho de classe e almoço de confraternização, no dia 16 de outubro. Disse acreditar na força de ação com os professores, *“É preciso edificar através dos professores, capacitar e sensibilizar os professores (Professora P19, depoimento em 01/10/2013)”*. A professora P4 sugeriu que levássemos alguns estudantes na visita à Chácara Asa Branca, concordei sugerindo que ao menos o grupo que iria nos representar na IV CNIJMA participasse da visita

Pude conversar com mais calma com o professor P14 que estava em horário de coordenação e falou sobre a importância de criar uma comissão representativa do

projeto na escola. Ele disse acreditar que o ideal é formarmos um grupo autônomo, independente da direção. Conversamos sobre a possibilidade do GTE ser também a base da Com-Vida, sugerida pela IV CNIJMA. Embora o grupo já estivesse em formação, esse foi o primeiro momento que essa demanda surgiu claramente de um dos professores com o intuito de materializar um coletivo de estudos e de planejamento de ações, o que poderia aumentar nosso tempo de convivência e compartilhamento de materiais e experiências.

Ainda que tenha considerado esta fase de constituição do GTE como uma ampliação do objetivo para uma percepção da importância de um trabalho coletivo na escola, o tema do espaço físico esteve bastante presente nas reuniões. Na reunião do GTE em 23 de outubro, durante o exercício de pensar o espaço físico ao lado da quadra, falei de minha ideia inicial de uma sala de aula ao ar livre. Os professores deram sugestões quanto à intervenção no espaço e à importância da manutenção das áreas verdes da escola. Destaco a demanda de planejamento das ações futuras do grupo e de como enfrentaríamos questões burocráticas diante de nossas decisões. Nesse mesmo dia estava acontecendo a reunião de pais, saímos da reunião e fomos fazer o convite aos participantes para integrar a Com-Vida da escola.

Na reunião seguinte, ocorrida em 06 de novembro, ainda que estivéssemos focados no espaço físico, apareceram novos pontos de pauta: ações na semana pedagógica, a proposta do grupo como uma instância de estudos, a montagem de um banco de referenciais e de uma rede de colaboradores e o planejamento de visitas para estudos.

Sobre esse último ponto, P6 sugeriu que o primeiro tema de estudos fossem os Princípios da Permacultura e sugeriu também a ideia das Reuniões, que seriam encontros do grupo abertos para conversa sobre os diferentes temas enquanto uma ação era executada pelo coletivo. Retomou sua proposta da Chácara Asa Branca, sede do IPOEMA, uma referência de Permacultura em Brasília, como um possível local para primeira visita. O objetivo da visita seria estudar as bases da Permacultura, seus elementos e as aplicabilidade na escola, que, certamente, extrapola a questão do espaço físico. Conversamos sobre possibilidades de outros espaços para visita e sugeri o Eco Parque no Parque Olhos D'água, projeto do grupo 7 Saberes que esteve na escola.

A perspectiva de pensar em ações para a Semana Pedagógica também apontava caminhos que iam além da discussão do espaço físico. P19 sugeriu montarmos oficinas de formação sobre educação ambiental para os professores. Além da Semana Pedagógica, foi citada, como espaço propício para tratar do assunto, a Semana de Educação para a Vida. O professor P14 falou sobre a importância de se criar uma identidade para o grupo, para que fôssemos reconhecidos na escola.

Começamos a visualizar melhor nossa possível rede de colaboradores. Muitos diálogos se seguiram e sentimos a necessidade de buscar referências em sustentabilidade quanto ao espaço físico, para planejar o espaço da sala de aula ao ar livre, uma vez que não havíamos conseguido uma parceria para nos ajudar a fazer um

desenho para a área. Os encontros nos traziam informações que colaboravam com o histórico e o diagnóstico da escola.

Pousando para refletir sobre dificuldades e desafios vivenciados no ano de 2013

Descrevo aqui apontamentos e faço uma breve reflexão sobre as dificuldades e os desafios encontrados nos nossos voos.

Conciliar horários com os professores foi uma dificuldade que se mostrou bastante presente. No mês de novembro e dezembro de 2013, as dificuldades para reunir o grupo e manter nosso encontro coletivo se acentuaram ainda mais, devido ao fechamento das atividades do ano, notas e à entrega de diários. Ao longo do primeiro semestre de 2014, o grande desafio continuava a ser reunir os componentes do GTE. Três professores participantes passaram a ocupar cargos na gestão escolar como coordenadores, outro professor passou a coordenar as ações relacionadas ao Programa Mais Educação do MEC⁹. Embora em um primeiro momento essa nova distribuição dos componentes possa parecer interessante, por supostamente aumentar a abrangência de ação do GTE dentro da estrutura da escola, dificultou a possibilidade conciliar datas e horários para reuniões desse coletivo.

Um exemplo dessa dificuldade de encontrar horários comuns foi a visita à Chácara Asa Branca que conseguimos realizar no dia 05 de dezembro, após três meses de tentativa. Estavam presentes os professores/as P4, P19, P5, P6 e eu. Com a demora para viabilizar a visita, não foi possível levar os estudantes que participaram da IV CNIJMA. Percebi o quanto reunir uma parte do grupo foi simbólico no contexto do fim de ano e fechamento das atividades escolares, demonstrando um compromisso com o grupo. P4 propôs um encontro nas férias, surgiu no grupo a ideia de preparar uma apresentação para a equipe de professores no início do ano letivo de 2014 e marcamos a data da preparação para a última semana de janeiro.

Observei certa dificuldade de articulação e comunicação entre os componentes do grupo. Mantivemos o padrão de conversas individuais e os registros, porém a falta de encontros nos fazia perder as oportunidades de compartilhamento e planejamento coletivo, tudo parecia ser abafado pelo dia a dia de uma escola. A comunicação virtual oscilava, com momentos de maior e menor interação entre os membros do grupo, mas nos ajudou principalmente na definição de datas para os encontros e no compartilhamento de materiais para o banco de referências.

Somado à falta de tempo e às dificuldades de comunicação, as reuniões do então recente GTE não possuíam um local definido para acontecer. Solicitamos um espaço para as nossas reuniões e fizemos a proposta de revitalização de uma sala subutilizada, que seria cedida para a construção de um posto do batalhão escolar.

⁹ O Programa Mais Educação tem por finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens matriculados em escola pública, mediante oferta de educação básica em tempo integral.

Outra dificuldade encontrada refere-se às mudanças ocorridas nas equipes da escola. Essa dificuldade está expressa no trecho de um depoimento transcrito abaixo, da professora P19, quando cita que o ano de 2013 não foi um ano favorável para propor nada para a escola, principalmente devido ao momento de mudança da direção e a cisão da equipe de gestão escolar.

“Nada que você propusesse ou qualquer um de nós propuséssemos iria ser bem-vindo neste ano que está acabando. Um ano muito tenso em função de todo o processo que ocorreu” (Transcrição de depoimento da Profa. P19, em 05 de dezembro de 2013).

Na passagem, ela faz referência aos conflitos no processo de transição da equipe gestora da escola, o que gerou grande mudança devido à saída de seis componentes da gestão anterior. Segundo ela, as mudanças e a conquista de um lugar de expressão na escola dependiam de tempo e de trabalho.

Nesse momento, a professora apontou para uma questão que até então não havia se apresentado, sugeriu que o professor P5 apresentasse as ideias para a equipe de professores, argumentando que era importante desvincular o programa do CEF do Paranoá de meu projeto de mestrado.

“As pessoas estão vinculando os momentos de discussão que a Gabriela quer trazer alguma coisa, com o projeto de mestrado dela. Sendo que isso é apenas uma parte. É preciso deixar claro que o projeto é da escola” (Transcrição de depoimento da Profa. P19, em 05 de dezembro de 2013).

Tentei esclarecer a diferença entre a estruturação de um programa construído coletivamente para a escola e o recorte que eu registraria no mestrado. Como contraponto, P6 e P19 afirmaram que para o grupo estava claro, mas não para a equipe de professores. P6 sugeriu a descentralização no grupo, distribuindo mais claramente nossas funções e nos revezando. P19 sugeriu novamente que o P5 fosse o porta voz do grupo na próxima apresentação para a equipe de professores.

Eu não havia notado claramente essa resistência da equipe de professores, mas essa percepção foi confirmada pela P4 e pelo P5. Uma outra fala da P19 reafirmava uma possível dificuldade de aceitação das minhas propostas:

“Os momentos da fala da Gabi devem ser mudados e alterados. Porque quando a Gabi vem e as pessoas estão em um momento de muito cansaço e muito estresse, enfim surgem comentários: ‘Por que eu vou escutar ela falar do mestrado dela com tantos problemas que a gente tem aqui na escola?’ E mesmo que seja uma proposta para a escola, as pessoas não estão abertas nesse momento a nenhuma nova proposta”. [Cita novamente o momento vivido na escola] (Transcrição de depoimento da Profa. P19, em 05 de dezembro de 2013).

Na ocasião, P6 citou que a dificuldade de aceitação pelas pessoas da escola pode ser também pelo medo do desconhecido, de uma proposta que aponte mudanças. Defendeu o fazer-e-mostrar como um possível caminho: “*Que seja teórico, mas que seja prático também*” (Transcrição de depoimento do Prof. P6, em 05 de dezembro de 2013).

Foi retomada a possibilidade de inserir o Programa de sustentabilidade e educação ambiental do CEF no PPP da escola, concretizando a delimitação entre o meu projeto de mestrado e a contribuição do grupo para a escola. Na fala da P19:

“... ai sim, vira projeto da escola, mas para virar parte do PPP, o grupo [referindo-se a toda equipe da escola] precisa votar se quer ou não. E para isso é preciso conhecer. O meu receio é de levar para o grupo a proposta de trabalho(...) e eles continuarem vinculando a um projeto de mestrado, seja de qualquer colega, não só da Gabriela. Eles não vão votar. As pessoas são muito centralizadoras” (Transcrição de depoimento da Profa. P19, em 05 de dezembro de 2013).

Estudamos nesse momento possíveis arranjos do grupo e dos caminhos para efetivar ações e inserção da nossa contribuição no PPP da escola. P5 nos lembrou a importância de documentar o que construímos, nossas contribuições e ações para possíveis intervenções futuras na escola. P6 apontou para a importância do grupo se afinar por meio dos estudos conjuntos e partilhas. Ideia que já havia surgido em outros encontros e que é reafirmada nesse momento.

“...se é um trabalho em grupo, eu acho que a gente tem que se afinar como grupo, eu sugiro um grupo de estudos, pegar os livros e revistas de Permacultura, juntar e estudar os princípios permaculturais. Porque a partir dos princípios permaculturais a gente vai conseguir visualizar as zonas e ter uma visão mais clarificada de qual vai ser nossa ação conjunta prática para causar um feito no nosso grupo. Entenderam?” (Transcrição de depoimento da Prof. P6, em 05 de dezembro de 2013).

A gente precisa se afinar. Aí sim, estudar juntos, visitamos o IPOEMA, tirar as nossas dúvidas, trocamos ideias. Ai a gente começa a ter uma força que vai além da força verbal, é uma força energética. Porque talvez esse fardo de dizer que é um projeto de mestrado, seja por não ter ainda essa coesão” (Transcrição de depoimento da Prof. P6, em 05 de dezembro de 2013).

Foi um momento muito rico de interação e descontração que nos permitiu pensar na nossa escola com um novo olhar e enxergar possibilidades. Sobretudo da importância do estudo coletivo e da nossa atuação na escola.

Ao mesmo tempo que os depoimentos de alguns apontam para um tensionamento na relação entre meu projeto de mestrado e as ações do GTE, revelam uma busca de coautoria pelas ações que realizávamos na escola e indica uma possível conquista de um espaço coletivo de trabalho.

4.3 GTE como autor de um programa coletivo de Educação Ambiental e sustentabilidade para a escola

Desde os primeiros encontros de 2014, o grupo seguiu a tendência, que já se anunciava no final do ano anterior, de ampliar o foco do espaço físico para ações articuladoras de um projeto de educação ambiental e sustentabilidade da escola como um todo. Com isso, os encontros começaram a trazer outros elementos, tais como a contribuição para o PPP e a consolidação de um espaço de planejamento pedagógico de atividades relacionadas à temática ambiental e sustentabilidade. A proposta era a formação de um grupo disponível para o exercício do diálogo, para compartilhar os referenciais que buscávamos, que pudesse ser um apoio aos outros professores para inserir temas em educação ambiental e sustentabilidade em suas aulas e demais ações, caso desejassem.

A primeira ação do GTE foi no dia 21 de janeiro, ainda no período de férias coletivas. A professora P4 convocou o grupo para preparação do novo espaço para implementação da horta escolar. Estavam presentes P4, P5, eu e outros dois colaboradores externos. Não chegamos a nos reunir para conversar nesse momento, foi uma tarefa prática de intervenção no espaço físico.

A primeira reunião, convocada por *e-mail* aconteceu no dia 28 de janeiro, ainda no período de férias coletivas. Participamos, P1, P4, P5, eu e a vice-diretora da escola.

A vice-diretora nos informou sobre a possibilidade apresentada pela regional de ensino de nomear um (a) coordenador (a) para projetos de educação ambiental na escola, mas que havia sido informada a respeito no período de férias. Ela disse ter enviado o projeto proposto pela professora P1, uma vez que era o único que integrava o PPP da escola. Porém, segundo a avaliação da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) era preciso fazer ajustes no projeto enviado.

A necessidade de sistematizar e organizar os projetos da escola em um programa se mostrava cada vez mais necessária. Já éramos mais do que projetos separados, pois começávamos a dialogar. Novamente ficou evidente a demanda por um tratamento coletivo aos projetos da escola, não restrito ao projeto da P1 e ao meu projeto de mestrado. Os professores (as) alegavam que a resistência à ideia de um projeto de educação ambiental é maior quando vinculado a uma pessoa e não a um grupo. Pensamos em um Programa que englobasse os projetos em sustentabilidade e educação ambiental, tanto já existentes como os que ainda seriam elaborados pelo GTE, e que fosse parte integrante do PPP da escola.

A descrição acima evidencia o início da consolidação do grupo, uma vez que mostra a ampliação do foco nas discussões sobre EA e sustentabilidade para além do espaço físico. Esse entendimento passa a incorporar a construção de uma identidade coletiva, a conquista de uma sala para os encontros e ações do grupo, o reconhecimento do grupo pela gestão escolar e a elaboração coletiva de uma contribuição para o PPP da escola.

A conquista de uma sala para os encontros do grupo foi simbólica neste processo de sua consolidação. A princípio, não tínhamos um local apropriado para nossos encontros, usávamos a sala dos professores ou a sala de coordenação pedagógica - sempre muito ruidosas e cheias - ou a sala do SOE nos intervalos de atendimento. A direção nos concedeu essa possibilidade de uso e ocupação de uma sala onde antes ficavam materiais, livros e objetos “achados e perdidos”. Essa mesma sala chegou a ser cogitada como um possível posto do batalhão escolar.

Com a concessão da direção, esse espaço foi sendo ocupado e transformado aos poucos pelos membros do grupo por meio de organização, limpeza, pintura e ornamentação. Acredito esse fato demonstra, por um lado, o reconhecimento do grupo pela gestão da escola. Por outro lado, o uso e zelo, pelo espaço, as intervenções contínuas simbolizam a consolidação do grupo internamente. Aos poucos a sala foi ficando conhecida como a sala do Sustenta ou sala da Com-Vida, mas observei que a sala era utilizada também por estudantes fora do horário de aula, nas atividades do Mais Educação e para pequenos encontros entre os membros da escola.

A consolidação do grupo e as conquistas citadas não isentam o processo das dificuldades e desafios listados anteriormente. As mudanças não se deram de forma linear e estanque, há uma sobreposição desses momentos. Como uma ascensão espiral, com contradições e movimentos de idas e vindas do grupo

A seguir, proponho-me a descrever e, ao mesmo tempo, interpretar e buscar compreender como se deu o trabalho coletivo entre dos docentes da escola. Ainda que eu tenha feito parte de todo o processo, tento, dentro de minhas limitações, me colocar em um papel de observadora dos nossos voos, mapeando rotas passadas por meio do meu olhar e buscando captar também elementos do contexto. Organizei minhas reflexões em dois grandes temas: “*Idas e Vindas*” e “*Novos horizontes, novas rotas*”, que são apresentados nos subitens a seguir.

4.3.1 As idas e vindas

Como descrito anteriormente, o grupo reivindicou um autoreconhecimento, com a necessidade expressa do descolamento do que era próprio do grupo e do que era o “projeto de mestrado da Gabriela” ou o projeto isolado da P1. Porém, em alguns momentos, coloca-se em uma posição de passividade, uma quase indiferença manifesta na falta de respostas aos *e-mails* e nas tomadas de decisões. Cada *e-mail* sem resposta, as negativas evidentes ou veladas para participar das atividades do grupo ou mesmo a

falta de iniciativa para viabilizar os encontros revelavam o que chamei de pulsar do grupo, um movimento de aproximação e distanciamento dos membros.

Havia também outro desafio para nossa atuação: era preciso sincronizar o pulsar da escola e o pulsar do grupo. As reuniões de planejamento, a apresentação da proposta e objetivos do GTE/Com-Vida para a equipe escolar, a elaboração das contribuições do grupo para as atividades programadas no calendário escolar, a elaboração do programa Sustenta como a contribuição para o PPP, todas essas ações precisavam ser inseridas em tempos próprios, dentro do pulsar da escola.

Esse movimento de sincronizar provavelmente nos ajudaria a não perder oportunidades de diálogo com a comunidade escolar, o que implicaria em acharmos os momentos oportunos para nos colocarmos e atuar na escola. No entanto, no início do ano letivo em 2014, perdemos oportunidades de diálogo provavelmente por estarmos pulsando descompassados do pulsar da escola.

Coloco essa sincronização entre o tempo do grupo e o da escola como um desafio, pois ainda estávamos sincronizando nossos tempos e tomando decisões individuais. Nos momentos de mudança na escola, como a virada de um ano para outro, nem sempre foi possível ver todas as linhas que teciam a rede do grupo e perceber quem estava mais próximo ou distante, pois havia efetivamente um movimento de idas e vindas.

Posso identificar esse movimento no início do ano de 2014, em que alguns membros se afastaram e se aproximaram em diferentes momentos, como é o caso do P14, da P19, do P21 e do P22.

Pude conversar com P14 que disse ainda estar na incerteza do que seriam as mudanças para uma coordenação, se teria tempo e se sua presença contribuiria com o grupo. Ele se dispôs a ajudar na estruturação do projeto escrito e participar sempre que possível das reuniões. Conversei também, com ele e o P22, sobre a ideia de estruturar um blog para divulgação das atividades e compartilhamento de materiais. Sendo que o P22 se dispôs a nos ajudar com fotos das ações na escola, pois costumava andar com uma máquina fotográfica para captar situações do cotidiano escolar, o que poderia nos ajudar na construção de um diagnóstico para pensar a sustentabilidade. Com P19 conversei sobre a abertura da direção e a possibilidade de estruturação de um espaço de múltiplo uso, incluindo a realização de oficinas, demanda apresentada por ela, P4 e P1 em reuniões anteriores.

Ao mesmo tempo, no processo de estruturação do grupo e da própria consolidação do GTE /Com-Vida surgiram demandas que reafirmavam a constituição de um coletivo. Dentro do próprio grupo, muitas dessas demandas se apresentavam e encontravam caminhos de solução. Exponho alguns exemplos que pude registrar, tais como: a construção de uma identidade visual do grupo, os primeiros passos de planejamento de ações do GTE com desenhos da área, o quadro de atividades da

Agenda 21¹⁰, sistematização do programa de sustentabilidade para compor o PPP e o diálogo com os demais professores da escola.

O professor P21 costumava fazer intervenções na sala de reuniões do grupo com suas obras de arte e fotografias, além de disponibilizar livros para alunos e professores. Ornamentou a sala também com os trabalhos realizados junto aos estudantes do Mais Educação. Dessas iniciativas foi surgindo uma identidade visual do grupo. P14 já havia se oferecido para ajudar com um desenho dos nossos espaços de intervenção. A professora P1 sugeriu que montássemos a Agenda 21 da escola para o nosso planejamento.

Em diálogo com o professor P7 P2, de língua portuguesa, pensamos caminhos para trabalhar o tema sustentabilidade. Ele me contou que iniciou o ano tratando de sustentabilidade relacionada à Cosmogênese – caos, elementos da natureza, cosmo, mitologia (Prometeu, Epimeteu e Pandora) e sobre o que restou na caixa de Pandora – a esperança. Comentou sobre a busca da sustentabilidade como um movimento de esperança frente ao caos ambiental apontado pelas projeções e frente ao que já existe (situações de caos e colapso). Disse-me também que com o sexto ano iria trabalhar com o livro *Meu Pé de Laranja Lima* (VASCONCELOS, 2005) que conta a história de um menino e sua relação com uma árvore. Outras possibilidades de aproximação do trabalho junto aos professores se apresentavam: o professor de história trouxe a proposta de trabalhar Ecologia nas aulas de Parte Diversificada (PD); P5, P15 e P9 trouxeram a ideia de tratar do tema mobilidade urbana e ciclo ativismo, trabalho já iniciado pelo professor P9.

Conversamos com nossa supervisora pedagógica sobre as possibilidades de adequações do programa para inseri-lo no PPP, ela nos informou sobre a possibilidade de orientação da Regional de Ensino para a estruturação dos projetos para compor o PPP.

O pulsar de cada participante, o pulsar do grupo e o da escola ainda seguiam descompassados, mas reverberava esse movimento de aproximação e distanciamento. O professor P21 se aproximou ainda mais do grupo e estava participando ativamente, respondeu meus *e-mails* e me avisou do andamento das atividades e planejamento do Programa Mais Educação. Pensamos na inclusão das ideias sobre Arte, Identidade e Meio ambiente, temas tratados por ele e P6 nas atividades da Educação Integral. Posteriormente, o professor P7 se propôs a colaborar para o programa neste componente. Falou também de sua vontade de elaborar um jornal bimestral com os alunos a ser distribuído para a comunidade escolar. O diretor e a vice-diretora nos visitavam durante os encontros. Conversei individualmente com dois novos professores de ciências e os convidei a fazer parte do GTE.

¹⁰Agenda 21 - É uma agenda de compromissos e ações sustentáveis assumidos por um país, cidade, escola ou grupo. Tem como referência a Carta da Terra, um documento internacional que trata de como cuidar do nosso Planeta (BRASIL, 2012).

No dia 20 de fevereiro fomos convidados a participar de uma reunião com um representante do Ministério Público (MP). Estávamos presentes P13, P1, P9 e eu. Ao conduzir a discussão, o diretor destacou a importância de começar do simples, do pequeno e dar o primeiro passo. Disse que boas ideias e sonhos não podem morrer no burocrático. Considero esse momento um dos primeiros que representamos o GTE/Com-Vida como um grupo participativo na escola.

As reuniões do GTE para compartilhamento e planejamento coletivo não foram possíveis, porém os encontros individuais se mantiveram. Na tentativa de conseguir reunir o GTE e dar continuidade às nossas atividades, o professor P21 me tranquilizava dizendo: *“Está acontecendo Gabriela. Estamos aos poucos dialogando”*. E P14 nos falou de formalidade sem rigidez. *“Um programa de sustentabilidade não pode ser rígido”*.

Uma outra ideia foi a de trazer convidados externos para nos inspirar e nutrir o processo de construção, foram mencionados para uma conversa com o GTE: o poeta Nicolas Behr, Tereza Daré, do MEC, e Yara Magalhães, da ONG Calliandra.

As contradições do grupo se mostravam. Ao mesmo tempo que nos propúnhamos a ser uma instância de diálogo na escola e de apoio aos outros professores, não conseguíamos nos reunir e nos alinhar. Como descrevo em minhas notas pessoais do dia 25 de fevereiro:

“Embora a reunião, como eu almejava, não tenha acontecido, alguns encontros aconteceram nesse dia. Havia indícios de um possível movimento acontecendo na escola. Eu esperava criar um espaço para receber novas contribuições para o esboço de Programa que havia entregue ao grupo e enviado por e-mail, eu havia entregue a todos também os materiais de apoio da IV CNIJMA. Essas contribuições chegaram aos poucos, em um tempo próprio do grupo, bem distante da minha idealização.”

Um bom exemplo das contradições que aponto ocorreu no dia 26 de fevereiro, quando cheguei na escola e a P1 estava fazendo uma explanação sobre a separação de materiais para a coleta seletiva. Estava novamente sozinha e sem apoio, poucos professores permaneciam na sala no momento de sua exposição. Conversei com ela depois da coordenação e lembrei que no dia anterior estava marcada uma reunião do grupo, quando poderíamos tê-la ajudado a preparar uma apresentação e a abordagem do assunto. Apenas lembrei que ela possuía um apoio na escola. Ela disse que realmente não havia planejado nenhuma ação, que havia pensado em uma fala apenas para iniciar as atividades do projeto na escola. Novamente eu estava na escola e uma reunião nos moldes que eu idealizava não iria acontecer.

No mesmo dia, compartilhei com P6 as dificuldades de reunir o grupo e organizar nossas ideias, produtos e propostas. Ele me chamou para ajudá-lo a pintar uma estante com prateleiras e disse: *“Estamos no caos ainda Gabriela, o caos para a mudança, mas o caos. É o momento de sacudir a poeira do caos, de mudar e restaurar o que já existe”*. Ele se juntou a P14 e P22, que estavam cortando e pintando *palets*,

para fazer um porta *skates* para os alunos, que ficaria na sala de reuniões do grupo. E continuou falando: *“Vamos tentar mudar o cinza dos armários, você já reparou como as prateleiras são cinzas e os armários quadrados?”* Isso que estamos fazendo aqui é uma ReuniAção. A próxima será para montar a Gibiteca, assim já temos um encontro marcado.

P21 afirmou *“O fazer nos tirará do hábito”*, deixando claro que concordava com P6. E ali naquele momento de ReuniAção, reunião na ação, marcamos outros três encontros, para a organização da Gibiteca, a construção da espiral de ervas e a organização do espaço da coleta seletiva. Cada vez que eu chegava na sala de reuniões do grupo percebia uma mudança, um novo quadro, fotos, bandeiras pintadas pelo professor P21, trabalhos dos estudantes. Dessa vez as prateleiras haviam sido pintadas. Ao ver um vaso com uma planta nova próxima à sala, P21 disse: *“movimentos de beleza ecoam pela escola, isso é sustentabilidade”*.

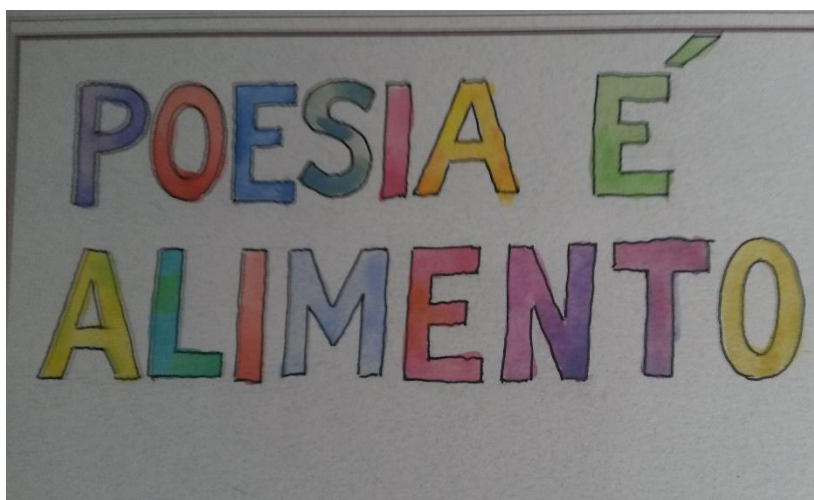




Figura 5 *Painéis pintados pelo professor P21*

O esboço do programa foi sendo delineado por meio dos diálogos, sugestões e referenciais apresentados pelo grupo. A professora P1 trouxe um livro com a legislação relacionada à Educação Ambiental, os recortes de jornal das atividades desenvolvidas em 2007, revistinhas do projeto de educomunicação que ela desenvolveu e o material da conferência infanto-juvenil na escola, em 2006.

Uma vez na sala de reuniões do grupo, os professores e coordenadores se aproximavam para conversar, a professora P19 me procurou para falar de sua vontade de montar um minhocário e um ecossistema fechado similar a um terrário. Ela fez questão de dizer que gostaria de receber os *e-mails* com os materiais, mas que nem sempre poderia participar das reuniões, que gostaria de continuar na atuação em sala de aula, nos projetos e feira de ciências, mas que não poderia garantir a presença nas reuniões. O professor P5 chegou no horário do almoço para conversar com o grupo e me entregou o esboço do Programa com suas observações e sugestões. Disse estar disposto a participar dos próximos encontros.

A professora P4 me procurou, pois estávamos há muitos dias em desencontros de horários. Ela me disse que havia enviado um pedido à Embrapa, solicitando um caminhão de terra para iniciar as atividades da horta. Disse “*Vou ativar a horta nem que eu tenha que investir dinheiro do meu bolso*”, e assim como chegou, saiu para almoçar. Sua fala evidenciava novamente essa desconexão com a ideia de ter um grupo de apoio para trabalhar, e de continuar trabalhando sozinha. Ao mesmo tempo, o presidente do CE fazia questão de me lembrar do apoio para a compra de materiais, desde que nossas ações estivessem pautadas no PPP da escola.

Ao revisitar os relatos sobre os movimentos do grupo, noto meu anseio evidente em manter os encontros na periodicidade que eu achava ideal. No tempo e formato que eu acreditava ser o melhor no momento registrado. Os encontros aconteceram, o grupo se formou e atuou na escola, independente dos meus anseios e idealizações, no tempo próprio estabelecido pelo pulsar da escola e dos componentes do GTE.

4.3.2 Novos horizontes, novas rotas

Os encontros seguintes giraram em torno de uma ação, no formato das Reuniões como sugerido pelo P6. Essas ações eram avisadas ao grande grupo por *e-mail* ou diretamente pelo professor responsável. Importante ressaltar que nem sempre eu estava presente no momento das Reuniões, mas que sempre recebia notícias e acompanhava os desdobramentos. Dentre as iniciativas, posso citar:

- Estruturação do espaço da horta, que aconteceu em mais de um encontro.
- Limpeza do espaço para a estruturação da sala de aula ao ar livre e jardins.
- Construção de uma Espiral de Ervas
- Atividades realizadas com os estudantes da Educação Integral, unindo artes plásticas e poesia com diversos temas, tais como: História de Brasília e da cidade do Paranoá, Lago Paranoá, Bioma Cerrado, habitantes do bioma Cerrado, permacultura, entre outros assuntos relacionados à questão ambiental.
- Visita à Chácara Asa Branca com estudantes da Educação Integral.
- Montagem de peça teatral sobre a importância das árvores com a turma de Educação Especial.

Embora tenham rendido intervenções muito válidas, no sentido de suscitar a discussão da temática ambiental na escola, os planejamentos continuavam individualizados, com pouco espaço de compartilhamento. Recebi comentários importantes e pontuais sobre o esboço do Programa de sustentabilidade e educação ambiental, mas pouco caminhamos quanto ao aporte teórico discutido para estruturá-lo coletivamente. Foram diversas tentativas de reunir o grupo todo, até passei a estabelecer uma rotina de ida à escola e me reunir com o número de professores que fosse possível. A meu ver, essa estratégia rendeu diálogos ricos e produtivos, mas pouco aproveitados coletivamente uma vez que não eram vividos dentro do grupo.

Sentimos a necessidade de aumentar o contato via *e-mail* entre os membros do GTE, uma vez que essa via de comunicação nos permitiria compartilhar materiais e o andamento das questões, demandas e propostas que eram apresentadas pelos componentes do grupo nos encontros individuais. A troca virtual oscilava muito quanto à participação, em alguns momentos trocávamos *e-mails* com sugestões de materiais para o programa, o que começou a alimentar um banco inicial de referências, montado no primeiro momento em formato físico, na sala de reuniões do grupo, e posteriormente em um documento partilhado na plataforma Googledocs e no grupo de *e-mails*.

Houve um momento de elaboração, pelo grupo, de uma nova forma de intervenção que se adequasse ao contexto apresentado. Questionei se um grupo que não conseguia se encontrar presencialmente com frequência conseguiria atingir seus objetivos, no nosso caso, estudar juntos, compartilhar referências, planejar e viabilizar a concretização e bom andamento dos projetos e, ainda, construir um Programa de sustentabilidade e educação ambiental alinhado ao PPP. 2014 era o ano de reestruturação do PPP da escola e a inclusão do Programa do GTE seria um passo importante de reconhecimento e consolidação do grupo.

Em resposta a esta reelaboração, durante o momento de recolhimento dentro do pulsar da escola, propus ao grupo um curso no formato de oficinas para tratar temas ligados à sustentabilidade e educação ambiental, o que atenderia as demandas apresentadas, em momentos anteriores, pelo grupo como uma instância de estudo e formação para os professores. O intuito era partilhar o que já havia sido pensado e conversado pelo GTE e as nossas pesquisas e vivências pessoais.

Com a elaboração da proposta do curso, o convite para formar esse coletivo se estenderia para a equipe de professores. Optei por começar com vivências que estreitassem os vínculos desse novo contexto grupal que formaríamos. Vivências que favorecessem a integração e os pontos que nos unem para formar um coletivo que pudesse traçar objetivos comuns.

A proposta de organização dos temas a serem abordados no curso foi feita por mim, com base nas normas relacionadas à EA e sustentabilidade nas instituições escolares, nos materiais de orientação para a preparação da IV CNIJMA, nos referenciais e materiais compartilhados pelos membros do grupo, nas minhas referências pessoais e demandas surgidas no processo de formação do grupo.

Os assuntos abordados foram: cuidado, cooperação, comunicação, mediação de conflitos, espaços educadores sustentáveis, trabalho docente coletivo, normas ligadas à educação ambiental e sustentabilidade, permacultura, sustentabilidade na escola nas dimensões da gestão, currículo e espaço físico.

O Curso Sustenta viabilizaria a ampliação de participação no contexto escolar. Outros professores, coordenadores, orientadores pedagógicos se aproximaram para fazer o curso e para o diálogo sobre a temática ambiental e sustentabilidade na escola. No encontro final do curso, conversamos sobre a importância de instituir um horário regular de encontro e uma periodicidade para as reuniões.

Ao longo dos oito encontros e dos diálogos concomitantes ao período do curso, pude perceber a visão dos participantes a respeito dos nossos encontros e o valor atribuído pelos membros do GTE aos momentos que vivemos juntos ao longo desses quase dois anos. Nas duas turmas foram escolhidas ações que reforçam a importância da continuidade do grupo na escola. A seguir organizo trechos transcritos dos encontros do curso que apresentam posicionamentos dos professores e os sentidos atribuídos ao grupo.

O primeiro sentido que trago refere-se ao grupo como oportunidade de responder à necessidade de criar uma força política dentro da escola, trazido pelo Professor P14:

[...]eu acho que a gente tem que criar uma força política dentro da escola. Eu não estou falando de política partidária. Mas eu acredito que nós temos que criar um elemento político, em que nós façamos que a direção e o planejamento pedagógico da escola sempre levem em consideração a nossa voz. Assim como

... você tem o grupo de professores, o grupo de coordenadores, você tem a direção, você tem os funcionários, tem a galera do Sustenta! Toda vez que tiver ação na escola a galera do Sustenta! precisa ser consultada[sobre a força política que temos dentro da escola].

[...] Porque a coisa é pontual mas é também política. Sempre que você tiver uma ação as pessoas na escola, vão saber que a galera do Sustenta! tem um posicionamento, o que é fazer parte da vida política da escola. Se tornar uma força política dentro da escola, porque senão as ações não são orientadas nesse sentido. (Depoimento do Prof. P14 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

Essa contribuição do professor sobre o papel do grupo, retomando a dimensão política e coletiva de nossas ações, ressalta a importância de se pensar ações que superem a postura individualizada de “cada um fazer a sua parte” em um trabalho de sustentabilidade na escola.

[...] A gente ter consciência desses movimentos políticos é fundamental para nossa sustentabilidade. Isso reproduz as dinâmicas sociais, na construção da identidade. Você tem grupos que vão se atritando e vão remodelado o espaço social. E é o que acontece aqui. Tem muita coisa para mudar, tem muito problema? Tem. Mas eu vejo que esses elementos... a gente viu esses elementos, são elementos interessantes na gestão da escola que podem e devem ser aprimorados. (Depoimento do Prof. P14 no quarto encontro do Curso Sustenta 23 de setembro de 2014, turno matutino).

[...] E que as ações que a gente precisa ter para sustentabilidade tem que ser individuais, a individual é importante, mas também a gente precisa pensar coletivamente. A ação individual por si só, ‘ah, eu tô fazendo a minha parte’, não é bem por aí, não vai dar muito certo. Até fez uma analogia, um beija-flor foi lá na floresta pegando fogo e falou ‘eu vou lá fazer minha parte, carregar água e apagar’, não vai adiantar. Então para gente pensar um pouco mais no coletivo. (Depoimento do Prof. P9 no terceiro encontro do Curso Sustenta em 16 de setembro de 2014, turno matutino)

Nessa mesma perspectiva, foi destacada a necessidade de diálogo com a direção e a articulação do grupo nos espaços de decisão na escola:

A direção, a escola, a gestão, precisa dar continuidade ao trabalho que a gente começou... eu pelo menos estou sentindo

uma coordenação hoje efetiva no sentido de que a gente está trazendo essas questões. Agora eu ainda não estou vendo uma conexão entre esse trabalho e a gestão. Espero que isso aconteça. Eles [a gestão da escola] precisam estar mais engajados do que eu aqui, de certa forma nessa questão. Ela [Gabriela] está tocando em aspectos que a gente está discutindo. PPP - Projeto Político Pedagógico, a gente está discutindo essas questões. Então estou vendo dois momentos ainda desconexos: na quarta feira se discute A e na quinta se discute Z. Vamos atar as duas pontas do 'ás' mesmo. (Depoimento do Prof. P7 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino)

A reflexão sobre o grupo como instância coletiva trouxe a retomada das mudanças almejadas para a escola e a atuação desse coletivo como agente de mudanças na escola:

[...] A ideia é essa, a mudança ela começa em pequenos atos. Aqui na escola é a mesma coisa. Uma aula diferenciada, daí você encontra um professor que pensa e quer mudar, fazer de uma maneira diferente, aí você junta com ele, e vai juntando. (Depoimento do Prof. P5 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino).

Vários outros depoimentos destacaram a vontade de realizar mudanças como um aspecto que unia as pessoas naquele coletivo, tais como esses trechos transcritos a partir do segundo encontro do curso:

[...] eu acho que essa fortaleza nossa do grupo é essa vontade que a gente tem de querer mudar, de realizar os projetos. (Depoimento do Prof. P9 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino).

[...] A fortaleza do grupo eu coloquei conjunto de pessoas com empatia, estamos fazendo o curso porque queremos então isso fortalece muito o seu aprendizado e a vontade de você repassar isso para frente. (Depoimento do Prof. P11 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino).

[...] Fortaleza é a boa vontade, as pessoas estão com boa vontade mesmo, eu vejo. (Depoimento do Prof. P14 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino).

[...] A fortaleza é a motivação que a gente está tendo para discutir todos esses temas. A fraqueza dificuldade em começar o curso na hora certa. (Depoimento do Profa. P12 no segundo

encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino).

Professora P4:

[...] Eu coloquei aqui como fortaleza vontade de realizar mudanças. O nosso grupo está propondo realizar algumas mudanças. (Depoimento do segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno vespertino)

Mas ao mesmo tempo os docentes expressam a necessidade de ampliação do espaço de trocas na escola. O fortalecimento de um lugar de escuta e de acolhida. O sentido presente aqui é o do grupo como um lugar de cuidar das relações interpessoais, de fortalecer-se internamente, ao mesmo tempo que se projetam as ações externas.

[...]Só para concluir, eu vi aqui uma palavrinha boa aqui que é a “Troca de Experiências” acho que alguém da manhã colocou no mural [sobre o que o espaço do grupo representa]. (Depoimento do Prof. P15 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino).

[...] E esse momento aqui, é um momento até para a gente promover nossa saúde mental. (Depoimento da Profa. P4 no segundo encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino)

[...] Fortalezas que eu coloquei foram esses momentos de reflexão sobre esses temas.

(Depoimento da Profa. P16 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno vespertino)

[...] sabe o que eu gosto muito e que funciona aqui? É realmente essa troca de ideias. Se sentasse todos os professores e tivesse um espaçozinho. Fugir um pouco da coordenação. Gente o que vocês tão fazendo em sala? O que você está fazendo? Está funcionando? Não está funcionando? Essa troca de ideias, é muito importante. Por exemplo, eu aprendi muito aqui no curso com as conversas. Seria muito interessante os professores terem um espaço para reclamar, para trocar ideia. Gente eu fiz isso, assim assado. (Depoimento do Prof. P9 no quinto encontro do Curso Sustenta em 07 de outubro de 2014, turno matutino).

No trajeto do curso, esses sentidos do grupo conviveram com a proposta de se pensar a sustentabilidade ambiental, com destaques para a relevância do tema. Dessa forma, foi também um exercício de pensar a inserção da escola na discussão sobre a temática em um contexto mais amplo.

[...] Olha na nossa equipe grande grupo de professores quem realmente se interessa por assuntos de grande relevância mundial. Esse é um assunto que daqui uns tempos se a gente não cuidar mesmo do nosso meio ambiente nós não vamos ter, eu me preocupo com isso pela questão das minhas filhas, dos meus netos, enfim das gerações futuras. Eu não penso só em mim agora. Penso nos outros também e é esse nosso trabalho de formiguinha que a gente tenta fazer nas escolas. (Depoimento da Profa. P4 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno vespertino).

[...] eu coloquei como fortaleza a diversidade do nosso grupo. A gente está em comum acordo aqui, com objetivo em comum, mas por sermos diferentes, de diferentes vivências como a gente já compartilhou isso aqui hoje, acho que se enriquece a vontade de fazer, que vai favorecer um coletivo forte, agora não vai ser a iniciativa de um aqui, somos um grupo atuando para mudar alguma coisa. (Depoimento do Prof. P10 no segundo encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno Vespertino)

A partir desses vários sentidos assumidos pelo grupo e de sua importância no planejamento e implementação de um Programa de sustentabilidade para a escola, podemos refletir sobre as dimensões de sustentabilidade que compõem o curso. Esses assuntos serão tratados no próximo capítulo.

CAPÍTULO 5 - NOSSOS VOOS

Neste capítulo são apresentados os resultados a partir das cinco dimensões da sustentabilidade tratadas no referencial teórico, as quais orientaram as interpretações dos trechos de depoimentos dos professores participantes, transcritos a partir dos encontros do curso. Foram tratadas as dimensões: intersubjetiva, socioeconômica, política, ecológica e cultural. São apresentados também os resultados do diagnóstico realizado pelos professores participantes do curso Sustenta!, os quais foram relacionados às Escolas Sustentáveis, política pública proposta pelo Ministério da Educação.

5.1. Dimensões da sustentabilidade

Discutimos sobre a importância de ter uma visão crítica sobre os materiais utilizados como referencial para o curso. O professor P7 expôs o receio de generalizar demais quando tratamos da amplitude do termo sustentabilidade, tal como tratado por Sachs (2000)¹¹.

O professor P14 fez algumas observações sobre o conceito de sustentabilidade.

Pensar a sustentabilidade como um tema transversal, a transversalidade tem um problema que é o que o P7 falou, que é a dificuldade de generalizações e particularizações, que dá para ela essa capilaridade, por ser transversal, é o que torna ela complicada e a fragiliza. Você pode falar que tudo é sustentabilidade. A transversalidade que é da sustentabilidade abarca qualquer postura que você tenha. Então mais que uma teoria ela é uma metodologia. Essa poderia ser uma discussão: A sustentabilidade é uma teoria? É uma metodologia? Essa é uma questão mais intelectual do que prática. Talvez nesse momento ela não seja interessante. Seria interessante um outro desdobramento. Mas agora eu vejo que a Gabi está trazendo mais as possibilidades e um apanhado geral de sustentabilidade e toda essa transformação que o próprio conceito sofreu nos últimos anos. (Depoimento do Prof. P14 no terceiro encontro do Curso Sustenta em 09 de setembro de 2014, turno matutino).

Segundo o professor P7, a academia nunca soube conciliar o particular e o complexo. Citou Moacir Gadotti e Morin e a ideia de conhecimento complexo e sociedade complexa. Citou os conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Em sua opinião, o termo interdisciplinaridade é algo que a escola nunca conseguiu resolver. Considero que, no momento, não consegui compreender qual era a real angústia do professor P7. Apenas esclareci minhas escolhas dos materiais para o curso,

¹¹ As dimensões propostas por Sachs (2000), apresentadas no referencial teórico, foram objeto de estudo no curso Sustenta! a partir de um texto sintético organizado por mim com base no conteúdo do livro.

materiais focados na questão escolar, muitos deles tinham Gadotti e Morin como referência, mas eram materiais voltados para se pensar a escola e que seriam usados como base para as nossas ações.

Dando continuidade à compreensão que os participantes do curso construíram sobre sustentabilidade, transcrevo palavras inseridas no Painel da Sustentabilidade no decorrer do curso:

Futuro, cultura, universo, unidade, vida solidária, integração social, tolerância, troca de experiências, espaço, natureza, verde, preservar para não faltar para as próximas gerações, retorno aos ciclos naturais, escola com diversos tipos de atividades, reutilizar, flexibilidade, cooperação, união, paz e amor.



Figura 6 Painel de sustentabilidade com as primeiras palavras e ilustrações em agosto de 2014.



Figura 7 Painel de sustentabilidade em setembro de 2014.



Figura 8 Painel de sustentabilidade em outubro de 2014.

É possível relacionar os termos propostos pelos docentes para expressar sustentabilidade às dimensões analíticas que orientam este trabalho. A dimensão socioeconômica pode ser relacionada às expressões: *futuro*, *integração social*. A dimensão ecológica a: *preservar para não faltar para as próximas gerações*, *reutilizar*, *retorno aos ciclos naturais*, *natureza*, *verde*, *universo*. Sobre esta última expressão, o professor P11 traz o seguinte esclarecimento:

(...) eu escrevi universo. Tem um desenho chamado Backyardigans e na música eles dizem: “temos um mundo inteiro no nosso quintal”, escrevi universo porque a escola

abrange um único universo. O aluno tem direito a tudo. A brincar, andar de bicicleta, a interagir. Acesso ao universo na sua mente, participando se divertindo. (Depoimento do Prof. P11 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

A dimensão intersubjetiva foi relacionada a expressões como: *vida solidária, tolerância, troca de experiências, flexibilidade, cooperação, união, paz e amor*. Alguns relatos sobre a palavra escolhida para compor o Painel da sustentabilidade reforçam a importância dessa dimensão para os docentes:

(...) eu escrevi vida solidária porque eu acho que é um passo que a gente pode dar nesse momento, que é sair ideia de competição para a ideia de cooperação. A ideia de que a gente junto pode mais que é uma soma uma força. Vida solidária representa isso pra mim esses aspectos. (Depoimento do Prof. P21 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

(...) eu acredito que na escola ideal é preciso ter espaço para compartilhar saberes, valorização da vida, trabalho em equipe, sabedoria, respeito, que sejam um lar, que tenha prazer, cooperação empatia, sorrisos, abraços, simpatia, liberdade com responsabilidade, altruísmo, sonhos e realizações. Isso é o que deve ter numa escola ideal. Não dá para resumir em uma só palavra. (Depoimento da Profa. P13 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

(...) eu penso que é integração. Quando você se sente parte, integrante da escola. Senti que é parte dela, se compromete. Tem anseios e pode promover mudanças. Quando a gente se sente integrado nesse ambiente onde a gente passa parte do nosso dia e que passa a se ser parte também da nossa vida. Que a gente possa trazer pra cá tudo que há de bom e compartilhar. (Depoimento da Profa. P12 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

O segundo depoimento acima, da professora P13, sugere uma relação com a dimensão cultural quando se refere à prática de *compartilhar saberes*. O que faço aqui é um exercício analítico de compreender as diversas dimensões da sustentabilidade presentes na fala dos docentes, mas essas dimensões são compreendidas de modo entrecruzado, como expressa o depoimento a seguir:

(...) eu coloquei preservar para não faltar para futuras gerações porque eu acho que a gente tem que começar a se preocupar seriamente. Não é só ficar no falar e esquecer. Mas

fazer a coisa acontecer. Mas a gente depende também de uma série de outros fatores, de união, a união faz a força. De cooperação. Se não houver a união e a cooperação as coisas não vão pra frente. (Depoimento da Profa. P1 no primeiro encontro do Curso Sustenta em 26 de agosto de 2014, turno matutino).

A dimensão política da sustentabilidade, ainda que não tenha sido explicitamente marcada no painel, esteve presente em diversas discussões no decorrer do curso. A exemplo dessa discussão que relato a seguir sobre a relação de nosso grupo com a equipe de gestão escolar.

O professor P7 disse que participar do curso o fez sentir-se em uma coordenação efetiva, mas que gostaria de ver uma conexão maior com a gestão escolar. Em sua opinião, esses dois momentos ainda estavam desconexos dentro da escola, a discussão do Projeto Político Pedagógico (PPP) nas reuniões de coordenação, às quartas feiras, e as discussões do curso Sustenta! O professor reivindicava um maior engajamento da gestão escolar para que nossas ações tivessem maior suporte e continuidade. Conversamos sobre tentar manter um posicionamento durante o curso, visando pensar nas possibilidades das nossas ações. O curso seria um espaço para compartilhar inquietações, sonhos, propostas e ações.

A presença da dimensão política também está expressa no Quadro 1 que representa a análise feita pelo grupo das fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças relacionadas à sua atuação em um programa de EA e sustentabilidade na escola, a partir da utilização do método FOFA (BUARQUE, 2002).

Quadro 1: Apontamentos feitos pelo grupo na metodologia FOFA no segundo encontro, em 02 de setembro de 2014

Turma matutino	
<p>Fortalezas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Motivação do grupo para a discussão 2. Diversidade, afinidades, gestão compartilhada e conselho escolar 3. Diversidade, disposição 4. Vivências diversificadas 5. Diálogo e momentos reflexivos 6. Já teve início um trabalho ambiental na escola 7. Pessoas que querem fazer o curso por empatia com o tema 8. Disponibilidade das pessoas do grupo 	<p>Oportunidades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As várias vertentes do tema sustentabilidade 2. Parcerias (outros projetos, esporte, saídas pedagógicas), grêmio estudantil, escoteiro, Mais Educação e jogos escolares. 3. Espaço físico, várias pessoas fazem mais que uma. 4. Apresentação de ONG's sobre o tema 5. Materiais de apoio 6. A escola tem muito espaço 7. Conselho escolar 8. Estrutura da escola
<p>Fraquezas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O horário inicial do curso não cumprido pelo grupo 2. Participação da família, resistência à mudança e ao novo, preconceito, Indisciplina e falta de mobilização 3. Informação 4. Falta de atitude 5. Desinteresse de todas as partes envolvidas no contexto escolar 6. É difícil reunir o grupo completo (os dois turnos) 7. Contato pragmático com o estudado 8. As reuniões serem na escola. Toda hora acabamos tendo que sair para atender a necessidade da escola 	<p>Ameaças</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Sistema governamental que vai contra a própria legislação 2. Falta de segurança e drogas 3. Falta de apropriação do bem coletivo 4. Consumismo 5. Inércia 6. Quantidade de alunos é grande 7. Mídia Consumista 8. Falta de tempo

Turma vespertino	
<p>Fortalezas</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Vontade de realizar projetos 2. Boa vontade 3. Possibilidade de estreitar relações, resignificar ideia e conceitos 4. Disposição 5. Vontade de buscar, conhecer o novo, se apropriar e disseminar 6. Diversidade, vontade, coletivo 	<p>Oportunidades</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Expor ideias e projeto 2. O cotidiano, os alunos 3. O conselho escolar 4. Necessidades humanas que geram um contexto favorável 5. Subsídios, meios e modelos de ação a serem implementadas de acordo com a nossa realidade

7. Vontade de realizar mudanças	6. Tema atual, leis que apoiam, espaços de atuação na escola 7. Compartilhar desejos e saberes no PPP
Fraquezas 1. Tempo reduzido de coordenação 2. Somos adultos, formados 3. Mau uso do tempo nas coordenações 4. Adesão minoritária 5. Falta união no grupo externo de professores 6. Distância entre o discutir e o fazer 7. Desânimo de ver colegas que não tem vontade de promover mudanças	Ameaças 1. Burocracia 2. Cotidiano 3. Falta de engajamento da gestão 4. Cultura 5. Burocracia inter-relações 6. Burocracia, falta de continuidade 7. Falta de verbas para realizar ações programadas pelo grupo

Nesse momento a intenção era provocar o debate e a reflexão sobre os motivos de abordar EA e a sustentabilidade na escola, procurando compreendê-las nas múltiplas dimensões aqui tratadas.

5.2 Diagnóstico

O que realmente move o grupo a querer atuar dentro dessa temática no contexto escolar? Essa pergunta nos acompanharia ao longo de todo o curso e se desdobrou no diagnóstico a respeito da dinâmica da escola, realizado a partir dos eixos: currículo, gestão e espaço físico (Quadro 2).

Quadro 2: Diagnóstico, produzido no quinto encontro, ocorrido em 23/09/14

Turma Matutino
Currículo:
<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdos ainda engessados; • Livro didático muitas vezes limita a ação dos professores; • Relação professor-aluno ainda verticalizada sem mão dupla; • Comunicação violenta; • Preconceito; • Despreocupação ambiental; • Desconexão escola-comunidade; • Necessidade de ressignificação dos comandos: Arme e efetue, Retire do texto, Diga a data exata, Cite, Classifique
Gestão
<ul style="list-style-type: none"> • Há espaço para o diálogo mas ainda incipiente; • Há espaços eventuais em reuniões para a mediação e solução de conflitos; • Há interesse e verifica-se interferências positivas no uso do espaço físico da escola; • Instituiu-se a semente da ComVida; • Foi criado coletivamente o Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá; • Nós temos o Programa Mais Educação;

<ul style="list-style-type: none"> • Grande potencial de participação e diálogo; • A escola é visada para projetos externos mas muitos não seguem com a continuidade – “Celeiro de ideias”.
Espaço Físico
<ul style="list-style-type: none"> • Ainda existe entulho destinado de maneira incorreta na escola. Grande parte do entulho da escola foi usado para aterrar as áreas da escola; • As licitações muitas vezes impedem a escolha de materiais de construções ideais; • Os prédios não foram pensados com o critério de economia de energia - desperdício de energia, luz e ventilador ficam ligados; • O conforto acústico é péssimo, mas com possibilidades de melhora; • Não há reaproveitamento de água e coleta de água da chuva. Não temos nenhuma estratégia para melhorar o uso da água da chuva; • Ventilação é favorável, pátio é amplo; • Gestão de resíduos – temos a separação de resíduos, parte dos resíduos é encaminhado mensalmente para a reciclagem, acontece na escola há 8 anos e apresenta condições de melhora. Uma funcionária da escola recolhe as latas de alumínio; • Desperdício de papel e outros resíduos; • A escola não possui o espaço ideal e recipientes adequados para o armazenamento dos resíduos; • Lixo orgânico é separado e dado para um chacareiro que alimenta os animais; • Existe acessibilidade mas precisa melhorar; • Permeabilidade do solo – maior parte do espaço da escola é pavimentada; • Possui espaço para horta e jardins semi-estruturados; • Sala ambiente e boas quadras esportivas.

Turma vespertino
Currículo
<ul style="list-style-type: none"> • Temas tratados em disciplinas específicas e isoladas; • Dificuldade de inserção de temas transversais na prática escolar; • Falta a prática/vivências para tratar os assuntos.
Gestão
<ul style="list-style-type: none"> • Não participação coletiva da gestão de resíduos; • Reunião do conselho escolar como espaço de acompanhamento do uso das verbas da escola da escola; • A gestão atual é vertical; • O blog da escola é um espaço de comunicação que facilita a participação; • Falta de um espaço nas coordenações para tratar a temática da sustentabilidade; • Falta de atrativos divertidos para a participação para professores, funcionários, pais e alunos.
Espaço Físico
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de lixeiras adequadas; • Localização e distribuição das lixeiras é limitada; • Não temos composteira; • Falta espaços de sombra para pessoas; • Existe separação de parte dos resíduos mas o espaço de armazenamento não é adequado; • Muitos pombos nas áreas comuns da escola; • Água parada nas calhas e mau cheiro; • Salas sem conforto térmico e acústico.

Os eixos que orientaram o diagnóstico dialogam com a proposta de Escolas Sustentáveis (BRASIL, 2010), um dos materiais de forrageamento do curso Sustenta! Com base na ideia de constituição de *currículo, espaço físico e gestão* que “cuidam e educam”, os docentes participantes do curso passaram a refletir sobre a situação da escola.

A noção de “cuidar e educar” no que se refere ao currículo busca valorizar “a diversidade e estabelece conexões entre a sala de aula e os saberes científicos, os gerados no cotidiano das comunidades e aqueles dos povos originários e tradicionais”. É também um incentivador da cidadania ambiental, estimulando “a responsabilidade e o engajamento individual e coletivo na transformação local e global” (BRASIL, 2010, p.11). É possível notar que a maioria das características diagnosticadas no CEF Paranoá se distanciam dessa proposta idealizada pelas Escolas Sustentáveis.

No que diz respeito a uma gestão que cuida e educa, o documento Escolas Sustentáveis indica a busca por relações de respeito à diversidade, que sejam mais democráticas e participativas. Sobre esse eixo, há elementos apontados pelos professores participantes do curso no diagnóstico que indicam que a escola vem caminhando no sentido de uma gestão mais democrática e participativa, tais como: “grande potencial para participação e diálogo”, “espaços para a mediação e solução de conflitos”, “o blog da escola é um espaço de comunicação que facilita a participação”. Ao mesmo tempo, os professores percebem que o tratamento de assuntos referentes à temática da sustentabilidade ainda é incipiente.

E, por fim, o documento Escolas Sustentáveis indica que cuidar do espaço físico implica incorporar “tecnologias e materiais mais adaptados às características ambientais e sociais de cada região”, o que envolve construções com maior conforto térmico e acústico, eficiência energética, uso racional da água, dentre outras características (BRASIL, 2010, p.11). Neste eixo, os elementos indicados pelos professores no diagnóstico indicam o quanto a escola está distanciada do esperado.

A partir desse diagnóstico, o grupo de docentes planejou um conjunto de ações a serem implementadas na escola (Quadro 3).

Quadro 3: Ações escolhidas pelo grupo no sexto encontro, ocorrido nos dias 30/09/2014 e 07/10/2014

Currículo e trabalho nas disciplinas	
1. Elaborar uma proposta de coordenação para 2015 (Piloto em 2014):	<ul style="list-style-type: none">• Uma vez por mês ou a cada 15 dias• Temas em sustentabilidade• Cinema com filmes temáticos e debate - Coordenações fora da escola. Exposições, museus, entre outros espaços.• Discussão sobre o currículo e temas transversais. Discutir o “como fazer”.
2. Montar o Banco de Referência de educação ambiental e sustentabilidade	<ul style="list-style-type: none">• Virtual - página no Facebook, Instagram, site/blog.• Físico - sala de professores ou sala do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE)• Espaço aberto para alunos e para professores.

Gestão e comunidade escolar
<ol style="list-style-type: none"> 1. Homenagem a professora que deu início aos projetos de educação ambiental na escola e resgate do histórico. 2. Gincana Cooperativa 3. Conselho escolar como espaço de discussão de possíveis ações <ul style="list-style-type: none"> • Elaboração de uma carta para os membros do Conselho • Ação com os estudantes
Espaço Físico
<ol style="list-style-type: none"> 1. Montagem da Gibiteca 2. Propor um espaço para as refeições 3. Reestruturação dos jardins e da horta escolar
<p>Programa Mais Educação: Proposta para o Programa Mais Educação 2015</p> <ul style="list-style-type: none"> • Convidar coordenadores dos anos anteriores para ajudar na elaboração da proposta para os próximos anos letivos.
<p>Outras ações listadas nas reuniões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Dia de celebração com as famílias • Oficinas com a comunidade escolar • Curso ou ciclo de palestras para funcionários e pais de alunos. • Stencil com textos e poesias. • Criar mais espaços lúdicos no pátio da escola • Oficinas: comunicação, intervenções no espaço – ReuniAção • Limitar o espaço das refeições e criar espaço próprio de alimentação para conter e/ou erradicar os pombos • Biblioteca revitalização • Adquirir lixeiras adequadas para a coleta de resíduos sólidos • Procurar colaboradores para montagem do bicicletário coberto e seguro • Montar a composteira • Estruturar o espaço da horta e da coleta seletiva • Vincular o Mais Educação ao Sustenta! Através de atividades formativas sobre o tema para os alunos • Estruturação da sala de aula ao ar livre • Pensar um espaço próprio para a alimentação

A consideração desses eixos para diagnóstico e proposição de ações de um programa de EA e sustentabilidade para a escola reforça a ampliação da compreensão das frentes de atuação do grupo para além do espaço físico, já tratada no capítulo 4. Sugere a incorporação de uma visão ampliada de sustentabilidade que compreende as dimensões tratadas nesta dissertação, o que se expressa também na busca por planejar ações nos eixos apresentados pela proposta das Escolas Sustentáveis, que incorpora o espaço físico, mas não se restringe a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A CADA MOMENTO, UM CÉU.

[...] Isso aqui tudo, uma palavra que define bem, é inicial. Isso aqui é uma mudinha, gente. Ela tem a possibilidade de infinitas perspectivas, mas ela tem a fragilidade do começo. Então a gente tem que ter esse cuidado, esse carinho inicial de ver as coisas boas também (...) tem aquela coisa que você pega a muda e põe direto no solo, um tempo antes de plantar ela, para ela criar... ficar forte. Mas tem que tomar cuidado também para gente não matar a muda. (Depoimento do professor P14 no quarto encontro do Curso Sustenta em 23 de setembro de 2014, turno matutino).

Barros (2013) cita Deleuze em um dos capítulos iniciais de seu livro, “Escrever é lutar, resistir...” e diz ser uma tarefa política. Entendo a escrita como uma forma de expressão diante do que se consegue apanhar da complexidade do mundo, para mim não foi tarefa fácil registrar o que vivemos, muito menos contar aos leitores, mas tive a oportunidade de estar com os pés no chão da escola, em contato com os professores e gestores do meu tempo, registrar com esse coletivo os acontecimentos, da perspectiva do nosso ponto, do nosso olhar, e sobretudo, tive a oportunidade de iluminar esse recorte de vida com os estudos proporcionados pelo programa de mestrado. Sim, era preciso compartilhar. Estava ali diante de um fragmento de história sobre a qual me foi dada a oportunidade de registrar e refletir.

Barros (2013) segue afirmando que os grupos poderiam estar no mesmo plano: o da resistência aos modos individualizantes, difundidos há tantos séculos. Esse olhar me abriu um espaço de reflexão sobre este trabalho, acima de tudo sobre o trabalho docente coletivo. Se a riqueza deste trabalho está nos muitos registros e algumas reflexões, a beleza certamente está nos encontros e nas possibilidades geradas por eles. A escola é um ambiente de encontro de pessoas, mundos, ideias e sentimentos. E, embora muitas vezes esquecido, é um espaço próprio para desenhar soluções, para a criação, onde os potenciais se somam, bastando a disposição para o verdadeiro encontro que educa, que nos educa. A escuta e troca, a construção coletiva que nasce da abertura para o outro, para o caminho de sair do individual e se tornar coletivo.

Buscamos juntos o caminho de aprender com as histórias e reflexões de outras pessoas, com os relatos compartilhados, que é uma das contribuições deste trabalho e de tantos outros. Registramos uma escola, o histórico, a formação de um grupo, os estudos, discussões e construções coletivas. Olhamos juntos para algumas possibilidades de trilhar o caminho da educação ambiental e de buscar a sustentabilidade, nos olhamos. E nesses contextos únicos, sem possibilidade de serem replicados, dada a complexidade, é possível pescar inspirações e peneirar o que pode ser utilizado para outros contextos escolares.

Escolhemos olhar criticamente para a realidade que se apresentava em nossa escola, buscando nos responsabilizar por ela. Esse movimento de apropriação nos fez enxergar os pontos que precisavam de ajustes, melhoras ou mesmo projetar novas possibilidades. Dessa forma, chegamos a temas que considero base para a estruturação

do trabalho do nosso grupo: as relações interpessoais, a comunicação, o cuidado e a atuação política dos docentes.

As dificuldades relacionadas à comunicação entre os docentes e desses com a gestão resultam em pouco intercâmbio entre os projetos, que envolve as relações interpessoais, dificulta a articulação entre as ações. As propostas individuais são apresentadas ao grande grupo em coordenações com muitas demandas administrativas e burocráticas. Em geral, não há uma preparação cuidadosa para receber as propostas apresentadas aos demais componentes da equipe. Na escola nem sempre tornamos o ambiente das coordenações acolhedor, nem sempre um ambiente propício ao diálogo e à criação. Essa qualidade de espaço deve ser construída com base nas demandas da própria equipe escolar e terá características próprias em cada unidade escolar.

Penso que seria importante evitar que as colocações de professores que conseguem identificar problemas e demandas e elaboram propostas de ação ou de resolução não sejam recebidas em um espaço para a problematização do tema, para discussão. Isso porque, sem o acolhimento, há o risco de que algo se perca no caminho, seja deixado de lado, perca a força coletiva. Isso dificultaria a elaboração de uma proposta coletiva e a própria criação de grupos.

Percebo que escolher o trabalho coletivo passa pelo acolhimento de percepções individuais. É necessário que os espaços sejam receptivos para o indivíduo, para assim preparar o terreno para o trabalho coletivo. No caso desta dissertação, a formação de um grupo de trabalho e estudos favoreceu a discussão de temas em sustentabilidade e educação ambiental escolar e foi uma oportunidade de aproximação entre as pessoas.

Na experiência que vivemos, foi preciso cunhar o momento e o espaço para o encontro coletivo, assumir as dificuldades individuais e coletivas na rotina escolar, para então começarmos, como componentes de um grupo, a nos posicionar e preparar o terreno para a organização de um Programa de Sustentabilidade na Escola. Sobretudo no ano de 2014, o trabalho docente coletivo foi favorecido no CEF Paranoá, com a oportunidade de participação nas discussões do PPP e o posicionamento favorável da direção com relação ao GTE / Com-Vida.

A presença de articuladores (coordenadores/GTE/ComVida) se mostrou valorosa como força motriz e organização do que já existia e do novo que se apresentava, auxiliando na continuidade, costurando os encontros e rodas de partilha.

Percebo que escolhemos caminhar de maneira diferente do proposto pelo MEC para a formação da ComVida, na formação de um grupo na escola para tratar o tema sustentabilidade, a nossa escolha foi a de começar pelos professores. Um grupo de trabalho e estudos, semente de uma ComVida que abriu espaço de diálogo com a comunidade escolar. Um espaço para discutir políticas públicas de modo que essas contribuíssem efetivamente para os desafios das questões socioambientais que se configuram na escola.

Acredito que os grupos de trabalho e estudo, sejam as ComVidas ou outras formas de organização, precisam de condições concretas para apoiar a realização das ações planejadas nesses espaços de reflexão. Os integrantes desses coletivos precisam estar cientes das potencialidades e limitações apresentadas nos contextos, assim podem contribuir para transformar e potencializar novas iniciativas, aprendendo a lidar com a

frustração e com o recomeço para o desenho de novos caminhos. É preciso que a avaliação dos passos seja constante e que o próprio grupo seja o colo que acolhe e a rede de sustentação.

Os assuntos tratados nas oficinas do curso Sustenta! couberam no espaço-tempo registrado por este trabalho, mas certamente, poderiam ser tratados nas coordenações pedagógicas, como sugerido na proposição de ação profissional (Apêndice V), como uma possibilidade de pensar a sustentabilidade em suas dimensões e a temática ambiental dentro da rotina escolar. O trabalho em grupo com base no cuidado e com uma atenção reflexiva na comunicação e em cada passo, com intencionalidade, buscando fortalecer a coerência com a diminuição da distância entre o discurso e a prática, certamente é uma escolha que merece ser considerada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, M.E.D.A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2008.
- AVANZI, M.R.; MALAGODI, M.A.S. Comunidades interpretativas. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Ministério do Meio Ambiente. 2005
- BARBIER, R. **A Pesquisa-Ação**. Série Pesquisa volume 3. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BARBOSA, I.G.; HESS, R. **O diário de pesquisa. O estudante universitário e seu processo formativo**. Série Pesquisa. Volume 18. Brasília: Liber Livro, 2010.
- BARROS, R. B. **Grupo: A afirmação de um simulacro**. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2009.
- BOFF, L. **Saber cuidar. Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **Responder Florindo: da crise da civilização a uma revolução radicalmente humana**. Rio de Janeiro : Garamond, 2004. 173p.
- _____. **Sustentabilidade e cuidado: um caminho a seguir**. 2011. Disponível em:
<<https://boff.wordpress.com/2011/06/16/sustentabilidade-e-cuidado-um-caminho-a-seguir/>>. Acesso em 04 de maio de 2014.
- _____. **Sustentabilidade: tentativa de definição**. 2012. Disponível em:
<<https://P9boff.wordpress.com/2012/01/15/sustentabilidade-tentativa-de-definicao/>>Acesso em 04 de maio de 2014.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- BORGES, C.; MOREIRA, T.; TRAJBER, R. **Espaços Educadores Sustentáveis**. Salto para o Futuro. TV Escola. ISSN 1982 - 0283. Ano XXI. Boletim 07. Junho 2011.
- BOSSLE, F. **O "Eu do nós": O professor de educação física e a construção do trabalho coletivo na rede municipal de ensino de Porto Alegre**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de doutorado. 2008.
- BUARQUE, S. J. C. **Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável: Metodologia de Planejamento**. Rio de Janeiro: ed. Garamond, 2002. 177 páginas.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Temas Transversais, 1998.
- _____. **O que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental?** Série Avaliação nº 6. Brasília, Ministério da Educação. Unesco, 2007.

_____. **Processo Formativo Escolas Sustentáveis e Com-Vida.** - Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2010.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica.** Brasília, Ministério da Educação. 2013.

_____. **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais.** Brasília, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente; elaboração de texto: Tereza Moreira. Brasília, 2012.

_____. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.** Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, DF, 28 abr. 1999. Seção 1, p. 1.

_____. **Programa Currículo em Movimento.** Brasília, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para a Educação Básica. Brasília, 2012.

_____. **“Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis.”** Rio de Janeiro; s.n; 1992. 8 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/tratado.pdf> >. Acesso em: 22 de junho de 2015.

CAMAROTTI, M. H. **Resiliência: O poder da autotransformação.** Da neurociência à evolução humana. Brasília: Kiron. 2013.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico.** São Paulo: Cortez, 5ª edição. 2004. 258 p.

COSTA, M.V. **A caminho de uma pesquisa-ação crítica.** Educação e realidade, Porto Alegre, 16(2), p. 47-52, jul/dez, 1991.

DAVINI, J. Movimentos da grupalidade. In: FREIRE, M. (org.) **Grupo: indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento.** São Paulo: Espaço Pedagógico, p. 44-48, 1997.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica.** Versão para validação. Fevereiro 2013. SEDF. Livro 1.

FEITOSA, R.A.; FIGUEIREDO, J.B.A. **Formação de Educadores Ambientais na tessitura de um grupo de pesquisa.** Pesquisa em Educação Ambiental. Vol. 8, n. 1 – pp 99-113. 2013.

FREIRE, M. O que é um grupo? In: FREIRE, M. (org.) **Grupo: indivíduo, saber e parceria: malhas do conhecimento.** São Paulo: Espaço Pedagógico, p. 17-26, 1997.

- GADOTTI, M. **Educar para a sustentabilidade**. São Paulo: Editora e Instituto Paulo Freire, 2008. 127p.
- GIOVENARDI, E. **As árvores falam: Crônicas**. Porto Alegre. Movimento, 2012.
- GUIMARÃES, M. SOARES, A.M.D. CARVALHO, N.A.O. BARRETO, M.P. **Educadores ambientais nas escolas: As redes como estratégias**. Caderno Cedes. Volume 29, n. 77, p. 49-62. Campinas, 2009.
- HOLMGREN, D. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.
- JACINTHO, C. R. dos Santos. **Permacultura: noções gerais**. Universidade Católica de Brasília – UCB, Pró-Reitoria de Extensão – PROEx, Brasília, 2002.
- JACOBI, P. **Educação Ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa. Número 118, p. 189-205. Março, 2003.
- LEFF, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. 494 p.
- LEGAN, L. **Escola Sustentável. Ecoalfabetizando pelo ambiente**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.
- LIMA, V. F. **Educação Ambiental: Aspectos que dificultam o engajamento docente em escolas públicas do Distrito Federal**. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação. Universidade de Brasília. 2012.
- MEYER, M. **Ser-Tão Natureza: A natureza em Guimarães Rosa**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- NÓVOA, A. (Org). **Os professores e a sua formação**. Dom Quixote, 1992.
- PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. 2ª edição. Porto Alegre: Artemed, 2001.
- PICHON-RIVIERE, E. **O processo grupal**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, V.E. **Jardins Educadores: Ensaio sobre agroecologia e permacultura na escola pública**. Dissertação. Universidade de Brasília, 2010.
- SAUVÉ, L. 2005. Uma cartografia das correntes de educação ambiental. In. SATO, M.; CARVALHO, I. C (org.). **Educação Ambiental – Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed. p. 17-44. 2005.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.
- TASSARA, E. **Dicionário Socioambiental: ideias, definições e conceitos**. São Paulo: FAART, 2008.

TRAJBER, Rachel; SATO, Michèle. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. especial, p. 70-78, 2010.

VASCONCELOS, J. M. *O Meu Pé de Laranja Lima*. São Paulo, Editora Melhoramentos, 2005.

Rede de Comunicação Não-Violenta. Editora Palas Athena. CNV Brasil, 2006. Disponível em <www.cnvbrasil.org>. Acesso em 20 de maio de 2014.

Dinâmica do Miguel. Disponível em: <<http://api.ning.com/files/PetFqTwPKPGpJ2frvGNH6SerxJwfqNTafZvRLiwikiWPXfX3pA1H3OtOXeIX5INZV6H5HGSj2uMTKZcZwg3k3DSIAYIpEhwt8/dinamicacasoMiguel1.pdf>> Acesso em 13 de agosto de 2014.

Discurso Severn Suzuki na Rio+20. ONU. 10' 02''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k8onZK3U0VM>>. Acesso em agosto de 2014.

Discurso Severn Suzuki na ECO 92. ONU. 8' 32''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oJJGuIZVfLM>> .Acesso em agosto de 2014.

Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (ComVida). Produtora: Fabrika. MEC/MMA. 25' 06''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o7RFUeolFT4>>. Acesso em abril de 2014.

Comunicação não violenta, Dominic Barter. 9'51''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-krT6JI9RMA>>. Acesso em agosto de 2014.

APÊNDICES

I - TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - VIA DA PESQUISADORA-

Este é um convite para participar, como voluntário(a), da pesquisa que será conduzida pela mestranda Gabriela Azevedo, sob orientação da Profª Drª. Maria Rita Avanzi do Núcleo de Educação Científica (NECBio)/IB – UnB.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma.

Objetivo da Pesquisa: acompanhar a estruturação e execução do projeto coletivo de educação ambiental no C.E.F. 01 do Paranoá.

Participação: fazer parte do grupo de trabalho para consolidação do projeto coletivo de educação ambiental no C.E.F. 01 do Paranoá.

Risco: não haverá riscos para integridade física, mental ou moral.

Benefícios: as informações obtidas nesta pesquisa serão utilizadas na produção de conhecimentos na área de Ensino de Ciências, bem como na área de Educação Ambiental.

Privacidade: As informações que disponibilizar serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos e, no caso de serem citadas em artigos e trabalhos científicos, o nome dos informantes será mantido em anonimato.

Desistência: Você poderá desistir de sua participação, a qualquer momento, sem nenhuma consequência. Solicitamos que, neste caso, você entre em contato e informe a pesquisadora.

Eu, _____, declaro ter sido esclarecido sobre os pontos acima descritos e assino livremente este termo de consentimento.

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Assinatura: _____

Eu, _____, expliquei a(o) _____ a proposta desta pesquisa e os procedimentos do estudo.

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Assinatura: _____

Professora-pesquisadora: Gabriela Azevedo

e-mail: gsaterra@gmail.com

Tel: 8119-1604

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rita Avanzi

Email: mariarita@unb.br

PPGEC/UnB: www.ppgec.unb.br

II - DESCRIÇÃO CURSO SUSTENTA!

Primeiro encontro – 26 de agosto de 2014

Estavam presentes oito participantes no turno matutino: P12, P1, P11, P13, P8, P14 e P21.

No horário marcado estavam presentes apenas dois professores, outros dois circulavam entre a sala e a parte externa para ver se havia começado o curso, expliquei que era essencial a presença deles desde o início, para a abertura e apresentação da proposta.

Iniciei o curso para quatro professores e outros dois chegaram depois do início. Duas eram professoras que ocupam, atualmente, a função de orientadoras pedagógicas. O curso começou com um atraso de quase meia hora e com nove professores. A chegada dos professores em tempos diferentes foi um fator de perturbação uma vez que o barulho e a reorganização da sala acabavam distraíndo o grupo e me fazendo repetir informações.

Eu me senti acolhida e bem recebida pelo grupo.

Preparei o primeiro encontro com base nos pressupostos pedagógicos apresentados no material de apoio à IV CNIJMA elaborado pelo MEC para escolas sustentáveis: cuidado, integridade e diálogo (BRASIL 2012).

A dinâmica de apresentação foi pensada para que se tivesse o cuidado com a própria história e os sentimentos que as lembranças nos trazem. O cuidado com o outro também é representado ao se propor a escutar com atenção e presença para ouvir a história e os sentimentos do outro.

Iniciamos com a proposta de apresentação em que cada participante pôde falar algo de que gosta, algo que o faz feliz. E contar a história de uma cicatriz, algo que aconteceu na vida, que deixou uma marca. Em duplas os professores puderam se apresentar uns para os outros e fazer a apresentação da sua dupla para o grande grupo.

Pedi que durante a dinâmica fosse feito um exercício de escuta atenciosa, voltando toda a atenção para a pessoa que estava falando. A ideia era falar livremente sobre algo que move cada um, que impulsiona e traz alegria. E falar sobre uma cicatriz, uma marca física ou emocional.

Eu disse que a apresentação poderia ser feita livremente dentro dessa proposta. O grupo solicitou que eu conduzisse a apresentação. Comecei pela pergunta: como falar de sustentabilidade na escola sem olhar a si mesmo? Começamos pelo nome. Propus que cada um olhasse para a pessoa a sua frente e tentasse se conectar com o ser humano, terráqueo, que divide a mesma escola, a mesma profissão, o mesmo espaço de atuação. O intuito era relembrar que estávamos lidando com a complexidade que cada pessoa traz consigo.

Na dinâmica de apresentação notei que os professores destacaram, em sua maioria, cicatrizes e marcas emocionais, ainda que meu exemplo tenha sido de marcas físicas. Criou-se ali um espaço em que foi possível falar de emoções. Os professores se apresentaram em duplas e trouxeram elementos das suas histórias.

Esse momento foi interrompido várias vezes por demandas externas ao curso que faziam com que os participantes precisassem entrar e sair da sala, apresentavam-se

os desafios de lidar com tantas atividades da escola ao mesmo tempo e as demandas que surgiam para os componentes do grupo. Sobretudo do grupo do matutino que tinha uma participação maior de coordenadores e orientadores pedagógicos.

Notei que esse primeiro momento seria o tempo de se pensar sobre um assunto e planejar como criar espaços para o diálogo entre os professores, gestores e demais componentes da comunidade escolar. Trato aqui tanto do espaço físico apropriado para o encontro quanto da atmosfera de participação que impulse o trabalho coletivo.

O curso aconteceu em um espaço que considero uma conquista do GTE. Conseguimos uma pequena sala próxima à direção. Fizemos as adaptações com mesas, cadeiras e estantes reaproveitadas. A sala é ornada com trabalhos dos professores e estudantes, materiais com temas em sustentabilidade, fotos do Paranoá na década de 1980 e 90 e sempre apresenta surpresas, pois está em constante mudança. Com livros, jogos, cartazes e instrumentos a sala simboliza a conquista desse espaço físico, que nos ajudaria na criação desse espaço de diálogo. Simboliza o espaço do grupo, ações dos professores, espaço de criações. A sala é usada também para reuniões menos formais entre professores e pelos alunos do programa Mais Educação, como sala de estudos.

Os professores e estudantes usam o espaço, e de alguma maneira se apropriaram do lugar e dos materiais disponíveis, configurando-se para mim como mais um espaço de estudo. Isso ficou bastante claro no dia inicial do curso, quando organizei uma mesa lateral com os materiais de apoio que usaria nas atividades com o grupo e notei que, em muitos momentos, a sala era usada pelos estudantes do programa Mais educação que chegavam curiosos para saber o que eu estava fazendo naquele lugar. Pegavam o violão e os livros sem nenhum constrangimento. A impressão que fiquei é que era um espaço familiar para eles e de livre circulação.

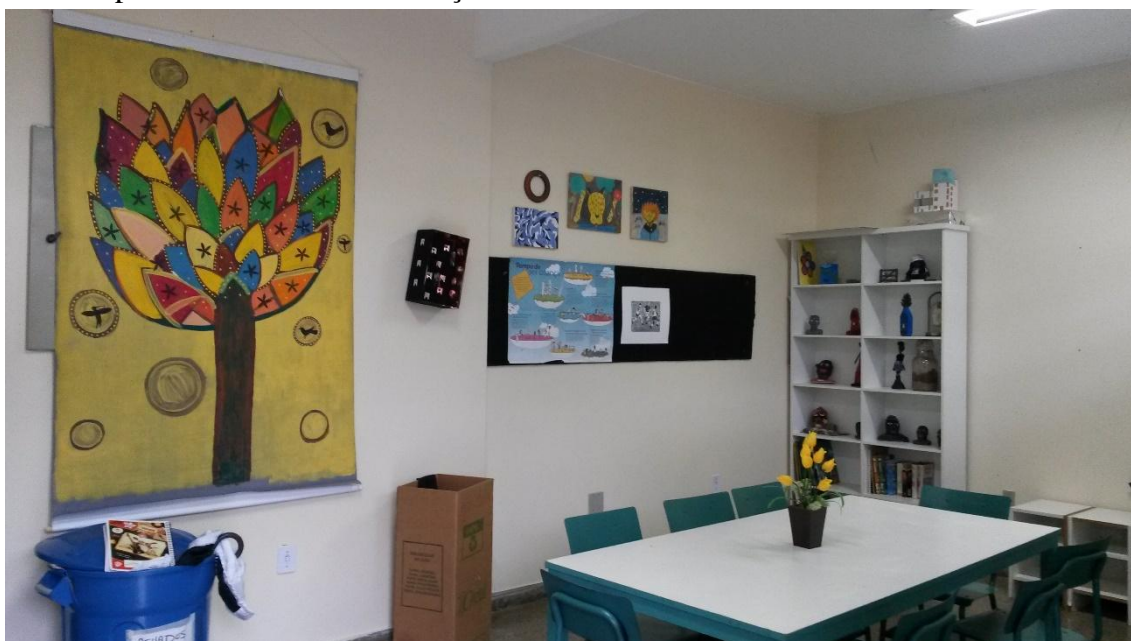


Figura 1 Sala de reuniões organizada pelo GTE/ ComVida

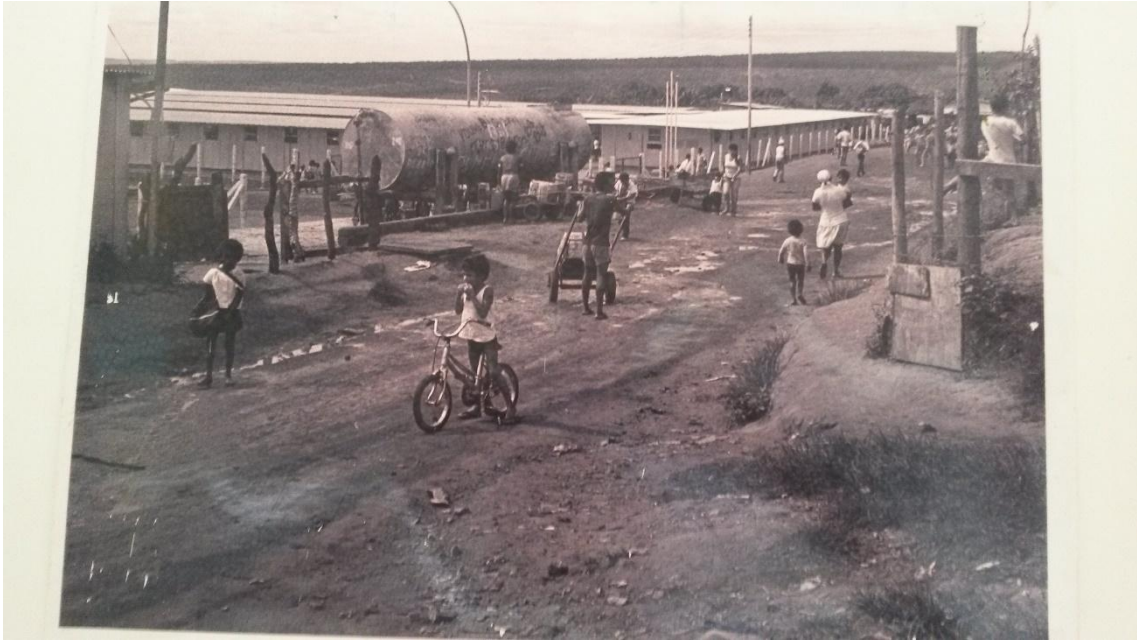


Figura 2 Foto da cidade do Paranoá em 1981



Figura 3 Foto da cidade do Paranoá em 1981



Figura 4 Suporte para Skate montado em uma reunião com os componentes do GTE/ComVida

Iniciamos a confecção do painel coletivo sobre sustentabilidade, com palavras e desenhos e, em um segundo momento, as ilustrações sobre o que seria uma escola sustentável. Os professores apresentaram para o grupo maior os desenhos, as palavras e as ideias iniciais sobre o que seria uma escola sustentável. Eu guardei os desenhos para que pudéssemos usar em um momento posterior como material de estudo.



Figura 5 Professores desenhando a escola sustentável na oficina do curso Sustenta! (26 de agosto de 2014)



Figura 6 Desenho da escola sustentável feito na oficina Edo curso Sustenta! (26 de agosto de 2014)

As etapas do painel coletivo sobre sustentabilidade serão apresentadas posteriormente.

Assistimos juntos aos vídeos da Severn Suzuki, o primeiro vídeo é a fala de uma Canadense de 12 anos para os líderes no evento ECO92. Ela expõe inquietações sobre os futuros caminhos da humanidade. O segundo vídeo é a fala dela 20 anos depois na Rio mais 20, falando como uma mãe, como uma mulher com dois filhos e um pouco de sua trajetória desde a Eco 92. Ela questiona o que motiva as pessoas a pensar na sustentabilidade. E usa o termo amor entre gerações.

O intuito com a escolha dos vídeos foi sugerir uma reflexão sobre o que nos move a pensar na sustentabilidade.

Em seguida foi feita apresentação dos documentos e legislação relacionados EA e sustentabilidade:

- Lei 9597/1999 - Política Nacional de Educação Ambiental
- O Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) – 2005
- Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/1996
- Currículo em movimento - SEDF 2013
- A Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável – Unesco 2005/2014
- A implantação da educação ambiental no Brasil - MEC 1998
- Decreto Nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010.

Abrimos um espaço de discussão, a meu ver muito rico e produtivo, com participação ativa da maior parte do grupo e permeada de exemplos da escola e da realidade do grupo.

O que nos permitiu atravessar a barreira de uma coordenação pedagógica, os professores puderam falar de si e de seus sentimentos em relação ao tema.

Percebi o incômodo com o tempo, pois atrasamos também o término do curso, reduzindo assim o horário de almoço do grupo que terminaria.

A turma do vespertino começou com um atraso menor. Também precisei convocar nas salas os inscritos. Estavam presentes seis participantes: P5, P15, Ana Paula, P184, P6 e P4.

Durante a apresentação da legislação uma das professoras disse ter participado das discussões sobre o currículo em movimento e nos alertou para a mudança do texto que eu apresentei como sustentabilidade humana, ressaltando que foi retirada a palavra humana.

Fiquei bastante à vontade com a turma do vespertino, acredito que pela presença de dois professores dos quais me sinto muito próxima. Senti que o fato de ser a segunda turma me ajudou a repensar algumas colocações e reorganizar a metodologia. Conduzi a atividade de apresentação em dupla, como descrito anteriormente.

Logo no primeiro dia nos atrasamos e no turno matutino não foi possível concluir a apresentação da legislação. O que ficou para o encontro seguinte.

Segundo encontro – 02 de setembro de 2014

Estavam presentes nove participantes no turno matutino: P12, P1, P11, P7, P19, P13, P8, P14 e P21.

No segundo encontro optei por tratar o tema comunicação como um aspecto da dimensão da sustentabilidade, a intersubjetividade. Qual o nosso cuidado com a comunicação? Como a maneira de nos comunicar interfere no caminho rumo a um contexto mais sustentável? Essas foram as questões que guiaram a prática.

Coloquei o painel coletivo sobre sustentabilidade. Recebemos dois novos professores para o curso no matutino (componentes da ComVida/GTE). Fiquei muito alegre com a presença deles.

Quando cheguei na escola, um dos professores me chamou para dizer que não poderia mais participar do curso, pois havia entrado no mestrado e não teria como repor as horas de participação na sala. Conversei com a vice-diretora para tentar pensar em uma maneira para que ele possa continuar participando. Eles conversaram e chegaram a um acordo para que ele pudesse permanecer no curso. Algumas aulas de reforço foram marcadas no mesmo horário do curso dificultando a participação de alguns professores. O grupo precisou conversar com a direção para a mudança de horários.

Na turma do vespertino estavam presentes seis participantes: P5, P6, P4 e entraram três novos professores P10, P20 e P17.

Para a preparação da oficina usei como base o livro Comunicação Não Violenta de Marshall Rosenberg e os textos e vídeos de Dominic Barter, com quem tive a oportunidade de fazer um curso em 2013.

Para a abertura do tema escolhi a Dinâmica Caso Miguel, atividade usada em escolas e empresas para tratar de comunicação e julgamentos e que conheci por indicação de uma amiga no Curso Educação Gaia.

Em um segundo momento optei por adaptar uma atividade proposta no livro de Comunicação Não Violenta de Marshall Rosenberg. A atividade propõe o destrinchar de uma situação problema, a partir de uma observação objetiva do conflito.

Em duplas, pedi para que fosse escolhida uma situação conflituosa, uma das pessoas narrou um conflito e as duplas olharam para a situação objetivamente buscando identificar os julgamentos, os sentimentos e as necessidades por trás do conflito para então elaborar um pedido para que essa necessidade fosse suprida.

Para facilitar o exercício contei a história de um conflito pessoal e destrinchei a situação nas partes citadas, o que, a meu ver, facilitou muito o entendimento.

Na roda de partilha foi possível observar o quanto os julgamentos nos desconectam da relação de igualdade com o outro ser humano, e que muitas vezes passamos a nos relacionar com o rótulo e não com o indivíduo, nos levando a uma comunicação alienante. Destrinchar a situação problema é um chamado para se observar e buscar a auto responsabilidade com relação ao conflito. Com a observação objetiva é possível ganhar autonomia e dar passos de propostas para a resolução dos conflitos.

Eu acompanhei cada dupla para concluir a atividade e encerramos com o momento de partilha. Após uma pequena introdução sobre a Comunicação Não Violenta, assistimos juntos ao vídeo do Dominic Barter sobre a criação de espaços para que as divergências sejam vistas como um processo de crescimento. Locais onde o conflito possa acontecer livremente.

Como atividade para o próximo encontro pedi para que cada um trouxesse algo que representasse a conexão com o tema e com o grupo. Uma foto, um texto, um desenho algo que o moveu a participar do curso. Eu usei o termo Biografia Ecológica extraído do material de apoio da Michele Sato e Rachel Trabjer (2008), procurei deixar claro que não era uma atividade obrigatória.

Com o tempo pude perceber que a temática ambiental permeava o dia a dia da escola. Era possível perceber as dimensões da sustentabilidade naquele contexto, como nas cenas seguintes em que é possível ver essa interface entre a dimensão intersubjetiva manifestada no cuidado e nas relações; e a ecológica manifestada o aspecto biofísico:

- O P6 estava pintando novas madeiras para organizar o espaço da horta e da espiral de ervas. E disse que queria tornar o espaço mais bonito para ampliar e continuar trabalhando com os alunos do Mais Educação.

- Quando eu estava indo embora notei que um dos funcionários da manutenção estava regando a horta e quando ele me viu me chamou para mostrar como estava bonita e produzindo. A P1 estava organizando o espaço de recolhimento de resíduos para a reciclagem.

- O professor P7 me pediu para marcar um momento para conversar sobre um trabalho que ele vai realizar com os alunos na temática dos pombos na escola e desperdício.

- A professora P19 me pediu para ajudá-la na estruturação de uma gincana para o quarto bimestre sobre ecologia. Nós conversamos e fizemos esboço inicial de uma gincana com a temática dos biomas.

Terceiro encontro – 09 de setembro 2014

No turno matutino estavam presentes oito participantes:

P12, P1, P11, P7, P13, P8, P14 e P9.

O coordenador P9 me pediu para participar do curso e iniciou sua participação mesmo com o curso já em andamento.

Iniciamos a apresentação das autobiografias, cada professor tinha aproximadamente dois minutos de fala, o que na prática foi de dois a cinco minutos. Usei um sino de mesa para marcar o final do tempo.

Pedi ao grupo que durante as apresentações fizessemos um exercício de escuta com plena atenção e presença, buscando nos conectar com o que a pessoa nos traria naquele momento. Pedi que fosse um momento de auto-observação quanto a julgamentos e sentimentos que passassem por nós. E deixei aberto para quem quisesse tomar nota e comentar no final o exercício. Os professores trouxeram muitos elementos de suas histórias pessoais e usaram diferentes recursos como narrativas orais e escritas, materiais de referência, fotos e desenhos. Essas informações foram apresentadas no capítulo 04.

Ao longo do exercício de escuta com auto-observação os barulhos externos e demandas atrapalharam em alguns momentos a concentração do grupo, mas todos os componentes puderam e quiseram falar de suas reflexões sobre a biografia ecológica.

O segundo momento de estudo coletivo lemos juntos as sete dimensões da sustentabilidade apresentadas por Sachs (2000) e a introdução do material do Ministério da Educação (MEC) Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis. Decidi fazer uma apresentação para introduzir o tema da sustentabilidade.

Com o intuito de nos ajudar no planejamento e buscar responder à pergunta “Onde estamos? ” Propus ao grupo um mapeamento das fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças por meio da Metodologia FOFA. Cada participante pôde expor sua contribuição para a atividade. Percebi que de alguma maneira a metodologia não foi completamente compreendida por todos nós. E alguns erros ficaram evidentes depois.

No turno vespertino estavam presentes sete participantes: P5, P10, P6, P4, P18, P17 e P16.

A coordenadora P16 me pediu para participar do curso e iniciou sua participação mesmo com o curso já em andamento. A professora Ana Paula conversou comigo sobre as novas demandas da vida dela e a incompatibilidade de horário para continuar no curso. Disse estar com o “coração doendo” por deixar o curso pela metade.

Após falar um pouco sobre a minha autobiografia, expus o intuito de fortalecer o coletivo na escola e trazer os temas para a discussão e viabilizar algumas mudanças. Abri um espaço para que todos pudessem falar sobre o momento de troca.

Os professores P15 e P10 falaram sobre a riqueza da troca e das diferenças individuais. Importância de lidar com as diferenças em grupos.

Eu falei sobre os desafios de ser professor em tempos de mudança. Falei sobre a minha crença quanto a força de ação em grupo que é maior que as nossas forças de ação individuais. Conversamos sobre o fato de ter um espaço para compartilhar responsabilidades. O curso e as reuniões nos proporcionam esses momentos, abrindo espaço para a participação. A P4 disse que esse espaço era também de promoção da saúde mental. Uma vez que permite o compartilhamento de sentimentos.

O P5 falou sobre a importância das experiências com aulas de educação ambiental. A escola como um espaço para novos referenciais para os alunos. E disse que a sustentabilidade surge de uma necessidade.

Na atividade baseada na metodologia FOFA a forma de registro foi coletiva, diferente da turma do matutino, o que a meu ver facilitou a visualização da matriz. Pude perceber o quanto os caminhos do curso mudam de acordo com o grupo e a abordagem dada pelo grupo. As conduções das discussões foram diferentes e a minha apresentação para o grupo também mudou.

Nos dois turnos senti que a dinâmica do FOFA foi realizada com uma certa tensão com relação ao tempo e não me senti muito segura nas explicações. Tanto que percebi que algumas confusões ficaram aparentes nas atividades.

Percebo que a vice-diretora tenta acompanhar/demonstra interesse no andamento mas acaba tragada pelo cotidiano da escola. O que impede muitas vezes a participação de orientadores e supervisores pedagógicos com inteireza do curso, sempre com muitas demandas que os fazem sair em alguns momentos e vivenciar algumas atividades pela metade.

Ao término do curso permaneci na sala do Sustenta! O professor P7 P2 representante do CE disse que gostaria de conversar comigo. Fui até a sala dos professores e fizemos uma pequena reunião com a participação do professor P5 também participante do curso e membro do CE. O professor P7 trouxe a ideia de criar uma representação discente e docente no CE para tratar de questões relevantes/presentes pedagógicas. Para criar um espaço de discussão sobre temas relevantes apresentados pelos professores e alunos.

Na execução do FOFA alguns professores citaram como oportunidades para ações do grupo a interação com o CE. Segundo eles essa ação consistiria em preparar o grupo de discentes representantes no conselho para que eles fizessem um levantamento de temas nas turmas, buscando mapear as demandas dos alunos em questões relacionadas à sustentabilidade na escola e mapear os possíveis alunos interessados em fazer parte da ComVida e/ou atuar nas ações relacionadas de alguma maneira. Eles me pediram ajuda para pensar em uma abordagem com os alunos e a preparação desse grupo. O P7 me disse que o papel do Conselho é escutar as demandas da comunidade escolar e abrir esse espaço de discussão.

O professor P6 falou sobre a exposição Gênesis de Sebastião Salgado e da obra do fotógrafo como uma possibilidade para o banco de referências. Os professores P6 e P9 deram sugestões de filmes para o banco de referenciais.

Quarto encontro – 16 de Setembro 2014

No turno matutino estavam presentes oito participantes: P12, P1, P11, P7, P9, P13, P8 e P21.

Cheguei com apenas 10 minutos de antecedência. Liguei para o P6 pedindo ajuda para começar a organizar o nosso espaço/sala para o curso. Quando cheguei na escola o P21 e o P6 estavam na sala. O P21 estava trocando as bandeiras que ornamentam as salas por novas bandeiras pintadas por ele. Ele disse que com o tempo manter tudo igual faz com que as pessoas passem a não prestar mais atenção. Eram duas bandeiras pintadas por ele, ligadas às festas do Divino, uma com animais e a outra com sementes e frutos. Na última havia uma poesia escrita e ele me disse que era uma música do P7 Gonzaga. E cantou a música que apresentava vários nomes de árvores de diferentes biomas do Brasil.

O P6 havia organizado as cadeiras para o início do curso. Começamos o curso com um atraso menor que o habitual no turno matutino, que muitas vezes se dá devido ao intervalo dos alunos.

Na abertura do encontro falamos sobre as comemorações e eventos referentes ao dia do Cerrado. O professor P21 nos contou a história da data e ligação com a luta em prol do Cerrado. Uma homenagem à Ari Para Raios idealizador da Companhia Esquadrão da Vida. Conversamos sobre a inauguração do Ecomuseu do Cerrado Laís Aderne, P21 nos contou sobre a história de Laís Aderne e da ligação dela com a cidade de Olhos D'água.

Iniciamos com a apresentação do planejamento do dia e a leitura do texto de Eugênio Giovenardi - *Plantar e colher*.

Dividimos os textos do Salto para o Futuro: Espaços educadores sustentáveis para as duplas. Pedi para que cada grupo discutir e elaborar uma apresentação de 5 minutos.

Após a leitura e a apresentação das ideias centrais dos textos seguimos com a atividade de diagnóstico coletivo da escola nas dimensões:

- Currículo
- Gestão
- Espaço Físico

Pedi para que o grupo fizesse o diagnóstico, como uma avaliação de onde estamos. Como uma fotografia da situação da escola. O diagnóstico foi realizado a partir das inquietações de cada professor, o que gerou diálogo sobre as questões apresentadas e algumas sugestões de ações. A P1 falou da necessidade de reestruturar o espaço da coleta seletiva e recebeu sugestões do grupo.

O P7 falou sobre as questões relacionadas à gestão escolar e as dificuldades do grupo de professores da escola em direcionar objetivamente questões relevantes nas coordenações. Falou sobre a urgência de mostrar as necessidades para cada ação e expor para o CE. Disse que a direção pode receber os projetos mas que o conselho ajuda a concretizar esse projeto. Ele sugeriu que a professora P1 escrevesse uma carta com a solicitação dos materiais necessários para o projeto de coleta seletiva caminhar.

Eu pedi para que a turma observasse a escola durante a semana para nos ajudar a montar o nosso diagnóstico. A percepção individual da situação da escola seria o diagnóstico individual, que serviria de base para o diagnóstico coletivo.

No turno vespertino estavam presentes seis participantes: P5, P10, P15, P6, P4 e P17.

Iniciei falando sobre os eventos em comemoração ao dia do Cerrado e contando a história do Ecomuseu do Cerrado com as histórias que o P21 trouxe pela manhã. O clima de abertura foi bastante descontraído e senti os professores bem próximos.

O professor P6 falou sobre a verba do PDDE escolas sustentáveis, nós conversamos sobre a possibilidade de conseguir essa verba.

Após a divisão das duplas e escolha dos textos, algumas duplas foram ler no pátio da escola, fora da sala.

Durante a apresentação do texto a professora P4 citou a nossa visita à Chácara Asa Branca e o contato que ela teve com exemplos de ecotécnicas citadas no texto.

Após a apresentação dos textos a discussão ficou focada na alimentação e na questão do consumo infantil. O professor P10 sugeriu para o banco de referências o filme Criança, a alma do negócio.

Nas duas turmas eu não consegui fazer a atividade de fechamento que seria o produto do dia que eu acabei repassando por *email* o diagnóstico das dimensões da escola: Currículo, gestão e espaço físico.



Figura 7 Momento de estudo na oficina do dia 16 de setembro de 2014 no curso *Sustenta!*

Quinto encontro – Dia 23 de setembro de 2014

No turno matutino estavam presentes oito participantes: P12, P1, P11, P7, P9, P13, P14 e P21.

Eu estava bastante preocupada com o tempo para viabilizar a programação. Senti que perdi a naturalidade ao lidar com as questões que atrasavam geralmente nossos encontros e expus essa situação ao grupo, que acolheu minhas colocações.

Iniciamos com a leitura das poesias enviadas pela P1 e o P21 (Apêndice III).

Eu levei materiais de apoio para que pudéssemos montar o diagnóstico coletivo da escola.

Formamos grupos de 2/3 pessoas, cada grupo ficou responsável por uma das dimensões: a) Currículo; b) Gestão; c) Espaço Físico e usamos como base os materiais *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis* (BRASIL, 2012), que abordam as diferentes dimensões, os materiais de referência da IV Conferência Nacional Infância Juvenil para o Meio Ambiente - CNIJMA.

Deixei que as duplas escolhessem a dimensão a ser diagnosticada por afinidade com os temas. Levei também os produtos parciais do grupo de trabalho e estudos: O histórico da escola; o Projeto Político Pedagógico (PPP); o Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá.

Realizamos uma leitura coletiva de trechos dos textos antes de cada grupo elaborar com o diagnóstico. Eu busquei explicar a partir da minha leitura o que seriam essas três dimensões e depois auxiliiei os grupos na elaboração do diagnóstico.

Após a elaboração do diagnóstico cada grupo apresentou para os outros participantes. O grupo pôde acrescentar e fazer comentários ao longo das apresentações para completar o diagnóstico, formando-se o diagnóstico coletivo.

A professora P1 apresentou a sua autobiografia com as fotos dos projetos e ações que ela participou ao longo da sua vida como docente. Embora o tempo de exposição para o grupo tenha sido curto por conta do horário do término do curso, nós conversamos por um tempo e ela pode falar de sua trajetória como educadora ambiental.

No turno vespertino estavam presentes seis participantes: P5, P10, P15, P6 e P4. Abri um espaço para a entrega ou expressão da autobiografia para os professores que ainda quisessem entregar. P5 e a P4 entregaram a biografias ecológica escritas. Novamente propus que o grupo fosse dividido em duplas para fazer o diagnóstico, mas o grupo sugeriu que fizéssemos o diagnóstico das dimensões todos juntos.

Após a leitura e a explicação das dimensões, eu anotei as observações diagnóstico em cartazes no quadro. Pude perceber que dessa forma a discussão com o grupo maior já acontecia a cada fala individual. Eu precisei, em vários momentos, retomar o foco para o diagnóstico. Em muitos momentos as situações problemáticas eram acompanhadas com possíveis soluções. Como por exemplo, a ideia de usar o dinheiro da venda de materiais recicláveis para a compra de prêmios para serem sorteados entre os alunos, a construção de um bicicletário coberto, a estruturação de uma composteira entre outras ideias.

Nenhum dos professores das duas turmas entregou o diagnóstico individual escrito e sistematizado. Nossa comunicação por *email* foi na maior parte do tempo uma via de mão única. Eu tive poucas respostas ao longo do curso via *email*.

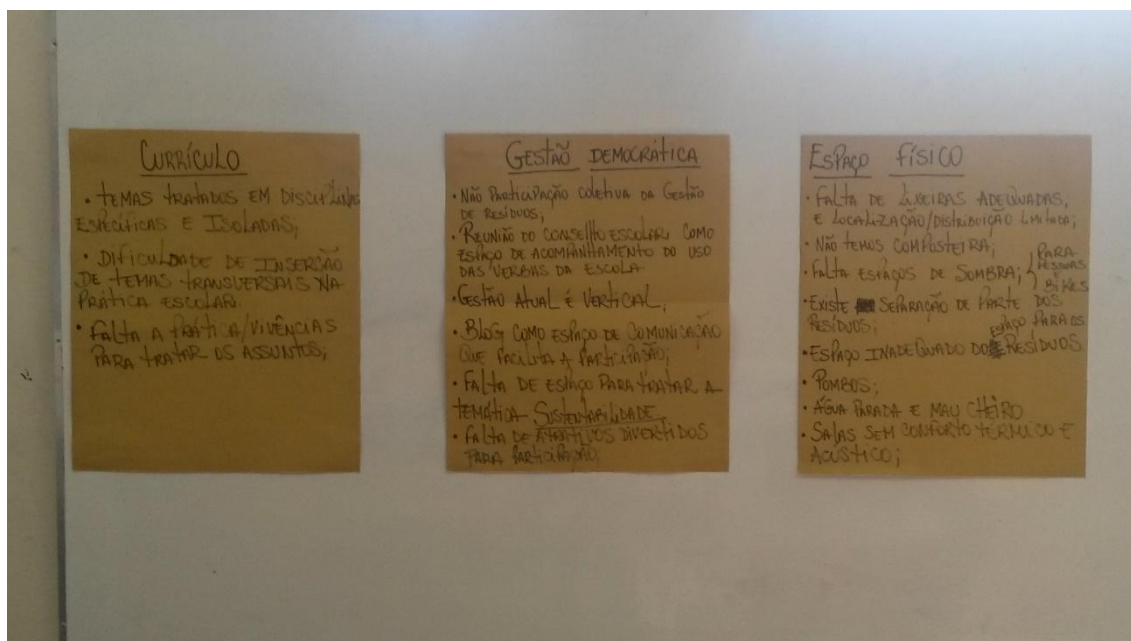


Figura 8 *Diagnóstico coletivo realizado no dia 23 de setembro de 2014 no curso Sustenta!*

Sexto encontro

Devido a programação de atividades na escola, eu precisei fazer o sexto encontro em dias diferentes nos turnos. Os professores foram dispensados da coordenação na semana de aplicação das provas e na semana de fechamento de notas, e essas datas foram diferentes nos turnos matutino e vespertino.

Os objetivos dos encontros foram elaborar, a partir dos novos referenciais e do diagnóstico da escola, propostas de ação e mapear a possível rede de colaboradores internos e externos para as ações em sustentabilidade na escola.

Para o encontro fizemos um grande painel representativo do Sustenta! Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá. Com a ajuda dos diagnósticos feitos nos encontros anteriores dos grupos matutino e vespertino pudemos listar as possíveis ações para cada uma das áreas: 1) Currículo e trabalho nas disciplinas, 2) Comunidade escolar e gestão, 3) Espaço Físico e 4) Programa Mais Educação.

Nós usamos como base os resultados das atividades realizadas no curso anteriormente: o levantamento do FOFA e o diagnóstico das duas turmas. A leitura desses materiais foi feita em grupo com espaço para discussão dos diferentes aspectos apresentados. Os participantes puderam inserir sugestões de ações no quadro de acordo com as áreas. O Programa Mais Educação foi inserido nessa fase do curso, pois foi citado várias vezes pelo grupo como uma oportunidade de atuação do grupo e um espaço para tratar das questões ambientais.

No painel havia um espaço para a montagem da rede de colaboração, com a listagem de colaboradores que pudessem participar da prática das ações ou ajudar a viabilizá-las. O painel coletivo sobre sustentabilidade montado ao longo dos encontros também integrava o painel maior e ajudou a compor com palavras chaves e desenhos.

Compartilhei com os grupos como fiz o planejamento do encontro com base nos produtos dos encontros anteriores do curso.

Dia 07 de outubro de 2014

No turno matutino estavam presentes cinco participantes: P12, P11, P13, P8, P7 e P21.

O professor P21 falou que havia conversado com a Tereza Daré, uma das autoras dos materiais que usamos como referência. E destacou a disponibilidade dela para conversar com o grupo.

Após a leitura surgiram pontos de discussão e sugestões de ações:

- A aproximação das famílias, o sentimento de pertencimento à escola.
- Oficinas que possibilitassem que os participantes dividissem seus conhecimentos.
- Eventos que aproximassem os pais e a comunidade escolar, citaram como dificuldades a falta de uma pessoa que organize os eventos e atividades, a direção sobrecarregada e sem espaço para articular ações que envolvam a escola como um todo.

O professor P21 citou uma aluna que era líder comunitária e que poderia oferecer oficinas. Martinha do Coco, artista da cidade.

A orientadora P8 disse que achava o projeto de reciclagem muito interessante mas que os alunos reclamavam por não se sentirem parte do projeto, que as ações não eram contextualizadas, e que os alunos se sentiam incomodados de coletar o material por obrigação e a falta de sentido para eles.

Outros participantes do grupo reforçaram a opinião da P8 e disseram que os alunos, por falta de compreensão e entendimento da proposta do projeto, criaram aversão a ele. A outra orientadora disse que os alunos acham que a professora P1 está “fugindo do assunto da disciplina” quando começa a falar sobre coleta seletiva. A P13 citou que pensou em se aproximar da P1, pois sentia ela muito sozinha nas ações do projeto.

Foi levantado pelo grupo que as dificuldades encontradas pela professora P1 se refletiam na relação dos alunos com o tema, no caso, coleta seletiva. Conversamos sobre o quanto a criação de um grupo pode ajudar, como uma rede de apoio aos desafios individuais e a pensar coletivamente nas soluções e caminhos. Nesse momento, contei sobre a história da formação do nosso grupo de trabalho e estudos, e do quanto o movimento agregador surgiu da necessidade do apoio mútuo.

Conversamos sobre o quanto é importante buscar caminhos e criar estratégias para dar sentido ao que é feito, buscar referências e outros exemplos que nos ajudariam a trilhar nosso próprio caminho. Assumimos que existe uma dificuldade de tratar a temática ambiental e a sustentabilidade.

Foram citadas outras dificuldades como dar sentido à hora cívica, que também é uma atividade que os alunos mostram aversão, provavelmente por não compreenderem.

Outro desafio citado foi a questão dos pratos e copos espalhados na escola após o lanche, o desperdício, a falta de zelo e a sujeira na escola.

Ao longo da discussão algumas sugestões surgiram, como por exemplo, que outro professor abraçasse os projetos, ou que alguns temas fossem tratados nas aulas de Parte Diversificada. Discutimos sobre a efetividade dessas mudanças, e do quanto continuaria o isolamento, enquanto não fosse um tema tratado por toda a comunidade escolar.

Falamos sobre a importância de criar um espaço para discutir, problematizar e pensar a escola que queremos. O curso foi reconhecido, em mais de um momento, como um espaço de reflexão e planejamento.

O professor P9 disse não acreditar na efetividade da prática por meio apenas dos professores e da direção, mas que o que agregaria seria por meio dos alunos e pais. Ele falou da importância do espaço de partilha entre os professores.

Seguimos a programação com as sugestões de ações e o preenchimento do quadro da rede de colaboração.

30 de setembro

No turno vespertino estavam presentes quatro participantes: P5, P10, P6 e P4. Esse encontro contou com a participação da mestranda Júlia Machado do PPGEC/UNB.

Considero esse encontro um dos mais importantes do curso e percebi que muitos professores faltaram. O grupo resolveu trabalhar conjuntamente na elaboração de propostas de ações e as sugestões eram discutidas e inseridas após o diálogo sobre as questões levantadas principalmente no diagnóstico.

Conversamos sobre os caminhos para a estruturação do banco de referenciais e como apoiar, enquanto grupo, os demais professores na inserção da temática ambiental nas suas aulas. O professor P5 sugeriu que houvesse uma integração entre as novas ações e os projetos existentes na escola. Ressaltou a importância da prática como base para o planejamento do trabalho docente. Pensamos nas possíveis ações até o fim do curso e nas ações futuras.



Figura 9 Material de apoio para a escolha das ações pelo grupo nas oficinas do dia 30 de setembro e 07 de outubro de 2014 no curso Sustentável!



Figura 10 Momento de escolha das ações pelo grupo na oficina do dia 30 de setembro de 2014 no curso Sustenta!



Figura 11 Momento de escolha das ações pelo grupo na oficina do dia 07 de outubro de 2014 no curso Sustenta!

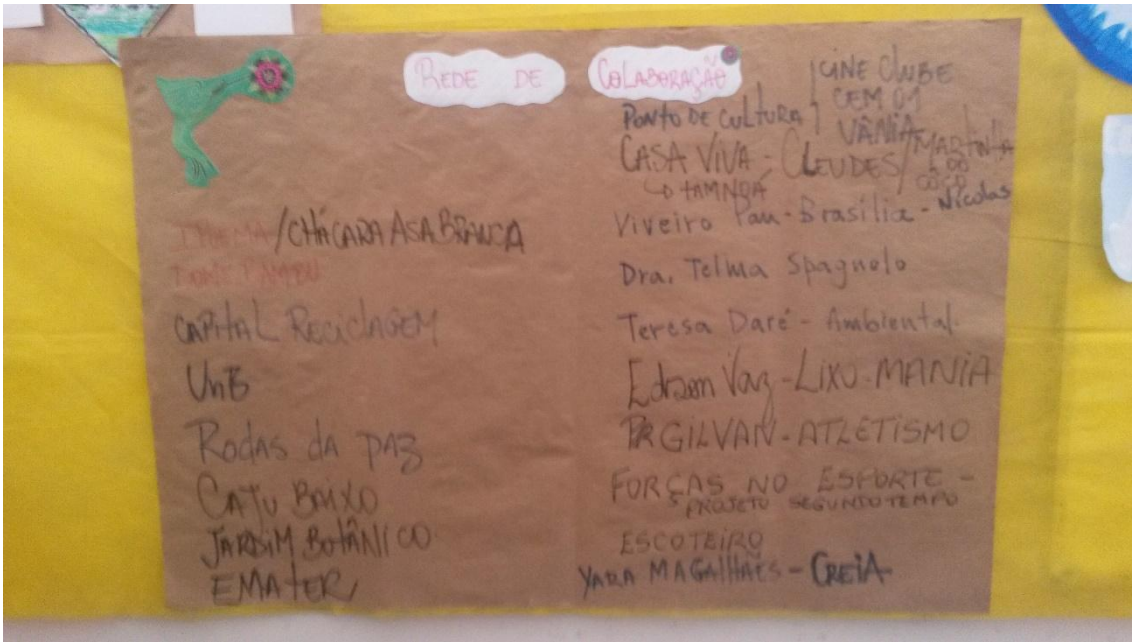


Figura 12 Painel da rede de colaboradores construído pelo grupo nas oficinas do dia 3 de setembro e 07 de outubro de 2014 no curso Sustentável!

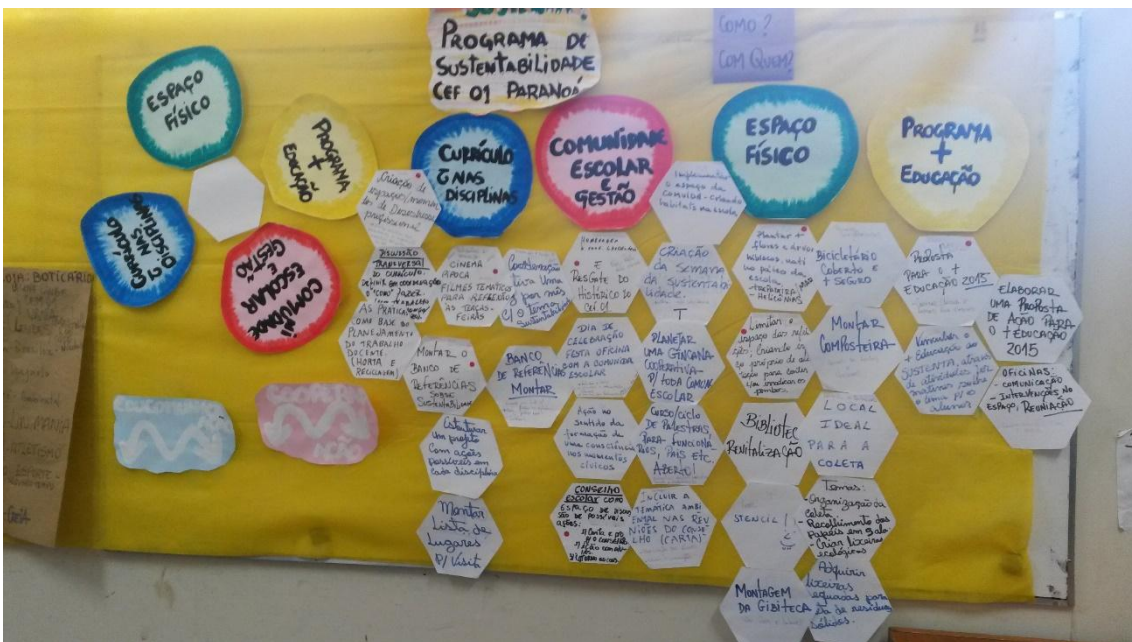


Figura 13 Momento de listagem e escolha das ações pelo grupo na oficina do dia 30 de setembro de 2014 no curso Sustentável!

Sétimo encontro - 14 de outubro de 2014

No turno matutino estavam presentes: P12, P1, P11, P9, P13, P8 e P21.

No turno vespertino estavam presentes: P5, P15, P6, P4, P10 e P17.

Esse foi o único encontro não gravado. Eu optei por deixar que os grupos pudessem trabalhar em alguns dos produtos do curso de acordo com a afinidade e disposição por colaborar com a proposta para o Mais Educação, a proposta de uma gincana cooperativa, a carta para o CE, a leitura crítica no texto proposta do o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá.

Foi também dado o espaço para o planejamento das ações escolhidas no encontro anterior.

A escolha de criar um ambiente mais livre para a interação e construção coletiva dos possíveis produtos, me gerou insegurança. Depois de um tempo para que os grupos se organizassem, me ofereci para ajudá-los. Durante grande parte do tempo com a turma do matutino trabalhamos no texto do Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá.

Na turma do vespertino fizemos a leitura conjunta rápida e objetiva do Programa de Sustentabilidade do CEF do Paranoá mas a maior parte do tempo trabalhamos na proposta de uma gincana cooperativa e falamos sobre a Pedagogia da Cooperação.

As semanas seguintes foram atípicas devido aos desencontros com as atividades da escola, relacionadas à aplicação e correção de provas. Os horários de coordenação acabaram sendo modificados e voltados para essas atividades.

Com o intuito de tentar reunir o grupo inteiro chegamos à conclusão de que o ideal seria um encontro depois do período de entrega de notas e reuniões de conselho de classe relativo ao quarto bimestre e marcamos o fechamento do curso para o dia 04 de dezembro de 2014.

Novembro 2014

O mês de novembro foi marcado muitas atividades relacionadas ao GTE/ComVida, podemos citar:

- Participação no Encontro Pós IV Conferência Infanto Juvenil para o Meio Ambiente.
- Registro da escola no PDDE Escolas Sustentáveis.
- Visitas de professores e alunos do Mais Educação à Chácara Asa Branca.
- Montagem da Espiral de Ervas. Início da reestruturação do espaço da horta escolar.
- Montagem da exposição de arte do Programa Mais Educação.
- Montagem da peça de teatro dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos interventivo com direção da professora P4.
- Preparação para participar da Ação Limpa Brasil.
- Coordenação com espaço para tratar de temas relacionados à sustentabilidade, piloto para a proposta de coordenação para 2015.



Figura 14 *Peça de teatro dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos interventivo com direção da professora P4*



Figura 15 *Participação do CEF no Encontro Pós IV Conferência Infante Juvenil para o Meio Ambiente.*



Figura 16 Visita de professores e alunos do Mais Educação à Chácara Asa Branca da ONG IPOEMA.



Figura 17 Reunição para reestruturação do espaço da horta da escola.



Figura 18 Reunição para montagem da espiral de ervas no pátio da escola com os alunos do Mais Educação

Oitavo encontro – 09 de dezembro de 2015

Reunião de fechamento e avaliação com todo o grupo. Estavam presentes: P5, P6, P4, P17, P21, P1, P23 e P12.

Após inúmeras tentativas de marcar um último encontro com todos os participantes do grupo optamos pelo dia 04 de dezembro e tivemos que remarcar para o dia 09 de dezembro.

Estavam presentes oito professores do curso, um visitante que se interessou pelo processo vivido na escola e veio nos visitar, pai de um aluno de uma escola particular, disse estar buscando formas de abordar o assunto na escola do filho. Contamos também com a participação de uma professora de matemática que estava de licença médica e pediu para participar da reunião do grupo e participou até o final.

Após a abertura do curso e apresentação dos visitantes, fizemos uma retrospectiva dos acontecimentos e marcos de constituição do grupo, ações realizadas ao longo do processo e a apresentação das parciais dos produtos do curso e exposição das propostas.

O Programa Mais Educação foi apontado como um espaço de grande potencial para tratar da temática ambiental. No planejamento para o ano de 2015 falamos sobre escolher um tema central e reunir materiais de apoio para consolidar o trabalho, o tema citado na discussão foi o bioma Cerrado. Listamos alguns dos materiais que compõem o nosso banco de referenciais e que poderiam ser utilizados. O P6 falou da necessidade de aumentar o vínculo entre os professores em sala de aula e o programa Mais Educação. Disse acreditar na potencialidade da educação integral, mas que só acredita no alcance do potencial, essa foi “abraçada” pela escola. Falou do quanto a escola ainda está no modelo operacional e que muitas vezes desconsidera os elementos que formam a visão de mundo individual. Ressaltou a importância do diagnóstico, de conhecer os anseios e necessidades dos alunos. A necessidade de filtrar as informações trazidas nos livros de acordo com o contexto apresentado e permitir o acesso a novos referenciais sem um ambiente agradável.

O Mais Educação novamente se apresenta como um espaço de aprendizagem onde é possível outros formatos com elementos de arte e um espaço de expressão que vai além da palavra.

A professora P23 disse que acredita que tudo que foge da rotina de sala de aula é proveitoso. Ressaltou que acha importante buscar exemplos vividos, elementos do dia a dia dos alunos. A P4 nos lembrou da importância de ampliar a participação dos alunos na ComVida, e que os alunos participantes saíam da escola, pois estavam no nono ano. Falou sobre a necessidade de ampliar a participação e mapear os alunos que se interessem pelo tema.

Fizemos um panorama de tudo o que foi realizado ao longo do curso e a leitura de alguns dos produtos. Foi possível observar o que faltava e fazer os encaminhamentos.

Visitamos a exposição dos trabalhos dos alunos do Mais Educação na biblioteca da escola. Fomos convidados pelos professores P21 e P6, que contaram para o grupo como foi realizado o trabalho e o cuidado que tiveram na escolha dos materiais usados.

Tentei marcar um encontro com os professores mas não conseguimos nos encontrar antes das férias coletivas. Não foi possível devido aos horários, o fechamento de notas e as reuniões finais.

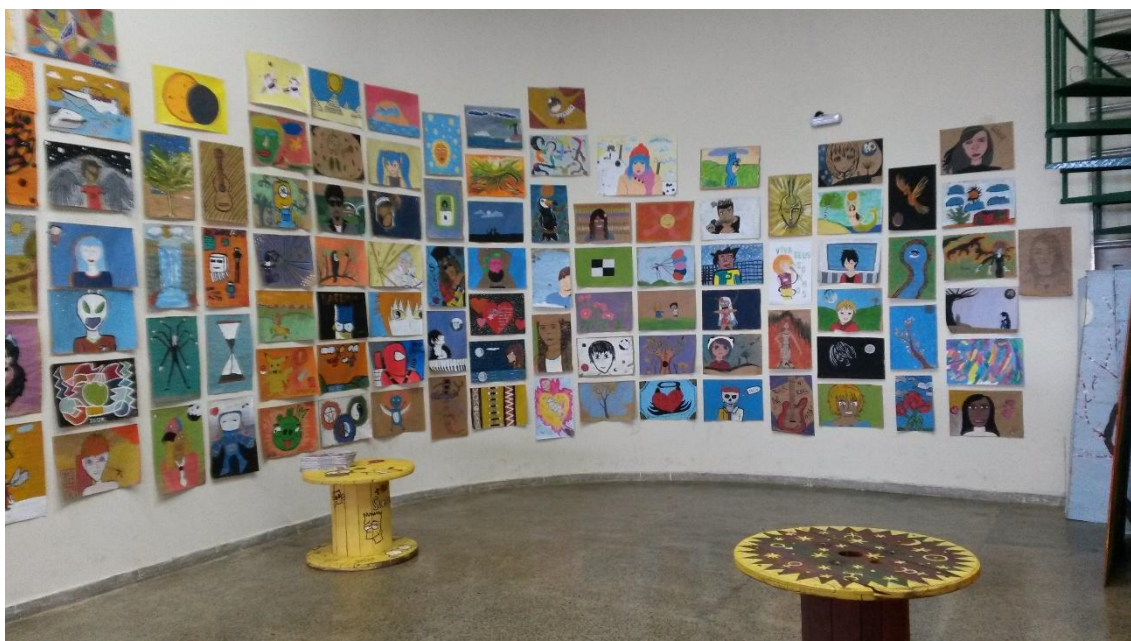


Figura 19 Montagem da exposição de arte do Programa Mais Educação

Nono encontro 16 de dezembro de 2014

Nosso último encontro foi marcado dentro do planejamento escolar, mas a reunião do CE precisou ser mudada, o que impediu que fizéssemos um momento de celebração final. A reunião se estendeu além do tempo estimado e pude fazer apenas uma pequena fala na reunião do CE, junto ao professor P7. Nesse contexto falamos sobre o Programa de sustentabilidade do CEF do Paranoá e do nosso objetivo de aumentar o espaço de diálogo com o CE no ano de 2015.

O objetivo desse encontro seria de organizar os materiais/produtos do curso e preparar uma apresentação do Sustenta! para o grande grupo da escola. Conversei com os professores que estavam presentes e entreguei mudas de ervas aromáticas para cada participante em agradecimento pela participação no curso.



Figura 20 mudas de ervas aromáticas entregues aos participantes em agradecimento ao tempo compartilhado

III - SUSTENTA! PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE DO CENTRO DE ENSINO FUNDAMENTAL DO PARANOÁ

Introdução

No ano de 2013 o Centro de Ensino Fundamental do Paranoá (CEF) retomou as discussões sobre educação ambiental (EA) e sustentabilidade na escola com a formação de um Grupo de Trabalho e Estudo (GTE) com essa temática. Formado por um coletivo docente e gestores, o grupo iniciou suas atividades fazendo um levantamento histórico de projetos já existentes e das novas propostas que estavam chegando.

Surgiu, então, a ideia de consolidar um Programa de educação ambiental e sustentabilidade na escola, fundamentados inicialmente nas seguintes dimensões: currículo, gestão e espaço físico. Consideramos, ainda, a possibilidade de agregar recursos disponibilizados por programas governamentais, tais como Programa de Educação Integral, Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) Escolas Sustentáveis, visando à construção de um Espaço Educador Sustentável (Brasil, 2011).

A perspectiva da proposta como um programa que englobe diversos projetos, foi escolhida pelo coletivo docente, com o intuito de gerar um documento vivo, aberto a modificações e busca de referenciais ao longo do processo de construção coletiva. Documento que será a base para ações que darão respaldo à construção do Projeto Político Pedagógico.

A participação docente no grupo, incentivada por meio do diálogo, passou a se constituir como um espaço de formação continuada em serviço, no qual os professores foram protagonistas na construção do programa, que nasceu da proposição de projetos e de referenciais trazidos por eles e enriquecidos com contribuições da Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (ComVida)¹² da escola, no processo de participação na IV Conferência Nacional Infante Juvenil pelo Meio Ambiente (IV CNIJMA)¹³.

A inserção da temática ambiental com o envolvimento dos estudantes na IVCNIJMA culminou no fortalecimento da ComVida. A preparação para a conferência e a participação dos estudantes nas discussões e abriu portas para a percepção do ambiente escolar com temas relevantes, como a ocupação dos espaços não utilizados da escola, a relação da comunidade com os animais que habitam o espaço escolar, entre outros assuntos.

¹² ComVida – Com-Vida é a Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida, uma forma de organização na escola que se baseia na participação de estudantes, professores, funcionários, diretores e comunidade. O principal papel da Com-Vida é contribuir para um dia a dia participativo, democrático, animado e saudável na escola. A Com-Vida é uma sugestão dos delegados da I Conferência Nacional Infantejuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA), que propuseram a criação de espaços de participação em defesa do meio ambiente nas escolas (MEC 2012). A formação da Com-Vida, é uma das primeiras etapas de preparação para as CNIJMA, uma iniciativa do MEC como atividade do órgão gestor da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), com o intuito, de maneira colaborativa, de que sejam discutidos caminhos para que as escolas se tornem espaços educadores sustentáveis.

¹³ IV CNIJMA Projeto Ocupa! Plano de Ação elaborado coletivamente pelos estudantes para participação na conferência.

Todo esse movimento se configura como um terreno fértil para iniciar nossa jornada rumo a sustentabilidade na escola.

Justificativa

Por que construir um espaço educador sustentável no CEF do Paranoá?

O CEF do Paranoá é conhecido por seu histórico de projetos ligados à educação ambiental. Na história dessa escola estão ações ligadas à coleta seletiva de resíduos, à idealização de um pequeno parque com plantio de mudas arbóreas, hortas escolares e propostas pedagógicas em educomunicação com a temática ambiental.

A criação do Programa de educação ambiental e sustentabilidade do CEF do Paranoá se configura como uma oportunidade de valorizar e avaliar os projetos do passado e do presente, assim como construir propostas de ações futuras.

A formação do GTE em educação ambiental e sustentabilidade na escola tem o intuito de abrir um espaço de diálogo e reflexão na comunidade escolar, sobretudo entre os docentes. O GTE também abre a perspectiva da pesquisa, da busca de novos referenciais, da formação continuada e para a avaliação contínua das ações ligadas aos projetos.

Conforme registrado por Santos (2010), projetos coletivos dessa natureza se configuram como uma oportunidade de integração entre os docentes e entre a escola e a comunidade. Podem também proporcionar a integração de diferentes áreas de conhecimento e atender à demanda da educação ambiental como tema transversal, como previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL, 1998).

A criação do programa, em conformidade com a Lei 9597/1999 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, afirma que a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. A mesma lei incumbe as instituições educativas de promover a educação ambiental de maneira integrada aos demais programas educacionais desenvolvidos.

Objetivo Geral

Viabilizar a transição para a sustentabilidade socioambiental do Centro de Ensino Fundamental do Paranoá.

Objetivos Específicos

- Estruturar um grupo de trabalho e estudos contínuo formado por membros da comunidade escolar com o intuito de abordar temas em educação ambiental e sustentabilidade.
- Traçar estratégias para inserir a Educação Ambiental como tema transversal nas práticas pedagógicas.
- Articular parcerias internas e externas para o apoio dos projetos que compõem o Programa Sustentabilidade na Escola do Centro de Ensino Fundamental do Paranoá.

- Viabilizar a concretização dos projetos elaborados coletivamente.

O Programa Sustenta! é uma obra aberta, que abriga os projetos existentes na escola e convida a comunidade a participar e propor novos caminhos. O GTE/ComVida atua como ponte para a inserção da temática de sustentabilidade na escola, apoiando a preparação de ações nas aulas regulares, nas atividades do Mais Educação e na estruturação dos projetos.

Referencial Teórico

Segundo o Programa Nacional Escolas Sustentáveis do Ministério da Educação, as escolas sustentáveis são aquelas que desenvolvem processos educativos permanentes e continuados, capazes de sensibilizar a comunidade para a construção de uma sociedade de direitos, ambientalmente justa e sustentável, por meio de três dimensões interdependentes:

Currículo

Inclusão de conhecimentos, saberes e práticas sustentáveis no projeto político pedagógico da escola.

Gestão democrática

Fortalecimento da Com-Vida, coletivo escolar que promove o diálogo e pauta decisões sobre a sustentabilidade socioambiental, a qualidade de vida, alimentação e consumo sustentável e o respeito aos direitos humanos.

Espaço físico

Adequação do espaço físico, visando à destinação apropriada de resíduos da escola, eficiência energética, uso racional da água, conforto térmico e acústico, acessibilidade, transporte sustentável e estruturação de áreas verdes, de acordo com os biomas e ecossistemas locais (BRASIL, 2013).



Referencial Teórico:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Temas Transversais, 1998.

SANTOS, V.E. **Jardins Educadores: Ensaio sobre agroecologia e permacultura na escola pública**. Dissertação. Universidade de Brasília, 2010.

BRASIL. **Programa Nacional Escolas Sustentáveis**. Ministério da Educação. 2013.

Projetos do Sustenta!: Programa de educação ambiental e sustentabilidade do Centro de Ensino Fundamental do Paranoá

1. Coleta Seletiva.
2. Áreas não utilizadas: Eu ocupo!
 - Horta e compostagem
 - Viveiro
 - Jardins e espaços de convivência
 - Gibiteca
 - Espaço para oficinas de educação ambiental(múltiplo uso)
3. Ciclo ativismo e mobilidade urbana. Em fase elaboração.

1. COLETA SELETIVA

O projeto tem como princípio desenvolver a conscientização ambiental na comunidade escolar, discutir e refletir com os educandos e educadores as ações do homem na natureza, bem como desenvolver ações práticas que busquem a relação harmônica entre homem e natureza.

OBJETIVO GERAL:

Destinar corretamente os resíduos produzidos no CEF com o suporte de um projeto pedagógico desenvolvido com a comunidade escolar.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- . Estimular valores, mudanças práticas de atitudes e a formação de novos hábitos com relação à minimização de resíduos dispersos no meio ambiente;
- . Adotar práticas ambientalmente corretas e adequadas à realidade da escola e da comunidade;
- . Articular o desenvolvimento de ações e projetos sobre educação ambiental, estimulando a pesquisa;
- . Desenvolver a consciência ambiental, favorecendo a autonomia dos alunos;
- . Valorizar a sociabilidade e a divisão das tarefas realizadas em grupo favorecendo a percepção de pertencimento a e cidadania;
- . Identificar-se como cidadão que faz uso e respeita a utilização dos recursos naturais.
- . Valor dos resíduos, riqueza dos materiais, retorno financeiro?
- . Revitalização do espaço para separação de resíduos sólidos da escola e cobertura da área.
- . Organizar os compartimentos de separação de resíduos.

SUBPROJETOS

- . Coleta Seletiva - Ação Reciclagem;
- . Oficina Reciclando Papéis;
- . Cultura Ambiental na Escola;
- . Patrulha da Energia;
- . Recolhimento de pilhas e baterias.
- . Recolhimento de óleo de fritura
- . Recolhimento de toco de lápis Faber Castell, Caneta Bic., toco de borracha, Pincel para Quadro Branco, Caneta Hidrocolor.
- . Recolhimento de produtos de Saúde Bucal, tais como: Caixa de pasta de dente, escova de dente velha e tubo de pasta de dente.
- . Recolhimento de: Papel Chamex, Copimax, sacos de salgadinhos variados, de chocolate, café, entre outros.

CONTEÚDOS

Energia, tecnologia, padrões de consumo, recursos naturais renováveis e não renováveis, desperdício, coleta seletiva, Os 5 R's (Repensar, reduzir, reparar, reutilizar e reciclar), desigualdade social, economia local, globalização, saúde, ciclos dos materiais, impactos ambientais, responsabilidade coletiva, cidadania, ações individuais e ações coletivas etc.

RESULTADOS PARCIAIS:

- . Pagamento do curso de inglês 'Cambridge' para uma aluna.
- . Compra de material para o grupo de dança da escola.
- . Compra de camisetas para alunos carentes.
- . Compra de material para oficina de papel e puff.
- . Pagamento de passeio para o sítio Caju Baixo.
- . Pagamento de passeio para o Condomínio Alto da Boa Vista em Sobradinho.
- . Pagamento do grupo de Teatro sobre 'bullying'.
- . Pagamento de materiais para a implantação do Parque Sócioambiental no CEF 01. 2007.
- . Compra de material para a implantação da horta e jardim no CEF. 2007.
- . Compra de material para forrar as caixas de recolhimento de papel para sala de aula.
- . Pagamento da compra de livros escritos por alunos do CEF Paranoá.
- . Compra de Contêiner para papel, vidro, metal e plástico.

PARCERIAS: Terra Cycle e Capital Recicláveis.

2. A ESTRUTURAÇÃO COLETIVA DE ESPAÇOS PARA A INTERDISCIPLINARIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Áreas não utilizadas: Eu ocupo! *

OBJETIVO GERAL

O projeto visa explorar o potencial educativo do processo de estruturação de espaços no ambiente escolar para a interdisciplinaridade e educação ambiental, ocupando áreas subutilizadas, bem como os desdobramentos pedagógicos dessas ações.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- . Envolver a comunidade escolar no planejamento e utilização dos espaços.
- . Abordar aspectos para além dos conteúdos conceituais, abrangendo o bem-estar, a saúde física e mental, a diversificação didática, a subjetividade dos alunos como atores do processo de ensino-aprendizagem e agentes de transformação de seu ambiente na sua dimensão política.

JUSTIFICATIVA:

O projeto nasceu de uma inquietação sobre o modo como utilizamos o ambiente escolar, limitando muitas vezes a atuação do professor a sala de aula. A falta

de estrutura para receber os alunos, acaba por desestimular os professores a explorar possibilidades de atuação fora de sala.

Da inquietude nasceu a ideia de repensar a utilização dos espaços dentro do ambiente escolar e a estruturar locais que fossem acolhedores e que facilitassem a criação das comunidades de aprendizagem. A criação de alternativas à sala de aula poderia também favorecer a prática real da interdisciplinaridade e da educação ambiental, bem como criar espaços de socialização e bem-estar.

Alguns dos espaços subutilizados na escola representam ameaças a segurança dos estudantes por estarem em más condições de conservação.

O projeto envolve a integração da comunidade escolar e a formação de um grupo de trabalho e estudos para a concepção dos novos espaços e intervenções. Essas ações já são de natureza educativa uma vez que possibilitam o trabalho conjunto, a cooperação e o acompanhamento no processo de transformação dos espaços. Vale ressaltar a exploração do potencial pedagógico desses novos locais de atuação, a experimentação da interdisciplinaridade, educação ambiental e o uso como local de promoção da saúde.

É relevante ainda o despertar do sentimento de pertencimento aos territórios co-construídos, fortalecendo a coletividade. O que pode vir a contribuir também para a identidade da escola e para a integração entre a escola e a comunidade.

SUBPROJETOS

- Horta, espiral de ervas e compostagem
- Viveiro
- Jardins e espaços de convivência
- Gibiteca
- Espaço para oficinas de educação ambiental (múltiplo uso)

RESULTADOS PARCIAIS

- . Criação do Grupo de Trabalho e Estudos (GTE) sobre sustentabilidade na escola e estruturação da Com-Vida.
- . Início do planejamento coletivo das áreas.
- . Visita dos docentes à Chácara Asa Branca – Centro de Permacultura e Educação Ambiental.

CONTEÚDOS

Produção de alimentos, saúde e segurança alimentar, diversidade vegetal, botânica, agricultura orgânica, agrotóxicos e fertilizantes, sustentabilidade urbana, espaços saudáveis, transformação dos espaços, pobreza e desigualdade social, fome, decomposição, tipos de solo (composição e seres vivos), nutrientes, manejo do solo,

relação cultural de diferentes povos com o solo e produção de alimentos, biomas brasileiros entre outros.

*Título do Plano de Ação do CEF na IV CNIJMA/2013.

PARCERIAS: IPOEMA, Dome Bambu e Grupo 7 saberes

3. MOBILIDADE URBANA E CICLO ATIVISMO

OBJETIVO GERAL

Problematizar questões relacionadas à mobilidade humana e a relação entre mobilidade e sustentabilidade.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

. Possibilitar a discussão sobre as formas de mobilidade humana, as escolhas pessoais e coletivas e os desdobramentos para a sustentabilidade.

. Trabalhar as regras de trânsito relacionadas aos ciclistas e a forma correta de usar as ciclovias.

SUBPROJETOS

- . Manual de etiqueta do ciclista
- . Passeio ciclístico no Paranoá
- . Bicicletas pelo mundo - As várias dimensões

CONTEÚDOS

Planejamento e mobilidade urbana, padrões de consumo, poluição, energia e combustíveis, qualidade ambiental, qualidade de vida, transportes, saúde, cultura, entre outros.

IV - POESIAS ELABORADAS PELOS PROFESSORES PARA A ABERTURA DAS OFICINAS DO CURSO SUSTENTA!

Poesia da professora P1

ÁRVORE

Vejo-a como símbolo da eternidade!
Majestosa como sempre!
Imponente pra toda vida!
Sua beleza não tem igual!
Mas pra que serve uma árvore para alguns?
Para fabricar os seus móveis, seu ataúde.
E para outros para que serve?
Para fabricar o nosso oxigênio,
Para fabricar as gotículas de água,
Para enfeitar os nossos quintais,
Para dar vida ao meio ambiente,
Para embelezar as nossas ruas,
Para nos dar a alegria de viver em sua sombra!
Fico triste quando vejo alguém com uma motosserra,
Destruindo-a em poucos minutos.
Seja sempre bem vinda sua majestade "Árvore "

Poesia do professor P21

abençoadas árvores
amigas sobreviventes
onde não chegou o fogo -
muitos pauterrinhas, muricis
pequizeiros e sucupiras em flor.
Aleluia ! Benzadeus,
gratidão à força da vida
é o cerrado lindo
encanto dos nossos amor.

V - PROPOSIÇÃO DE AÇÃO PROFISSIONAL

Sumário

Apresentação	144
Módulo I – Abrir os olhos	145
Primeiro encontro.....	145
Segundo encontro.....	146
Módulo II – Respirar	147
Terceiro encontro	147
Quarto encontro	148
Módulo III – Nutrir	149
Quinto encontro:	149
Sexto encontro	150
Módulo IV – Preparação para voar	151
Sétimo Encontro.....	151
Oitavo Encontro	151
Nono Encontro	151
Décimo encontro	152
Celebração	152
Referências bibliográficas	153

Apresentação

Caro (a) leitor (a),

Essa proposição nasceu da experiência vivida junto a um grupo de professores em uma escola pública de ensino fundamental séries finais e registrada na minha dissertação de mestrado (AZEVEDO, 2015). É destinada principalmente aos gestores (as) e professores (as) das escolas, mas apresenta sugestões de temas e atividades que podem ser adaptados e utilizados por grupos que tenham interesse em temas relacionados à educação para a sustentabilidade e educação ambiental.

A Proposição de Ação Profissional está no formato de oficinas temáticas que abordam dimensões da sustentabilidade, sendo possível a adaptação para as coordenações pedagógicas e a diferentes contextos de formação docente. Os temas foram escolhidos e surgiram dentro dos espaços de diálogo da escola, das demandas apresentadas pelo grupo do qual faço parte e das construções junto à minha orientadora Maria Rita Avanzi.

Espero que esse material possa inspirar e abrir possibilidades de criação para os diferentes contextos, e que as nossas escolas se tornem cada dia mais espaços sustentáveis inspiradores para nossa sociedade.

Desejo que os laços entre as pessoas que constituem as escolas se fortaleçam, que a confiança e a espontaneidade possam nos ajudar a trilhar o caminho das mudanças necessárias.

Deixo aqui o meu contato e a porta sempre aberta para o diálogo: gabrielasedf@gmail.com

Alegrias,

Gabriela Azevedo

Módulo I – Abrir os olhos

Objetivos:

- Consolidar um grupo de trabalho e estudos.
- Fortalecer a temática sustentabilidade e educação ambiental na escola.
- Apresentar a cooperação, comunicação não violenta e cuidado como possíveis bases para um caminho de sustentabilidade.

Primeiro encontro

Momentos:

1. Roda de apresentação

Formar duplas

Olhar para o outro, o que te conecta a ele (a)? Cada um chegou aqui hoje com suas necessidades, anseios, cada um com sua história e contexto que nós nem sempre conhecemos, conectar com esse outro ser humano, terráqueo que está na sua frente.

Pedir para que as pessoas se apresentem falando do que gostam de brincar/fazer e a história de uma ou mais cicatrizes.

As duplas se apresentam. Um apresenta o outro com elementos das histórias que compartilharam.

2. Abertura do tema do curso

- Iniciar com a pergunta: por que discutir sustentabilidade na escola?
- Montar um painel coletivo sobre o que achamos que seja a sustentabilidade com palavras e desenhos.

Essas atividades trarão um diagnóstico prévio do entendimento sobre sustentabilidade do grupo.

Apresentação dos vídeos da Severn Suzuki

Eco 92 e Rio+20

Diálogo sobre a temática da educação ambiental e sustentabilidade na escola:

Apresentação dos documentos e legislação relacionados à Educação Ambiental e sustentabilidade na educação formal: Lei de Diretrizes e Bases, Programa Nacional

de Educação Ambiental, Currículo em movimento, Diretrizes curriculares nacionais da Educação Ambiental, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica entre outras normas que possam apoiar a implementação da temática.

3. Banco de referenciais

Propor ao grupo a construção de um banco de referenciais, apoio para ações em sustentabilidade e Educação Ambiental na escola, constituído por materiais de referência como livros, textos, vídeos, links para sites, planos de aula e relatos de experiências exitosas e inspiradoras. O banco deve ser “vivo e aberto” e sua construção será contínua.

Produtos esperados:

Painel sobre sustentabilidade.

Ilustrações sobre o que seria uma escola sustentável no imaginário do coletivo.

Segundo encontro

Momentos:

1. Oficina: Comunicação com cuidado

Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV). Qual o nosso cuidado com a comunicação?

Comunicação não violenta – observação, identificação dos julgamentos, sentimentos, necessidades e pedido.

Julgamentos e comunicação alienante.

Em duplas - escuta profunda e presente. Cada integrante deve contar uma situação de conflito. O ouvinte deve depois dizer o que entendeu e confirmar se aquilo representa o que foi dito.

A dupla deve organizar o conflito em:

Observação, julgamento, sentimentos, necessidades e elaboração de um pedido para que as necessidades não atendidas geradoras de conflito sejam vistas.

Roda de partilha em que as duplas podem expressar as impressões sobre a atividade.

2. Exibição de Vídeo

Vídeo de Dominic Barter sobre CNV e criação de espaços na escola para que as divergências sejam vistas como um processo de crescimento. Local onde o conflito possa acontecer livremente.

3. Biografia Ecológica Individual

Iniciar um diálogo sobre a motivação interna e motivação individual.

Qual a motivação interna individual de cada um para participar do curso sobre sustentabilidade e educação ambiental?

Por que nos reunimos? O que nos conecta?

Buscar elementos que unam o grupo e orientar para que cada um faça uma biografia ecológica que pode ser um texto, um desenho ou outra forma de expressão.

Produtos esperados:

Biografia Ecológica individual.

Módulo II – Respirar

Objetivos:

- Consolidar o grupo de trabalho e estudos e construir identidade grupal.
- Mapear as áreas de afinidade individual para inserção da temática da sustentabilidade na escola.

Terceiro encontro

Momentos:

- 1. Roda da fala.**
- 2. Biografia Ecológica**

O que trazemos?

Exposição das biografias ecológicas para o grupo.

3. Apresentação Sustentabilidade e Escolas Sustentáveis

Entrega dos textos que trazem referenciais: Gestão, Currículo, Espaço Físico – material da CNIJMA para trabalho em grupos como subsídio para o momento seguinte.

4. Onde estamos? — reconhecer potencial do grupo para planejamento.

Como o grupo se vê? Registrar visualmente em uma matriz, que pode ser uma tabela ou um desenho/ilustração que represente essa imagem do coletivo.

Mapear:

Fatores favoráveis e desfavoráveis à atuação do grupo na escola - internos (do próprio coletivo) e externos.

Produtos esperados:

Registro visual que represente o coletivo.

Mapa de áreas de afinidades no grupo.

Quarto encontro

Momentos:

1. Abertura com a leitura de uma poesia

2. Abrir um espaço de diálogo a partir da pergunta: Qual a relação entre o cuidado e sustentabilidade. Existem caminhos?

Inspiração:

Texto do Leonardo Boff (2011).

Apresentação dos princípios da Permacultura. (Adaptado de David Holmgren, 2013)

3. Atividade sobre Espaços Educadores Sustentáveis.

Dividir em trios e/ou duplas para leitura de três textos sobre o tema: Espaços Educadores Sustentáveis.

Texto 1 - O que são espaços educadores sustentáveis escrito por Carla Borges.

Texto 2: Escola sustentável: currículo, gestão e edificação escrito por Tereza Moreira.

Texto 3: Vida sustentável: ações individuais e coletiva escrito por Rachel Trajber.

Discussão e elaboração de uma apresentação para o grupo.

4. Atividade de diagnóstico coletivo da escola nas dimensões:

- Currículo
- Gestão
- Espaço Físico

Material de apoio *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis* (BRASIL, 2012).

Módulo III – Nutrir

Objetivo:

- Elaborar, a partir dos novos referenciais e do diagnóstico da escola, propostas de ação.
- Mapear a possível rede de colaboradores internos e externos para as ações em sustentabilidade na escola.

Quinto encontro

Momentos:

1. Diagnóstico coletivo da escola

Formar grupos de 2/3 pessoas, cada grupo ficará responsável por uma das dimensões: a) Currículo; b) Gestão; c) Espaço Físico e usaremos como base os materiais *Vamos Cuidar do Brasil com Escolas Sustentáveis* (BRASIL, 2012), que abordam as diferentes dimensões.

Outros aspectos que serão tratados neste trabalho: Histórico da escola; seu Projeto Político Pedagógico (PPP); a formação da ComVida e a criação de um Programa de Sustentabilidade para a escola.

2. Redes

Reflexão sobre o trabalho coletivo, a necessidade de criação de uma rede de apoio a partir de uma dinâmica a ser desenvolvida com o grupo. Em seguida, montar o painel da rede interna e da rede externa de colaboradores: Componentes da comunidade escolar e possíveis parcerias.

3. Vídeo do MEC sobre a ComVida. Momento de estudos.

Sexto encontro

Momentos:

1. Mudança de vetores. Qual a mudança que queremos?

Inspiração:

Leitura dos pilares da Felicidade Interna Bruta (FIB)

- Desenvolvimento socioeconômico sustentável e igualitário
- Preservação e promoção de valores culturais
- Preservação do meio ambiente
- Bom governo – ético, eficiente e responsável

Fonte: www.felicidadeinternabruta.org

Vídeo: Gross National Happiness.

Abrir um espaço de diálogo a partir da pergunta: Qual o papel da escola para a felicidade e saúde de uma comunidade? Como podemos ajudar?

2. Listar e priorizar ações

Inicialmente será feita a leitura coletiva das informações colhidas no diagnóstico, seguido da montagem de um painel de ações escolhidas pelo grupo ligadas às áreas:

- Currículo e trabalho nas disciplinas
- Comunidade escolar e Gestão
- Espaço Físico
- Programa Mais Educação

Após a listagem de ações será feita a escolha das ações prioritárias e a escolha das ações por afinidade de cada componente do grupo.

3. Plano de Trabalho

Em seguida, cada indivíduo ou dupla irá elaborar um Plano de Trabalho para as ações escolhidas respondendo às seguintes questões: O que? Como? Quando? Com quem?

Espera-se que essas questões possam direcionar à concretização das ações.

Módulo IV – Preparação para voar

Objetivo:

- Estruturar coletivamente as propostas de ação e pensar caminhos de concretização.
- Montar um banco de referenciais para apoio nas ações e planejamentos futuros.

Sétimo Encontro

Momentos:

1. **Rever o Painel Coletivo sobre Sustentabilidade e dialogar com o grupo sobre as mudanças de concepções e construções realizadas ao longo dos encontros.**

Inspirações sobre sustentabilidade:

Educação GAIA - Educação para o Design de Ecovilas

Oitavo Encontro

Momentos:

1. **Espaço para discussão e elaboração das propostas de ação.**
Em grupos montados por afinidade disponibilizar um tempo e espaço para estruturação dos produtos parciais
2. **Leitura coletiva das parciais e diálogos para possíveis mudanças sugeridas pelo grupo.**

Nono Encontro

Momentos:

1. **Abertura com a leitura de uma poesia**

2. Montagem do banco de referenciais colhidos no decorrer dos encontros.

- Pensar e solicitar um espaço físico para armazenamento dos materiais na escola.
- Criação de um espaço virtual escolhido pelo grupo: site, blog, mídias sociais.
- Compartilhamento com os demais professores e estudantes.

Inspiração:

Material ABCerrado. Rosângela Azevedo Corrêa - Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Décimo encontro

Momentos:

1. Entrega das parciais dos produtos do curso e exposição das propostas.

- Leitura coletiva dos produtos e propostas
- Mesa aberta para sugestões de modificações
- Tempo para definição do grupo

2. Estudar possibilidades de concretização das ações escolhidas utilizando o plano de trabalho elaborado no sexto encontro.

3. Pensar com o grupo caminhos de experimentação das novas ideias e incentivo a criação coletiva de soluções.

4. Fechamento com fotos do processo e roda de avaliação final.

Avaliação com palavra que represente o grupo, palavra que represente o trabalho realizado.

Avaliação escrita

Celebração

O momento de celebração é uma oportunidade de reconhecimento de cada um dos indivíduos que constituem o grupo. Pode ser feita a qualquer tempo ao longo dos encontros e representa o espaço para manifestações e agradecimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, L. **Sustentabilidade e cuidado: um caminho a seguir**. 2011. Disponível em: <<https://boff.wordpress.com/2011/06/16/sustentabilidade-e-cuidado-um-caminho-a-seguir/>>. Acesso em 04 de maio de 2014.

BRASIL. **Vamos cuidar do Brasil com escolas sustentáveis: educando-nos para pensar e agir em tempos de mudanças socioambientais globais**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Ministério do Meio Ambiente. Brasília. 2012.

BROTTO, F. ARIMATEÁ, D. J. **Pedagogia da cooperação**. Cadernos de referência de esporte. Volume 12. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013.

CORRÊA, et al. **Educação Ambiental e Ecologia Humana: Contribuições para um debate**, DVD Alfabetização ecológica: ABCERRADO. Faculdade de Educação. UnB, 2012.

GLOBAL ECOVILLAGE EDUCATORS FOR A SUSTAINABLE EARTH (GEESE). **Gaia Education: Educação para o Design de Ecovilas**. 2005. Disponível em: www.gaiaeducation.net . Acesso em outubro de 2014.

HOLMGREN, D. **Fundamentos da Permacultura**. 2013. Disponível em: permacultureprinciples.com. Acesso em novembro de 2014.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não Violenta**. Rio de Janeiro: Ágora. 2006.

Gross National Happiness. Produção: Morten Sondergaard. Animação: 3' 28''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bp-Wrn2TpD8>>. Acesso em agosto de 2014.

Discurso Severn Suzuki na Rio+20. ONU. 10' 02''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k8onZK3U0VM>>. Acesso em agosto de 2014.

Discurso Severn Suzuki na ECO 92. ONU. 8' 32''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oJJGuIZVfLM>> .Acesso em agosto de 2014.

Comissão de Meio Ambiente e Qualidade de Vida (ComVida). Produtora: Fabrika. MEC/MMA. 25' 06''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=o7RFUeolFT4>>. Acesso em abril de 2014.

Comunicação não violenta, Dominic Barter. 9'51''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-krT6JI9RMA>>. Acesso em agosto de 2014.

ANEXOS

I - DINÂMICA: O CASO MIGUEL

Objetivo: Percepção sobre os julgamentos. Importância da não utilização do julgamento e avaliação precipitados.

Disposição: Cinco equipes

Material: Fotocópia dos textos do anexo.

Procedimentos: Divida o grupo em cinco (05) equipes e distribua entre elas os cinco textos apresentados logo adiante. Estabeleça um prazo de dez (10) minutos. Nesse período cada equipe terá a tarefa de julgar ou avaliar o comportamento de um certo Miguel, observando em diferentes momentos de um dia descrito nos textos.

Acompanharão o comportamento de Miguel por meio dos relatos de sua mãe, da faxineira, do zelador do edifício, do motorista de táxi e do garçom da boate que ele frequenta. Encerrado esse prazo, proponha que as equipes, uma a uma, façam seu relato descrevendo como perceberam Miguel. Havendo predisposição para uma rápida discussão após os relatos, torna-se interessante fazê-la. Depois disso, requisiite atenção de todos para que você leia o relato do próprio Miguel sobre o que ocorreu naquele dia. Proponha novamente a discussão acerca das observações feitas anteriormente pelas equipes, tendo por base os argumentos no parágrafo inicial desse encontro. Esgotando-se 25 minutos, encerre a atividade.

Relatos

De sua mãe:

"Miguel levantou-se correndo, não quis tomar café e nem ligou para o bolo que eu havia feito especialmente para ele. Só apanhou o maço de cigarros e a caixa de fósforos. Não quis colocar o cachecol que eu lhe dei. Disse que estava com pressa e reagiu com impaciência a meus pedidos para que se alimentar e abrigar-se direito. Ele continua sendo uma criança que precisa de atendimento, pois não reconhece o que é bom para si mesmo". Após o relato, como a equipe percebe Miguel?

Do garçom da boate

"Ontem à noite ele chegou aqui acompanhado de uma morena, bem bonita, por sinal, mas não deu a mínima bola para ela. Quando entrou uma loura, de vestido colante, ele me chamou e queria saber quem era ela. Como eu não conhecia, ele não teve dúvidas: levantou-se e foi à mesa falar com ela. Eu disfarcei, mas só pude ouvir que ele marcava um encontro, às 9 da manhã, bem nas barbas da acompanhante dele. Sujeito, peitudo"! Após esse relato, como a equipe percebe Miguel?

Do motorista de táxi:

"Hoje de manhã, apanhei um sujeito e não fui com a cara dele. Estava de cara amarrada, seco, não queria nem saber de conversa. Tentei falar sobre futebol, política, sobre trânsito e ele sempre me mandava calar a boca, dizendo que precisava se concentrar. Desconfio que ele é daqueles que o pessoal chama de subversivo, desses que a polícia anda procurando ou desses que assaltam motorista de táxi. Aposto que anda armado. Fiquei louco para me livrar dele".

Após esse relato, como a equipe percebe Miguel?

Do zelador do edifício:

"Esse Miguel, ele não é certo da bola não. Às vezes cumprimenta, às vezes finge que não vê ninguém. As conversas dele a gente não entende. É parecido com um parente meu que enlouqueceu. Hoje de manhã, ele chegou falando sozinho. Eu dei bom dia e ele me olhou com um olhar estranho e disse que tudo no mundo era relativo, que as palavras não eram iguais para todos, nem as pessoas. Deu um puxão na minha gola e apontou para uma senhora que passava. Disse, também, que quando pintava um quadro, aquilo é que era a realidade. Dava risadas e mais risadas... Esse cara é um lunático!"

Após esse relato, como a equipe percebe Miguel?

Da faxineira:

"Ele anda sempre com um ar misterioso. Os quadros que ele pinta, a gente não entende. Quando ele chegou, na manhã de ontem, me olhou meio enviesado. Tive um pressentimento ruim, como se fosse acontecer alguma coisa ruim. Pouco depois chegou a moça loura. Ela me perguntou onde ele estava e eu disse. Daí a pouco ouvi ela gritar e acudi correndo. Abri a porta de supetão e ele estava com uma cara furiosa, olhando para ela cheio de ódio. Ela estava jogada no divã e no chão tinha uma faca. Eu saí gritando: Assassino! Assassino!"

Após o relato, como a equipe percebe Miguel?

Anote no quadro ou em um papel todas as impressões que as equipes tiveram sobre o Miguel. Depois leia o relato do próprio Miguel sobre o ocorrido nesse dia:

"Eu me dedico à pintura de corpo e alma. O resto não tem importância. Há meses que eu quero pintar uma Madona do século XX, mas não encontro uma modelo adequada, que encarne a beleza, a pureza e o sofrimento que eu quero retratar. Na véspera daquele dia, uma amiga me telefonou dizendo que tinha encontrado a modelo que eu procurava e propôs nos encontrarmos na boate. Eu estava ansioso para vê-la. Quando ela chegou fiquei fascinado; era exatamente o que eu queria. Não tive dúvidas. Já que o garçom não a conhecia, fui até a mesa dela, me apresentei e pedi para ela posar para mim. Ela aceitou e marcamos um encontro no meu ateliê às 9 horas da manhã. Eu não dormi direito naquela noite. Me levantei ansioso, louco para começar o quadro, nem pude tomar café, de tão afobado.

No táxi, comecei a fazer um esboço, pensando nos ângulos da figura, no jogo de luz e sombra, na textura, nos matizes... nem notei que o motorista falava comigo. Quando

entrei no edifício, eu falava baixinho. O zelador tinha falado comigo e eu nem tinha prestado atenção. Aí, eu perguntei: o que foi? E ele disse: bom dia! Nada mais do que bom dia. Ele não sabia o que aquele dia significava para mim. Sonhos, fantasias e aspirações... Tudo iria se tornar real, enfim, com a execução daquele quadro. Eu tentei explicar para ele que a verdade era relativa, que cada pessoa vê a outra à sua maneira. Ele me chamou de lunático. Eu dei uma risada e disse: está aí a prova do que eu disse. O lunático que você vê, não existe. Quando eu pude entrar, dei de cara com aquela velha mexeriqueira. Entrei no ateliê e comecei a preparar a tela e as tintas. Foi quando ela chegou. Estava com o mesmo vestido da véspera e explicou que passara a noite em claro, numa festa. Aí eu pedi que sentasse no lugar indicado e que olhasse para o alto, que imaginasse inocência e sofrimento... que... Aí ela me enlaçou o pescoço com os braços e disse que eu era simpático. Eu afastei seus braços e perguntei se ela tinha bebido. Ela disse que sim, que a festa estava ótima, que foi pena eu não ter estado lá e que sentiu a minha falta. Enfim, que estava gostando de mim. Quando ela me enlaçou de novo eu a empurrei e ela caiu no divã e gritou.

Nesse instante a faxineira entrou e saiu berrando: Assassino! Assassino!

A loura levantou-se e foi embora. Antes, me chamou de idiota. Então, eu suspirei e disse: ah, minha Madona!

Peça a opinião das equipes depois de conhecerem a versão do Miguel. Finalize a dinâmica com a conclusão sobre as consequências na precipitação do julgamento.

II – TEXTOS E POESIAS PARA O CURSO SUSTENTA!

Texto de Eugênio Giovenardi do livro As árvores falam: Crônicas (2012, p.21) e a letra da música Frutos da Terra de Luiz Gonzaga usados na abertura dos encontros do curso Sustenta!

Plantar e colher

Eugênio Giovenardi

É tempo de colher frutos de plantas que plantei há vinte ou trinta anos e de outras que mãos ou bicos invisíveis deixaram cair neste chão há milhares de anos.

- Nós nem éramos nascidas, disse Ingrid que no mês passado completara 15 anos.

Quando me propus a plantar uma jabuticabeira, alguém me disse que eu dificilmente comeria de seus frutos.

Não sei se ele pensava que eu morreria logo ou porque esse tipo de planta leva 30 anos para produzir frutos.

- Trinta anos? - Admirou-se Valentina

Pois é. Trinta anos depois, estou vivo e colho frutas das árvores que plantei e de outras que brotaram pela mão da natureza: jabuticabeiras, pitangueiras, goiabeiras, cajazeiras, amoreiras. Mas se eu não alcançasse a desfrutar essas árvores, minha filha, minhas netas, suas amigas e os filhos dos caseiros teriam e têm essa doce oportunidade.

As plantas dão de graça o que produzem e esperam pacientemente a passagem dos meses para se revestirem, no próximo ano, de abundantes frutos em cores variadas.

Frutos da Terra

Luiz Gonzaga

Esta terra dá de tudo
Que se possa imaginar
Sapoti, jabuticaba
Mangaba, maracujá

Cajá-manga, murici
Cana-caiana, juá
Graviola, umbu, pitomba
Araticum, araçá

Engenho Velho,
Canavial,
Favo de mel
No meu quintal

O fruto bom dá no tempo
No pé pra gente tirar
Quem colhe fora do tempo
Não sabe o que o tempo dá

Beber a água na fonte
Ver o dia clarear
Jogar o corpo na areia
Ouvir as ondas do mar

Engenho Velho,
Canavial,
Favo de mel
No meu quintal